

# A VOZ DO SILÊNCIO

*Helena Petrovna Blavatsky*  
(Traduzido por Fernando Pessoa)

## PREFÁCIO (Da tradução inglesa)

As páginas seguintes são extraídas do *Livro dos Preceitos de Ouro*, uma das obras lidas pelos estudiosos do misticismo no Oriente. O seu conhecimento é obrigatório naquela escola cujos ensinamentos são aceitos por muitos teosofistas. Por isso, como sei de cor muitos destes preceitos, o trabalho de traduzi-los foi para mim fácil tarefa.

É bem sabido que na Índia os métodos de desenvolvimento psíquico divergem segundo os Gurus (professores ou mestres), não só porque eles pertencem a diferentes escolas filosóficas, das quais há seis, mas também porque cada Guru tem o seu sistema, que em geral mantém cuidadosamente secreto. Mas, para além dos Himalaias, não há diferença de métodos nas escolas esotéricas, a não ser que o Guru seja simplesmente um Lama, pouco mais sabendo do que aqueles a quem ensina.

A obra, de onde são os trechos que traduzo, forma parte da mesma série de onde são tiradas as estrofes do *Livro de Dzyan* sobre que A Doutrina Secreta se baseia. Juntamente com a obra mística chamada *Paramartha*, a qual segundo nos diz a lenda de Nagarjuna, foi ditada ao grande Arhat pelos Nagas ou serpentes - nome dado aos antigos iniciados - o *Livro dos Preceitos Áureos* invoca a mesma origem. As suas máximas e conceitos, porém, por nobres e originais que sejam, encontram-se muitas vezes, sob formas diversas, em obras sânscritas, tais como o *Jnaneshvari*, esse soberbo tratado místico em que Krishna descreve a Arjuna, em cores brilhantes, a condição dum iogue plenamente iluminado; e ainda em certos Upanishads. Isto, afinal, é naturalíssimo, visto que quase todos, senão todos, os maiores Arhats, os primeiros seguidores do Gautama Buda, foram hindus e árias, e não mongóis, sobretudo aqueles que emigraram para o Tibete. As obras deixadas apenas por Aryasanghas são, por si só, numerosíssimas.

Os preceitos originais estão gravados sobre lâminas oblongas delgadas; as cópias, muitas vezes, sobre discos. Estes discos ou chapas são geralmente conservados nos altares dos templos ligados aos centros onde estão estabelecidas as chamadas escolas "contemplativas" ou Mahayana (Yogacharya). Estão escritos de diversas maneiras, às vezes no idioma tibetano, mas principalmente em ideógrafos. A língua sacerdotal (senzar), além de por um alfabeto seu, pode ser traduzida em várias maneiras de escrita em caracteres cifrados, que têm mais de ideogramas do que de sílabas. Um outro método (lug, em tibetano) é o de empregar os números e as cores, cada um dos quais corresponde a uma letra do alfabeto tibetano (trinta letras simples e setenta e quatro compostas), formando assim um alfabeto criptográfico completo. Quando se empregam os ideógrafos há uma maneira certa de ler o texto, pois, neste caso, os símbolos e os sinais usados na astrologia, isto é, os doze animais zodíacos e as sete cores primárias, cada uma tripla em seu matiz (claro, primário e escuro), representam as trinta e três letras do alfabeto simples, formando palavras e orações. Porque, neste método, os doze animais, cinco vezes repetidos e juntos aos cinco elementos e às sete cores, compõem um alfabeto completo de setenta e sete letras sagradas e doze signos. Um signo posto no princípio de um parágrafo indica se o leitor tem de soletrar segundo o modo índio (em que cada palavra é apenas uma adaptação, sânscrita), ou segundo o princípio chinês de ler os ideógrafos. O método mais fácil é, porém, aquele que não deixa o leitor empregar qualquer língua especial, ou o que quiser, visto que os sinais e os símbolos eram, como os números ou algarismos arábicos, propriedade comum e internacional entre os místicos iniciados e os seus seguidores. A mesma peculiaridade é característica de uma das maneiras chinesas de escrever, que pode ser lida com igual facilidade por qualquer pessoa conhecedora dos caracteres: por exemplo, um japonês pode lê-la na sua língua tão prontamente como um chinês na sua.

O *Livro dos Preceitos Áureos* - alguns dos quais são pré-budísticos, ao passo que outros pertencem a um época posterior - contém uns noventa pequenos tratados distintos. Destes aprendi de cor, há muitos anos, trinta e nove. Para traduzir os outros, teria de me referir a apontamentos dispersos entre um número de papéis e notas, representando um estudo de 20 anos e nunca postos em ordem, demasiado grande para que a tarefa fosse fácil. Nem poderiam ser, todos, traduzidos e dados a um mundo por demais egoísta e atado aos objetos dos sentidos, para que pudesse estar preparado a receber, com a devida atitude do espírito, uma moral tão elevada. Porque, a não ser que um homem se entregue perseverantemente ao culto do conhecimento de si próprio, nunca poderá de bom grado dar ouvidos a conselhos desta natureza.

E, contudo, esta moral enche tomos e tomos da literatura oriental, sobretudo nos Upanishads. "Mata todo o desejo de viver" - diz Krishna a Arjuna. Esse desejo mora apenas no corpo, veículo do ser encarnado, e não na própria Individualidade, que é "eterna, indestrutível, que não mata nem é mortal".) "Mata a sensação", ensina o *Sutta Nipata*; "olha do mesmo modo para o prazer e para a dor, para o ganho e para a perda, para a vitória e para a derrota". E ainda "busca abrigo só no eterno" (ibid.) "Destrói o sentido da existência separada" - repete Krishna de variadas maneiras. "O Espírito (Manas), que segue os sentidos vagabundos torna a alma (Budhi) tão inerte como o barco que o vento arrasa sobre as águas" (*Bhagavad Gita, II 67*).

Por isso se julgou melhor fazer uma escolha judiciosa só entre aqueles tratados que mais sirvam aos poucos verdadeiro místicos que há na Sociedade Teosófica, e que com certeza se ajustem às suas necessidades. Só esses compreenderão estas palavras de Krishna-Christos, a Personalidade Superior.

"Sábios, não choreis nem pelos vivos nem pelos mortos. Nunca deixei de existir, nem vós, nem estes reis dos homens; nem no futuro deixará qualquer um de nós de existir" (*Bhagavad Gita, II 11-12*).

## PRIMEIRO FRAGMENTO

-

## A VOZ DO SILÊNCIO

Estas instruções são para aqueles que não conhecem os perigos dos Iddhi (1) inferiores.

Aquele que quiser ouvir a voz de Nada (2), o Som sem som, e compreendê-la, terá de aprender a natureza do Dharana (3).

Tendo-se tornado indiferente aos objetos da percepção, deve o aluno procurar o Raja dos sentidos, o produtor de pensamentos, aquele que acorda a ilusão.

A Mente é a grande assassina do Real.

Que o discípulo mate o assassino.

Porque quando para si mesmo a sua própria forma parece irreal, como o parecem, ao acordar, todas as formas que ele vê em sonhos; quando deixar de ouvir os muitos, poderá divisar o Um - o som interior que mata o exterior.

Então, e só então, abandonará ele a região de Asat, o falso, para chegar ao reino de Sat, o verdadeiro.

Antes que a Alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior, e os olhos da carne tornados cegos a toda a ilusão.

Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar surda aos rugidos como aos segredos, aos gritos dos elefantes em fúria como ao sussurro prateado do pirilampo de ouro.

Antes que a Alma possa compreender e recordar, ela deve primeiro unir-se ao Falador Silencioso, como a forma que é dada ao barro se uniu primeiro ao espírito do escultor.

Porque então a Alma ouvirá e poderá recordar-se.

E então ao ouvido interior falará

## A Voz do Silêncio

e dirá:

Se a tua Alma sorri ao banhar-se ao sol da tua vida; se a tua Alma canta dentro da sua crisálida de carne e de matéria; se a tua Alma chora dentro do seu castelo de ilusão; se a tua Alma se esforça por quebrar o fio de prata que a liga ao Mestre (4); sabe, ó discípulo, que a tua Alma é da terra.

Quando ao tumulto do mundo a tua Alma (5) que desabrocha dá ouvidos; quando à voz clamorosa da grande ilusão (6) a tua Alma responde; quando se assusta ao ver as lágrimas quentes da dor, quando a ensurdecem os gemidos da angústia, quando a Alma se retira, como a tartaruga tímida, para dentro da concha da personalidade, sabe, ó discípulo, que do seu Deus silencioso a tua Alma é um sacrário indigno.

Quando, já mais forte, a tua Alma vai saindo do seu retiro seguro; quando, deixando o sacrário protetor, estende o seu fio de prata e avança; quando, ao contemplar a sua imagem nas ondas do espaço, ela murmura, "Isto sou eu" - declara, ó discípulo, que a tua Alma está presa nas teias da ilusão (7).

Esta terra, discípulo, é a sala da tristeza, onde existem, pelo caminho das duras provações, armadilhas para prender o teu Eu na ilusão chamada "a grande heresia" (8).

Esta terra, ó discípulo ignaro, não é senão a triste entrada para aquele crepúsculo que precede o vale da verdadeira luz - essa luz que nenhum vento pode apagar, e que arde sem óleo nem pavio.

Diz a grande Lei: "Para te tornares o conhecedor da Personalidade Total (9), tens primeiro de conhecer a Personalidade". Para chegares ao conhecimento dessa Personalidade, tens de abandonar a personalidade à não-personalidade, o ser ao não-ser, e poderás então repousar entre as asas da Grande Ave. Sim, suave é o descanso entre as asas daquilo que não nasce, nem morre, mas é o AUM (10) através de eras eternas (11).

Cavalga a Ave da Vida, se queres saber (12).

Abandona a tua vida, se queres viver (13).

Três salas, ó cansado peregrino, conduzem ao fim dos trabalhos. Três salas, ó conquistador de Mara, te trarão através de três estados (14) até ao quarto (15), e daí até aos sete mundos (16), os mundos do descanso eterno.

Se queres saber os seus nomes, escuta-os e aprende-os.

O nome da primeira sala é Ignorância - Avidya. É a sala em que viste a luz, em que vives e há de morrer (17).

O nome da segunda sala é a Sala da Aprendizagem (18). Nela a tua Alma encontrará as flores da vida, mas debaixo de cada flor uma serpente enrolada (19).

O nome da terceira sala é Sabedoria, para além da qual se estende o mar sem praias de Akshara, a fonte indestrutível da onisciência (20).

Se queres atravessar seguramente a primeira sala, que o teu espírito não tome os fogos da luxúria que ali ardem pela luz do sol da vida.

Se queres atravessar seguramente a segunda, não pares a aspirar o perfume das suas flores embriagantes. Se queres ver-te livre das peias cármicas, não procures o teu Guru nessas regiões mayávicas.

Os sábios não se demoram nas regiões de prazer dos sentidos.

Os sábios não dão ouvidos às vozes musicais da ilusão.

Procura aquele, que te dará o ser (21), na Sala da Sabedoria, a sala que está para além, onde todas as sombras são desconhecidas e onde a luz da verdade brilha como uma glória imorredoura.

Aquilo que é incriado está dentro de ti, discípulo, assim como está naquela sala. Se queres possuí-lo, e unir as duas coisas, tens de despir os teus negros trajes de ilusão. Abafa a voz da carne, não deixes que qualquer imagem dos sentidos se entreponha entre a sua luz e a tua, para que assim as duas se fundam em uma. E, tendo aprendido a tua Ajnana (22), abandona a Sala da Aprendizagem. Essa sala é perigosa pela sua beleza pérfida, e só é precisa para a tua provação. Acautela-te Lanu, não vá a tua Alma, entontecida pelo brilho ilusório, demorar-se e enredar-se na sua luz enganadora.

Esta luz brilha na jóia do grande enganador (Mara) (23). Enfeitiça os sentidos, cega o espírito e deixa o descuidado naufragado e sozinho.

A borboleta atraída para a chama da tua lâmpada noturna está condenada a ficar morta no azeite. A alma incauta, que não pode defrontar-se com o demônio escarninho da ilusão, voltará ao mundo escrava de Mara.

Olha as hostes das Almas. Vê como elas pairam sobre o mar tempestuoso da vida humana, e como, exaustas, sangrando, de asas quebradas, caem, uma após outra, nas ondas encapeladas. Batidas pelos ventos ferozes, perseguidas pelos vendavais, são arrastadas para os sorvedouros e somem-se pelo primeiro grande vértice que encontram.

Se, passando pela Sala da Sabedoria, queres chegar ao vale da felicidade, fecha, discípulo, os teus sentidos à grande e cruel heresia da separação, que te afasta dos outros.

Que aquilo que em ti é de origem divina não se separe, engolfando-se no mar de Maya (24), do Pai Universal (a Alma), mas que o Poder de Fogo (25) se retire para a câmara interior, a câmara do coração (26), e o domicílio da Mãe do Mundo (27).

Então do coração esse poder subirá até à sexta região, à região média, ao lugar entre os teus olhos, quando se toma a respiração da Alma-Única, a voz que enche tudo, a voz do seu Mestre.

É só então que te podes tornar um “que anda nos céus” (28), que pisa os ventos por cima das ondas, cujo passo não toca nas águas.

Antes que ponhas o pé sobre o degrau superior da escada, da escada dos sons místicos, tens de ouvir de sete maneiras a voz do teu Deus interior (29).

A primeira é como a voz suave do rouxinol cantando à sua companheira uma canção

de despedida.

A segunda vem como o som de um címbalo de prata dos Dhyanis, acordando as estrelas lucilantes.

A terceira é como o lamento melodioso de um espírito do oceano prisioneiro na sua concha.

E a esta segue-se o canto da vira (30).

A quinta, como o som de uma flauta de bambu, grita aos teus ouvidos.

Muda depois para um clamor de trompa.

A última vibra como o rumor surdo de uma nuvem de trovoadas.

A sétima absorve todos os outros sons. Eles morrem, e não tornam a ouvir-se.

Quando os seis (31) estão mortos e postos aos pés do mestre, então se entrega o aluno no Único (32), se torna esse Único e nele vive.

Antes que possas entrar para esse caminho, tens de destruir o teu corpo lunar (33), e limpar o teu corpo mental (34), assim como o teu coração.

As águas puras da vida eterna, límpidas e cristalinas, não podem misturar-se com as torrentes lamacentas da tempestade de monção.

O orvalho do céu brilhando ao primeiro raio do sol no coração do lótus, quando cai na terra torna-se uma gota de lama; vede como a pérola se tornou uma porção de lodo.

Luta com os teus pensamentos desonestos antes que eles te dominem. Trata-os como eles te querem tratar, porque, se os poupas, criarão raízes e crescerão, e repara, esses pensamentos dominar-te-ão até que te matem. Acautela-te, discípulo, não deixes aproximar-se mesmo a sua sombra. Porque ela crescerá, aumentará em tamanho e poder, e então essa coisa escura observará o teu ser antes que te apercebas da presença do monstro hediondo e negro.

Antes que o poder místico (35) te possa fazer um Deus, Lanu, deves ter adquirido a faculdade de matar, quando quiseres, a tua forma lunar.

A pessoa da matéria e a Pessoa do Espírito nunca se podem encontrar. Uma delas tem de desaparecer; não há lugar para ambas.

Antes que a mente da tua Alma possa compreender, deve a flor da personalidade ser esmagada em botão, e o verme dos sentidos destruído até não poder ressurgir.

Não podes caminhar no Caminho enquanto não te tornares, tu próprio, esse Caminho (36).

Que a tua Alma dê ouvidos a todo o grito de dor como a flor de lótus abre o seu seio para beber o sol matutino.

Que o sol feroz não seque uma única lágrima de dor antes que a tenhas limpado dos olhos de quem sofre.

Que cada lágrima humana escaldante caia no teu coração e aí fique; nem nunca a tires enquanto durar a dor que a produziu.

Estas lágrimas, ó tu de coração tão compassivo, são os rios que irrigam os campos da caridade imortal. É neste terreno que cresce a flor noturna de Buda (37), mais difícil de achar, mais rara de ver, do que a flor da árvore Vogay. É a semente da libertação do renascer. Ela

isola o Arhat tanto da luta como da luxúria, leva-o através dos campos do ser para a paz e a felicidade que só se conhecem na terra do silêncio e do não-ser.

Mata o desejo; mas se o matares, cuida bem em que ele não renasça da morte.

Mata o amor da vida; mas se matares Tanha (38), que isso não seja pela ânsia da vida eterna, mas para substituir o evanescente pelo eterno.

Não desejes nada. Não te indignes contra o Carma, nem contra as leis imutáveis da natureza. Mas luta apenas com o pessoal, o transitório, o evanescente e o que tem de perecer.

Auxilia a natureza e trabalha com ela; e a natureza ter-te-á por um dos seus criadores, obedecendo-te.

E ela abrirá de par em par diante de ti as portas das suas câmaras secretas, desnudará ao teu ornar os tesouros ocultos nas profundezas do seu seio virgem. Impoluída pela mão da matéria, ela revela os seus tesouros apenas aos olhos do Espírito - os olhos que nunca se fecham, os olhos para os quais não há véu em todos os seus remos.

Então ela te mostrará o meio e a senda, a primeira porta, e a segunda, e a terceira, até à própria sétima porta. E então a meta, para além da qual estão, banhadas pelo sol do Espírito, glórias indizíveis, que só o olhar da Alma pode ver.

Há só uma senda até ao Caminho; só chegado bem ao fim se pode ouvir a Voz do Silêncio. A escada pela qual o candidato sobe é formada por degraus de sofrimento e de dor; estes só podem ser calados pela voz da virtude. Ai de ti, pois, discípulo, se há um único vício que não abandonaste; porque então a escada abaterá e far-te-á cair; a sua base assenta no lodo fundo dos teus pecados e defeitos, e antes que possas tentar atravessar esse largo abismo de matéria, tens de lavar os teus pés nas águas da renúncia. Acautela-te, não vás pousar um pé ainda sujo no primeiro degrau da escada. Ai daquele que ousa poluir um degrau com seus pés lamacentos. A lama vil e viscosa secará, tornar-se-á pegajosa, e acabara por colar-lhe o pé ao degrau; e, como uma ave presa no visco do caçador sutil, ele será afastado de todo o progresso ulterior. Os seus vícios tomarão forma e puxá-lo-ão para baixo. Os seus pecados erguerão a voz, como o riso e soluço do chacal depois do sol se por; os seus pensamentos tornar-se-ão um exército e levá-lo-ão consigo, como um escravo cativo.

Mata os teus desejos, Lanu; torna os teus vícios impotentes, até dares o primeiro passo na jornada solene.

Estrangula os teus pecados, torna-os mudos para sempre, antes que ergas um pé para subir a escada.

Faze calar os teus pensamentos e concentra toda a tua atenção sobre o teu Mestre, que tu por enquanto não vês, mas sentes.

Funde num só sentido todos os teus sentidos, se queres tomar-te seguro contra o inimigo. É só por aquele sentido que está oculto no vácuo do teu cérebro, que o caminho íngreme que conduz ao teu Mestre se pode revelar aos olhos indecisos da tua, Alma.

Longa e fatigante é a senda ante ti, ó discípulo. Um único pensamento a respeito do passado que abandonaste puxar-te-á para baixo, e terás novamente de começar a ascensão.

Mata em ti toda a recordação de experiências passadas. Não te voltes para trás ou estás perdido.

Não creias que a luxúria pode alguma vez ser morta se é satisfeita ou saciada, porque isso é uma abominação inspirada por Mara.

É alimentando o vício que ele se expande e torna forte, como o verme que se alimenta no seio da flor.

A rosa tem de tornar a ser o botão, nascido da sua haste paterna, antes que o parasita lhe tenha roído o seio e bebido a seiva da sua vida.

A árvore dourada dá flores de jóia, antes que o seu tronco esteja gasto pela tormenta.

O aluno tem de tornar ao estado de infância que perdeu antes que o primeiro som lhe possa soar ao ouvido.

A luz do único Mestre, a única, eterna, luz dourada do Espírito, derrama os seus raios fulgurantes sobre o discípulo desde o princípio. Os seus raios atravessam as nuvens espessas e pesadas da matéria.

Ora aqui, ora ali, esses raios iluminam-na, como os raios do sol iluminam a terra através das espessas folhas da floresta. Mas, ó discípulo, a não ser que a carne seja passiva, a cabeça lúcida, a Alma firme e pura como um diamante que cintila, o fulgor não chegará à câmara, a sua luz do sol não aquecerá o coração, nem os sons místicos das alturas akashicas (39) chegarão ao ouvido, por atento que ele esteja, no estágio inicial.

A não ser que ouças, não poderás ver.

A não ser que vejas, não poderás ouvir. Ouvir e ver, eis o segundo estágio.

.....

Quando o discípulo vê e ouve, e quando cheira e gosta, com os olhos fechados, os ouvidos fechados, tapados o nariz e a boca; quando os quatro sentidos se fundem e estão prontos a tornar-se o quinto, aquele do tato interior - então passou ele para o quarto estágio.

E no quinto, á matador dos teus pensamentos, todos estes têm de ser outra vez mortos até não ser possível reanimarem-se (40).

Retira a tua mente de todos os objetos externos, de todas as vistas externas. Retira as imagens internas, para que não lancem uma sombra negra sobre a luz da tua Alma.

Estás agora em Dharana (41), o sexto estágio.

Quando tiveres passado para o sétimo, ó bem-aventurado, não mais verás os Três sagrados (42), porque te terás, tu próprio, tornado esses Três. Tu próprio e a mente, como gêmeos sobre uma linha, a estrela que é o teu guia brilha por cima, nas alturas (43). Os Três que moram na glória e na felicidade inefáveis, agora perderam os seus nomes no mundo de Maya. Tornaram-se uma só estrela, o fogo que arde mas não queima, o fogo que é o Upadhi (44) da chama.

E isto, ó iogue do sucesso, é aquilo a que os homens chamam Dhyana (45), o verdadeiro precursor do Samadhi (46).

E agora a tua personalidade está perdida na Personalidade, tu para contigo próprio imerso naquela Personalidade de onde primeiro irradiaste.

Onde está a tua individualidade, Lanu, onde está o próprio Lanu? É a fagulha perdida no meio do fogo, a gota dentro do oceano, o raio de luz sempre presente tornado o Todo e o fulgor eterno.

E agora, Lanu, tu és o agente e a testemunha, o que irradia e a irradiação, a luz no som, e o som na luz.

Conheces, ó bem-aventurado, os cinco impedimentos. Tu és o seu conquistador, o mestre do sexto, libertador dos quatro modos da verdade (47) - A luz que cai sobre eles brilha de ti, à tu que foste discípulo, mas agora és professor.

E destes modos da verdade:

Não atravessaste tu o conhecimento de toda a dor - primeira verdade?

Não venceste tu o rei dos Maras em Tsi, a porta da reunião (48) - segunda verdade?

Não destruíste tu o pecado à terceira porta, atingindo a terceira verdade?

Não entraste tu para Tau, o caminho que leva ao conhecimento (49) a quarta verdade?

E agora, descansa sob a árvore de Bodhi, que é a perfeição de todo o conhecimento, porque, sabe-o, és possuidor de Samadhi - o estado da visão infalível.

Vê! tornaste-te a luz, tornaste-te o som, és o teu Mestre e o teu Deus. Tu próprio és o objeto da tua busca: a voz sem falha, que ressoa através de eternidades, isenta de mudança, isenta de pecado, os sete sons em um,

## A Voz do Silêncio.

*Om Tat Sat.*

## SEGUNDO FRAGMENTO

### OS DOIS CAMINHOS

E AGORA, ó Mestre da compaixão, ensina tu o caminho aos outros homens. Olha, todos aqueles que, batendo para que os admitam, esperam na ignorância e na escuridão ver abrir-se a porta da suave Lei!

A voz dos candidatos:

Não quererás tu, Mestre da tua própria misericórdia, revelar a doutrina do coração (50)? Recusar-te-ás a conduzir os teus servos até ao Caminho da libertação?

Diz o mestre:

Os caminhos são dois; as grandes perfeições três; seis as virtudes que transformam o corpo na árvore da sabedoria (51).

Quem se aproximará delas?

Quem primeiro entrará para elas?

Quem primeiro ouvirá a doutrina dos dois caminhos em um, a verdade sem véu a respeito do Coração Secreto (52)? A lei que, rejeitando o aprender, ensina a sabedoria, revela uma história de dor.

Ai de nós, ai de nós, que todos os homens possuam Alaya, sejam unos com a grande Alma, e que, possuindo-a, Alaya de tão pouco lhes sirva!

Repara como, qual a lua se reflete nas ondas tranqüilas, Alaya é refletida pelos pequenos e pelos grandes, espelhado nos átomos ínfimos, e contudo não consegue chegar ao coração de todos. Ai de nós, que tão poucos sejam os homens que se aproveitem do dom, do



dom sem preço, de aprender a verdade, a verdadeira percepção das coisas existentes, o conhecimento do não-existente!

Diz o aluno:

Ó Mestre, que farei eu para atingir a sabedoria? Ó Sábio, que farei para conseguir a perfeição?

Procura os caminhos. Mas, ó Lanu, sê puro de coração antes que comeces a tua jornada. Antes que dêes o primeiro passo, aprende a separar o real do falso, o transitório do eterno. Aprende sobretudo a separar a ciência da cabeça da sabedoria da Alma, a doutrina dos “olhos” da doutrina do “coração”.

Sim, a ignorância é como uma vasilha fechada e sem ar; a Alma uma ave dentro dela. Não canta, nem pode mexer uma pena; mas jaz num torpor e morre de não poder respirar.

Mas mesmo a ignorância é melhor do que a ciência de cabeça sem a sabedoria de Alma para a iluminar e guiar.

As sementes da sabedoria não podem germinar e crescer no espaço sem ar. Para viver e comer experiência, o espírito precisa espaço e profundidade e pontos que o guiem para a Alma de Diamante (53). Não procures esses pontos no reino de Maya; mas ergue-te acima das ilusões, busca o eterno e imutável Sat (54), desconfiando das falsas sugestões de fantasia.

Porque a mente é como um espelho; cobre-se de pó ao mesmo tempo que reflete (55). Precisa que as brisas leves da sabedoria de Alma limpem o pó das nossas ilusões. Procura, ó principiante, fundir a tua mente e a tua Alma.

Afasta-te da ignorância e da ilusão também. Vira o rosto às decepções do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles mentem. Mas dentro do teu corpo - escrínio das tuas sensações - procura no impessoal o Homem Eterno (56) e, tendo-o procurado, olha para dentro; tu és Buda (57).

Rejeita o aplauso, ó crente; o aplauso conduz à ilusão de si próprio. O teu corpo não é Personalidade, a tua Personalidade é, em si, sem corpo, e o elogio ou a censura não a atingem.

O contentamento de si próprio, ó discípulo, é uma torre altíssima, à qual um insensato orgulhoso subiu. Ali se senta em orgulhosa solidão, invisível a todos, salvo a si próprio.

A falsa ciência é rejeitada pelos sábios, e espalhada aos ventos pela Boa Lei. A sua roda gira para todos, tanto para os humildes como para os orgulhosos. A doutrina dos olhos é para a multidão; a doutrina do coração para os eleitos. Os primeiros repetem, orgulhosos: “Vede, eu sei”; os últimos, aqueles que humildemente fizeram a sua colheita, confessam em voz baixa: “Assim ouvi” (58).

“A Grande Joeira” é o nome da Doutrina do Coração, ó discípulo.

A roda da Boa Lei gira rapidamente. Noite e dia mói. Afasta o joio do trigo dourado, e a casca da farinha. A mão do Carma guia a roda; as rotações marcam o bater do coração cármico.

O verdadeiro conhecimento é a farinha, a falsa ciência é a casca. Se queres comer o pão da sabedoria, tens de amassar a tua farinha com a água límpida de Amrita (59). Mas, se amassas cascas com o orvalho de Maya, só podes criar alimento para as pombas negras da morte, as aves da nasença, da decadência e da tristeza.

Se te disserem que para te tornares Arhan tens de deixar de amar todas as coisas - dize-lhes que mentem.

Se te disserem que para te libertares tens de odiar a tua mãe e desprezar o teu filho; de renegar o teu pai e chamar-lhe dono de casa (60); de renunciar toda a compaixão pelos homens e pelos animais - dize-lhes que as suas palavras são falsas.

Assim ensinam os Tirthikas (61), os descrentes.

Se te ensinarem que o pecado nasce da ação e a felicidade da inação absoluta, dize-lhes que se enganam. A não-permanência da ação humana, a libertação da mente da sua escravidão pela cessação do pecado e das culpas não são coisas para os Eus Devas (62). Assim reza a doutrina do coração.

O Dharma (63) dos olhos é a corporização do externo e do não-existente.

O Dharma do coração é a corporização de Bodhi (64), o eterno e o permanente.

A lâmpada brilha bastante quando estão limpos pavio e óleo. Para limpá-los é preciso quem os limpe. A chama não sente o processo de limpeza. “Os ramos de uma árvore são sacudidos pelo vento; o tronco fica imóvel”.

Tanto a ação como a inação podem caber em ti; o teu corpo agitado, a tua mente tranqüila, a tua Alma límpida como um lago de montanha.

Queres tu tornar-te um iogue do círculo do tempo? Então, ó Lanu:

Não creias que sentando-te em florestas escuras, em orgulhosa reclusão, longe dos homens; não creias que a vida alimentada a plantas e raízes, saciada a sede com a neve da grande Cordilheira - não creias, ó devoto, que isto te levará à meta da libertação final.

Não julgues que o partir dos ossos, o rasgar da carne e dos músculos, te unirá à tua Personalidade silenciosa (65). Não julgues que quando estão vencidos os pecados da tua forma grosseira, ó vítima das tuas sombras (66), o teu dever está cumprido para com a natureza e com os homens.

Os bem-aventurados não quiseram fazer assim. O Leão da Lei, o Senhor da Misericórdia (67), percebendo a verdadeira causa da dor humana, imediatamente abandonou o repouso suave mas egoísta das solidões sossegadas. De Aranyaka (68) tornou-se o Mestre da humanidade. Depois de Julai (69) ter entrado para o Nirvana, ele pregou em montanhas e planícies, fez sermões nas cidades, aos Devas, aos homens e aos Deuses (70).

Semeia boas ações e colherás o seu fruto. A inação num ato de misericórdia passa a ser a ação num pecado mortal.

Assim diz o Sábio:

Por que queres abster-te da ação? Não é assim que a tua Alma conseguirá a sua liberdade. Para chegar ao Nirvana é preciso chegar ao conhecimento de Si próprio, e o conhecimento de Si próprio é filho de ações caridosas.

Tem paciência, candidato, como quem não teme falhar, nem procura triunfar. Fixa o olhar da tua Alma na estrela cujo raio és (71), a estrela chamejante que brilha nas profundezas sem luz do ser eterno, nos campos sem limite do desconhecido.

Tem perseverança, como aquele que tem de sofrer eternamente. As tuas sombras vivem e desaparecem (72); aquilo que em ti viverá para sempre, aquilo que em ti conhece (porque é o conhecimento) não é da vida transitória; é o Homem que foi, que é, e que há de ser, para quem a hora nunca soará.

Se queres colher a suave paz e o descanso, discípulo, semeia as sementes do mérito nos campos das colheitas futuras. Aceita as dores da nascença.

Afasta-te da luz do sol para a sombra, para dares mais espaço aos outros. As lágrimas que regam o solo árido da dor e da tristeza fazem nascer as flores e os frutos da retribuição cármica. Da fornalha da vida humana e do seu fumo denso, saltam chamas aladas, chamas purificadas, que, erguendo-se alto, sob o olhar cármico, tecem por fim o tecido glorioso das três vestes do Caminho (73).

Essas vestes são: Nirmanakaya, Sambhogakaya, e Dharmakaya, traje sublime (73).

A veste Shangna, (74) é certo, pode comprar a luz eterna. A veste Shangna, por si só, dá o Nirvana da destruição; pára o renascer, mas, ó Lanu, também mata a compaixão. Os Budas perfeitos, que vestem a glória do Dharmakaya, já não podem contribuir para a salvação humana. Ai de nós! Devem as personalidades ser sacrificadas a uma só? Deve a humanidade ser sacrificada ao bem de indivíduos?

Aprende, ó principiante, que este é o caminho aberto, o caminho para a felicidade egoísta, evitado pelos Bodhisattvas do Coração Secreto, os Budas da Compaixão.

Viver para servir a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis virtudes gloriosas (75) é o segundo.

Vestir a veste humilde do Nirmanakaya é rejeitar para si a felicidade eterna, para poder auxiliar a salvação humana. Chegar à felicidade do Nirvana, mas renunciar a ela, é o passo supremo, final - o mais alto no caminho da renúncia.

Aprende, ó discípulo, que é este o caminho secreto, escolhido pelos Budas da perfeição, que sacrificaram a sua Personalidade a personalidades mais fracas.

Mas, se a doutrina do coração é alta demais para ti, se precisas te auxiliar a ti próprio e receias oferecer auxílio aos outros - então, tu de coração tímido, acautela-te a tempo; contenta-te com a doutrina ocular da Lei. Continua esperando. Porque se o Caminho Secreto não é atingível hoje, amanhã (76) estará ao teu alcance, Aprende que não há esforço, por pequeno que seja quer no bom sentido, quer no mau - que possa perder-se e desaparecer no mundo das causas. Mesmo o fumo dado ao vento não é sem rastro. "Uma palavra brusca dita em vidas passadas não se perde, mas renasce sempre" (77). A pimenteira não produz rosas, nem a estrela de prata do jasmim se torna espinho ou cardo.

Podes criar hoje tuas oportunidades de amanhã. Na Grande Jornada (78), as causas semeadas cada hora produzem cada qual a sua colheita de efeitos, porque uma justiça inalterável rege o mundo. Com o vasto alcance de ação infalível ela traz aos mortais vida de alegria ou de angústia, a prole cármica dos nossos pensamentos e ações anteriores.

Aceita, pois, tanto quanto o mérito te reserva, ó de coração paciente. Anima-te e contenta-te com a sorte. Tal é o teu Carma, o Carma do ciclo dos teus nascimentos, o destino daqueles que, na sua dor e tristeza, nascem a ti ligados, riem e choram de vida a vida, presos às tuas ações anteriores.

Age tu por eles hoje, e eles agirão por ti amanhã.

É do botão da renúncia da sua própria personalidade que nasce o fruto doce da libertação final.

Condenado a perecer é aquele que por medo de Mara deixa de auxiliar os homens, receando agir em proveito próprio. O peregrino que quer refrescar os seus membros lassos em águas correntes, mas não mergulha por medo à corrente, arrisca-se a morrer de calor. A inação baseada no medo egoísta não pode dar senão mau fruto.

O devoto egoísta vive inutilmente. Vive em vão o homem que não realiza na vida a obra para que nasceu.

Segue a roda da vida; segue a roda do dever para com a tua raça e os do teu sangue, para com o amigo e o inimigo, e fecha a tua mente tanto aos prazeres como à dor. Esgota a lei da retribuição cármica. Adquire siddhis (79) para o teu nascimento futuro.

Se não podes ser o sol, sê então o humilde planeta. Sim, se te é impossível brilhar como o sol do meio-dia sobre o monte nevado da pureza eterna, então escolhe, ó neófito, uma carreira mais humilde.

Aponta o caminho - por vagamente que o faças, e perdido entre a multidão - como a estrela da tarde àqueles que caminham pela escuridão.

Olha Migmar (80), quando nos seus véus carmesins o seu olhar se derrama sobre a Terra que dorme. Olha a aura de fogo da mão de Lhagpa (81) estendida com amorosa proteção por sobre as cabeças dos seus ascetas. Ambos são agora servos de Nyima (82), ficando, na sua ausência, como sentinelas silenciosas na noite. Foram, contudo, em kalpas passados, Nyimas brilhantes, e talvez em dias futuros se tornem outra vez dois sóis. Tais são as descidas e subidas da lei cármica na natureza.

Sê, ó Lanu, como eles. Dá luz e conforto ao peregrino cansado, e procura aquele que sabe ainda menos do que tu; que na sua desolação miserável está faminto do pão da sabedoria e do pão que alimenta a sombra, sem Mestre, esperança ou consolação, e fá-lo ouvir a Lei.

Dize-lhe, ó candidato, que aquele que faz do orgulho e do egotismo servos da devoção; que aquele que, tenaz da sua existência, em todo o caso depõe a sua paciência e submissão à Lei como uma flor aos pés de Shakya-Thub-pa (83), se torna um Srotapatti (84) neste nascimento. Os Siddhis da perfeição podem ainda estar longe, muito longe; mas está dado o primeiro passo, ele entrou para o rio, e pode adquirir a visão da águia das montanhas, o ouvido da tímida corça.

Dize-lhe, ó aspirante, que a verdadeira devoção pode tornar a dar-lhe o conhecimento, aquele conhecimento que era seu nas suas vidas anteriores. A visão dévica e o ouvido dévico não se podem obter em uma breve vida.

Sê humilde, se queres adquirir a sabedoria: sê mais humilde ainda, quando a tiveres adquirido.

Sê como o oceano, que recebe todos os rios e riachos. A calma imensa do oceano não se perturba; recebe-os e não os sente.

Domina o teu ser interior com o teu ser divino. Domina o divino com o eterno.

Sim, grande é aquele que mata o desejo: maior ainda é aquele em quem a divina Personalidade matou o próprio conhecimento do desejo.

Põe-te de guarda ao inferior, para que não macule o superior.

O caminho para a libertação final está dentro da tua personalidade. Esse caminho começa e acaba fora da personalidade (85).

Sem elogios de todos os homens e humilde é a mãe de todos os rios na vista orgulhosa de Tirthika (86); vazia a forma humana, ainda que cheia das águas suaves de Amrita ao olhar dos insensatos. E, contudo, a origem dos rios sagrados é a terra sagrada (87), e aquele que possui a sabedoria é respeitado por todos os homens.

Arhans e Sábios da visão ilimitada (88) são raros como a flor da árvore Udumbara. Os Arhans nascem à meia-noite, com a planta sagrada de nove e sete caules (89), a flor sagrada que desabrocha e floresce na escuridão, saída do orvalho puro e do leite gelado das alturas nevadas, alturas que nenhum pé pecador pisou.

Nenhum Arhan, ó Lanu, se torna um naquela vida em que pela primeira vez a Alma começa a ansiar pela libertação final. E, contudo, ó ansioso, a nenhum guerreiro oferecendo-se

voluntariamente para a terrível luta entre o vivo e o morto (90), a nenhum recruta pode ser recusado o direito de entrar no caminho que conduz ao campo de batalha.

Porque ou vence ou cai.

Sim, se vence, o Nirvana será seu. Antes de abandonar a sua sombra, de enjeitar a sua veste mortal, essa causa abundante de angústia e de dor ilimitável, os homens honrarão nele um Buda grande e sagrado.

E se cai, mesmo assim não cai em vão; os inimigos que abateu na última batalha não tornarão a viver na sua próxima encarnação.

Mas, se queres chegar ao Nirvana, ou rejeitar esse prêmio (91), não deixes o fruto da ação e da inação ser o teu motivo, ó de coração indômito.

Aprende que ao Bodhisattva que troca a libertação pela renúncia para vestir as angústias da vida secreta (92), chama-se três vezes venerado, ó candidato à dor através dos ciclos.

O Caminho é um, discípulo, mas, no fim, duplo. Marcados estão os seus estágios por quatro e sete portas. A uma extremidade a felicidade imediata, à outra, felicidade renunciada. Ambos são a recompensa do mérito: a escolha a ti pertence.

O um toma-se os dois, o Aberto e o Secreto (93). O primeiro leva à meta, o segundo à imolação de si próprio.

Quando ao permanente o mutável se sacrifica, o prêmio é teu; volta a gota ao lugar de onde veio, O Caminho Aberto conduz à mudança imutável - Nirvana, o estado glorioso de absoluto, a felicidade para além da concepção humana.

Assim, o primeiro caminho é a Libertação.

Porém, o segundo caminho é a Renúncia; por isso é chamado o Caminho da Dor.

O Caminho Secreto conduz o Arhan a uma angústia mental inexprimível; dor pelos mortos que estão vivos (94), e compaixão inútil pelos homens da tristeza cármica; o fruto do Carma não ousam os Sábios fazer parar.

Porque está escrito: "Ensina a evitar todas as causas; à maré do efeito, como à grande onda, deixarás seguir o seu curso".

O Caminho Aberto, mal chegaste ao seu fim, levar-te-á a rejeitar o corpo bodhisattvico, e far-te-á entrar para o estado três vezes glorioso de Dharmakaya (95), que é o eterno esquecimento dos homens e do mundo.

A estrada secreta também conduz à felicidade paranirvânica - mas ao termo de kalpas inúmeros; Nirvanas ganhos e perdidos por uma piedade e compaixão ilimitadas pelo mundo de mortais iludidos.

Mas diz-se: "O último será o maior". Samyak Sambuda, o Mestre da perfeição, abandonou a sua Personalidade para salvação do mundo, parando no limiar do Nirvana, o estado de pureza.

.....

Tens agora o conhecimento a respeito dos dois Caminhos. Chegará o momento em que terás de escolher, ó de Alma ansiosa, quando tiveres chegado ao fim e passado as sete portas. A tua mente está lúcida. Já não estás preso a pensamentos ilusórios, porque aprendeste tudo. Sem véu está ante ti a Verdade, e fita-te gravemente. Diz ela:

"Doces são os frutos do descanso e da libertação por causa da Personalidade; porém,

mais doces ainda os frutos do dever longo e amargo; sim, da renúncia por amor aos outros, aos homens que sofrem”.

Aquele que se converte em Pratyeka-Buda só presta obediência à sua Personalidade.

O Bodhisattva que ganhou a batalha, que tem o prêmio na mão, mas exclama, na sua divina compaixão:

“Por amor aos outros abandono esta grande recompensa” - realiza a renúncia maior.

Ele é um Salvador do Mundo.

.....

Repara! A meta da felicidade e o longo Caminho da dor estão no extremo fim. Podes escolher um ou outro, ó aspirante à tristeza, através dos ciclos que hão de vir!

**Om vairapani hum**

## TERCEIRO FRAGMENTO

### AS SETE PORTAS

UPADHYA (96), a escola está feita. Anseio pela sabedoria. Rasgaste já o véu que escondia o caminho secreto e ensinaste o Yana (97) superior. O teu servo aqui está, pronto para que o guies.

Está bem, Shravaka (98). Prepara-te, porque terás de seguir sozinho, O mestre só pode apontar a direção. O caminho é um para todos, o meio de chegar à meta deve variar de peregrino para peregrino.

Qual é que vais escolher, ó de coração indômito? O Samtan (99) da doutrina dos olhos, o quádruplo Dhyana, ou abrirás caminho através das Paramitas (100), seis em número, nobres portas da virtude conduzindo a Bodhi e a Prajna, sétimo passo da sabedoria?

O caminho árduo do quádruplo Dhyana ondula montanha acima. Três vezes grande é aquele que chega ao píncaro altíssimo.

As alturas de Paramita são atravessadas por um caminho ainda mais íngreme. Tens de forçar o teu caminho através de sete portas, sete fortalezas guardadas por poderes cruéis e ardilosos - paixões encarnadas.

Anima-te, discípulo; tem sempre presente o preceito áureo. Uma vez passada a porta Srotapatti (101) “aquele que entrou para o rio” cujo pé foi posto sobre o leito do rio nirvânico nesta vida ou em qualquer vida futura, tem apenas diante dele mais sete nascimentos, ó homem de vontade de ferro.

Repara. Que vês tu diante dos teus olhos, ó aspirante à sabedoria divina?

“O manto da escuridão cobre a profundidade da matéria; nas suas dobras me debato. Aprofunda-se, Senhor, à medida que para ele olho; um gesto da tua mão o desfaz. Mexe-se uma sombra, arrastando-se como as dobras coleantes da serpente... Cresce, alastra-se, e desaparece na escuridão”.

É a sombra de ti próprio fora do Caminho, caindo sobre a escuridão dos teus pecados.

“Sim, Senhor, vejo o Caminho; o seu princípio fincado no lodo, o seu cimo perdido na nirvânica luz gloriosa: e agora vejo os portais cada vez mais estreitos na estrada árdua e

espinhosa para Jnana" (102).

Vês bem, Lanu. Esses portais levam o aspirante a atravessar o rio para a outra margem (103). Cada portal tem uma chave de ouro que abre a sua porta; e essas chaves são:

1. Dana, a chave da caridade e do amor imortal.

2. Shila, a chave da harmonia nas palavras e nos atos, a chave que contrabalança a causa e o efeito, não deixando mais espaço à ação cármica.

3. Kshanti, a paciência suave, que nada pode alterar.

4. Vairagya, a indiferença ao prazer e à dor, a ilusão vencida, só a verdade vista.

5. Virya, a energia indômita que abre o seu caminho para a verdade suprema, erguendo-se acima das mentiras terrenas.

6. Dhyana, cuja porta de ouro, uma vez aberta, leva o Naljor (104) para o reino de Sat, o eterno, e para a sua contemplação sem fim.

7. Prajna, cuja chave faz de um homem um Deus, criando-o um Bodhisattva, filho dos Dhyanis.

Tais são as chaves de ouro para esses portais.

Antes que te possas acercar do último, ó tecedor da tua liberdade, tens de possuir estas Paramitas da perfeição - as virtudes transcendentais em número de seis e dez - por esse longo caminho.

Porque, ó discípulo, antes que estivesses apto a encontrar o teu Mestre frente a frente, o teu Senhor luz a luz, que foi que te disseram?

Antes que te possas acercar da porta mais próxima tens de aprender a separar o teu corpo do teu espírito, e a viver no eterno. Para isto, tens de viver e respirar em tudo, como tudo que vês respira em ti; sentir-te existir em todas coisas, e todas as coisas em ti.

Não deixarás os teus sentidos fazer do teu espírito campo para o seu recreio.

Não separarás o teu ser do Ser, e do resto, mas fundirás o oceano na gota de água, e a gota de água no oceano.

Assim estarás em acordo com tudo quanto vive; ama os homens como se eles fossem os teus condiscípulos, discípulos do mesmo Mestre, filhos da mesma boa mãe.

Professores há muitos; a Alma-Mestra (105) é uma, Alaya, a Alma Universal. Vive nesse Mestre como o seu raio em ti. Vive nos teus semelhantes como eles nela.

Antes que estejas no limiar do Caminho; antes que entres pela primeira porta, tens de fundir os dois em um e sacrificar o pessoal à Personalidade impessoal, e assim destruir o caminho entre as duas - Antahkarana (106).

Tens de estar pronto para responder a Dharma, a lei austera, cuja voz te perguntará ao teu primeiro passo, ao teu passo inicial.

“Obedecestes a todas as regras, ó de altas esperanças?

“Pusestes o teu coração e a tua mente de acordo com a grande mente e o grande coração de toda a humanidade? Porque, como a voz sonora do grande rio, na qual todos os sons têm o seu eco (107), assim deve o coração daquele que queira entrar para o rio vibrar em resposta a cada suspiro e a cada pensamento de tudo quanto vive e respira”.

Os discípulos podem ser comparados a cordas da vina que produz eco nas almas; a humanidade, à sua caixa de ressonância; a mão que a vibra, à respiração melodiosa da

Grande Alma do Mundo. A corda que não vibra ao toque o Mestre, em harmonia suave com todas as outras, quebra-se e é deitada fora. Assim as mentes coletivas dos Lanu-Shravakas. Têm de ser afinadas para vibrar de acordo com o espírito do Upadhya - uno com a Super-Alma - ou se quebrará.

Assim fazem os irmãos da sombra - os assassinos das suas Almas, a horrível seita dos Dad-Dugpa (108).

Puseste o teu ser de acordo com a grande dor da humanidade, ó candidato à luz?

Fizeste assim?... Podes entrar. Antes, porém, que dêes um passo no duro caminho da tristeza, é bom que aprendas quais são os perigos da estrada.

.....

Armado com a chave da caridade, do amor e da terna misericórdia, podes estar tranqüilo ante a porta de Dana, a porta que fica à entrada do Caminho.

Vê, ó ditoso peregrino! O portal que tens diante de ti é alto e largo, parece de fácil acesso. A estrada que o atravessa é reta, suave e relvada. É como uma clareira cheia de sol no meio da floresta escura e funda, um lugar na terra refletindo o paraíso de Amitabha (109). Ali rouxinóis de esperança e aves de penas radiosas cantam em bosques verdejantes, trilando triunfos aos peregrinos sem receio. Cantam as cinco virtudes do Bodhisattva, a fonte quántupla do poder do Bodhi, e dos sete degraus no conhecimento.

Passa, segue para diante!. Trouxeste a chave: estás salvo.

Para a segunda porta a entrada é verde também, mas é íngreme e serpenteia montanha acima - sim, até ao cimo rochoso da montanha. Névoas cinzentas cobrirão o seu píncaro rude e pedregoso, e para além será tudo escuridão. À medida que avança, o cântico da esperança soa cada vez mais débil no coração do peregrino. O arrepio da dúvida atinge-o; os seus passos tornam-se mais incertos.

Acautela-te com isto, ó candidato; acautela-te contra o medo que, como as asas negras e silenciosas do morcego noturno, se alastra entre o luar da tua Alma e a tua grande meta que surge na distância, muito longe ainda.

O medo, ó discípulo, mata a vontade e demora a ação. Se é falho da virtude Shila, o peregrino tropeça, e pedras cármicas ferem-lhe os pés pelo caminho pedregoso.

Pisa com segurança, ó candidato. Banha a tua alma na essência de Kshanti; porque te acercas agora do portal que tem esse nome, a porta da fortaleza e da paciência.

Não feches os olhos, nem percas de vista Dorje (110); as setas de Mara atingem sempre o homem que não chegou ao Vairagya (111).

Não tremas. Sob o hálito do medo enferruja a chave de Kshanti; a chave ferrugenta já não pode abrir.

Quanto mais avançares, mais e mais serão os perigos que cercarão os teus passos. O caminho que segue para diante é iluminado por uma chama - a luz da audácia ardendo no coração. Quanto mais ousares, mais conseguirás. Quanto mais temeres, mais a luz esmorecerá - e só ela te pode guiar. Porque como o último raio do sol no píncaro do alto monte é seguido pela noite escura quando cessa, assim é a luz do coração. Quando se apaga, uma sombra negra e ameaçadora cairá do teu coração sobre o Caminho, e prenderá os teus pés pávidos no chão.

Acautela-te, discípulo, com essa sombra letal. Nenhuma luz que brilhe do Espírito pode dispersar a escuridão da Alma inferior, a não ser que todo o pensamento egoísta de lá tenha fugido, e que o peregrino diga: "Abdiquei deste corpo que passa; destruí a causa; as sombras, meros efeitos, não podem mais subsistir". Porque teve lugar agora a última grande batalha, a guerra final entre o ser superior e o inferior. Vê, o próprio campo da batalha se engolfou na grande guerra, e deixou de existir.



Mas, uma vez passada a porta de Kshanti, está dado o terceiro passo. O teu corpo é teu escravo. Prepara-te agora para a quarta porta, a porta das tentações que enleiam o homem interior.

Antes que possas acercar-te dessa meta, antes que a tua mão se erga para levantar o fecho da quarta porta, deves ter dominado todas as alterações mentais em ti, e matado o exército das sensações-pensamentos que, sutis e insidiosas, se introduzem, sem que tu queiras, no sacrário luzente da Alma.

Se não queres que elas te matem, deves tornar inofensivas as tuas criações, os filhos dos teus pensamentos, invisíveis, impalpáveis, que enxameiam em torno à humanidade, prole e herdeiros do homem e das suas presas terrestres. Tens de estudar o vácuo do aparentemente cheio, o cheio do aparentemente vazio. Ó aspirante intemerato, olha bem para dentro do poço do teu coração, e responde. Conheces bem os poderes da Personalidade, ó observador das sombras externas?

Se os não conheces, está perdido.

Porque, no quarto caminho, a mais leve brisa da paixão ou do desejo fará tremer a luz firme nos muros brancos e puros da Alma. A mais pequena onda de ânsia ou de saudade pelos dons ilusórios de Maya, ao passares por Antahkarana - o caminho que há entre o teu Espírito e a tua Personalidade, a estrada-real das sensações, as despertadoras de Ahamkara (112) - um pensamento rápido como a luz do relâmpago far-te-á perder os teus três prêmios - os três prêmios que ganhaste. Aprende que no Eterno não há mudança.

“Abandona para sempre as oito cruéis angústias; se não, por certo que não chegaste à sabedoria, nem ainda à libertação”, diz o grande Senhor, o Tathagata da perfeição, “aquele que seguiu as passadas dos seus predecessores (113).

Austera e exigente é a virtude de Vairagya. Se queres possuir o seu caminho, tens de ter a tua mente, as tuas percepções mais do que nunca livres da ação mortal.

Tens de te saturar do puro Alaya, de te identificar com o pensamento da alma da Natureza. Unificado com ele és invencível; separado dele, torna-te o campo de recreio de Samvritti (114), origem de todas as ilusões do mundo.

Tudo é transitório no homem, salvo a pura e clara essência do Alaya. O homem é o seu raio cristalino; por dentro um raio de luz imaculada, uma forma de barro material na superfície inferior. Esse raio é o teu guia de vida e a tua Personalidade verdadeira, a sentinela e o pensador silencioso, a vítima do teu ser inferior. A tua Alma não pode ser ferida senão através do teu corpo pecador; domina e rege os dois e estarás salvo quando estiveres cruzando as proximidades da Porta do Equilíbrio.

Anima-te, audaz peregrino, para a outra margem. Não dês ouvidos ao segredar das hostes de Mara; afasta os tentadores, esses espíritos de má índole, os Lhamayn (115) no espaço infinito.

Mantém-te firme! Acerca-te agora do portal médio, da porta da dor, com as suas dez mil armadilhas.

Domina os teus pensamentos, ó ansioso pela perfeição, se queres atravessar o limiar dela.

Domina a tua alma, ó ansioso pelas verdades eternas, se queres chegar à meta.

Concentra o olhar da tua alma na luz única e pura, na luz que nada afeta, e serve-te da tua chave de ouro.

.....

O árduo trabalho está feito, a tua tarefa quase finda. O grande abismo, que se abria para te tragar, está quase passado.

.....

Atravessaste a vala que circula a porta das paixões humanas. Venceste já a Mara e à sua horda furiosa.

Tiraste a impureza do teu coração e sangraste-o de desejos impuros. Mas, ó combatente glorioso, a tua tarefa ainda não está no fim. Constrói alto, Lanu, o muro que há de defender a tua Ilha Sagrada (116), o dique que protegerá o teu espírito do orgulho e do contentamento ao pensares no teu grande feito.

Um sentimento de orgulho macularia a tua obra. Sim: ergue forte o muro, não vá o impulso feroz das ondas em guerra, que sobem e batem na sua costa, vindas do grande Mundo do oceano de Maya, engolfar o peregrino e a ilha; - sim, no próprio momento da vitória.

A tua “ilha” é a corça, os teus pensamentos os galgos que cansam e perseguem o seu avanço até ao rio da vida. Ai da corça que é atingida pelos galgos malignos antes que chegue ao vale do refúgio - Jnana-Marga (117), “o caminho do puro conhecimento”.

Antes que te possas estabelecer em JnanaMarga e chamar-lhe teu, a tua Alma tem de se tornar como o fruto maduro da mangueira: mole e doce como a sua polpa dourada para as angústias dos outros, duro como o caroço desse fruto para as tuas próprias dores e angústias, ó triunfador da alegria e da tristeza.

Torna a tua Alma dura contra as armadilhas da tua personalidade; faz com que ela mereça o nome de Alma de Diamante.

Porque, como o diamante enterrado fundo no coração vivo da terra não pode refletir as luzes terrenas, assim são a tua mente e a tua Alma; imersos no Jnana-Marga, nada devem refletir do meio ilusório de Maya.

Quando chegares a esse estado, os portais que tens de vencer no teu caminho abrem de par em par as suas portas, para que passes e os poderes maiores da natureza não têm força para te embargar o passo. Serás dono do sétuplo caminho: mas só então o serás, ó candidato a provas indizíveis.

Até ali, espera-te uma tarefa muito mais difícil: tens de te sentir todo pensamento, e contudo exilar da tua alma todos os pensamentos.

Tens de chegar àquela fixidez de espírito em que nenhuma brisa, por mais que cresça, pode soprar um pensamento material para dentro dele. Assim purificado, o sacrário deve ficar vazio de toda a ação, som ou luz da terra; assim como a borboleta, atingida pela geada, cai morta no limiar - assim todos os pensamentos materiais devem cair mortos ante o tempo.

Vê que está escrito:

“Antes que a chama dourada possa arder com um brilho firme, deve a lâmpada estar guardada num lugar livre de toda a aragem”. Exposta à brisa volúvel, a chama tremerá, e, tremendo, lançará sombras enganosas, negras, e sempre variantes, sobre o sacrário branco da Alma.

E então, ó perseguidor da verdade, a alma da tua mente tornar-se-á como um elefante louco, que se enfurece na floresta. Tomando as árvores por inimigos vivos, morre ao tentar matar as sombras sempre incertas bailando no muro dos rochedos inundados de sol.

Acautela-te, não vá a tua alma, ao cuidar da tua Personalidade, perder pé no terreno do conhecimento Deva.

Acautela-te, não vá a tua Alma, ao esquecer a Personalidade, perder o seu domínio sobre o seu espírito trêmulo, perdendo assim o justo prêmio das suas conquistas.

Acautela-te contra a mudança, porque a mudança é o teu grande inimigo. A mudança lutará contigo, afastar-te-á, atirar-te-á para fora do caminho que trilhas, para dentro de

pântanos viscosos de dúvida.

Prepara-te e acautela-te a tempo. Se experimentaste e falhaste, ó lutador indômito, não percas, porém, a coragem: continua a lutar, e volta ao embate repetidamente.

O guerreiro destemido, ainda que o sangue da sua vida lhe escorra das feridas abertas, continuará a atacar o inimigo, expulsá-lo-á do seu forte, vencê-lo-á mesmo, antes que ele próprio expire. Agi, pois, todos vós que falhais e que sofreis, como esse soldado; e do forte da vossa Alma expulsai todos os vossos inimigos - a ambição, a cólera, o ódio, até a sombra do desejo - mesmo quando tiverdes falhado...

Lembra-te, tu que lutas pela libertação humana (118), que cada falência é um triunfo, e cada tentativa sincera a seu tempo recebe o seu prêmio. Os santos germes que brotam e crescem invisíveis na Alma do discípulo, dobram como juncos mas não quebram, nem podem eles perder-se. Mas quando a hora soa, desabrocham (119).

.....

Mas se vieste preparado, então não temas nada.

.....

Daqui em diante é claro o teu caminho, que vai direto à porta de Virya, o quinto dos sete portais. Estás agora no caminho que conduz ao porto do Dhyana, o sexto portal, o portal Bodhi.

A porta do Dhyana é como um vaso de alabastro, branco e transparente; dentro dele arde uma luz firme e dourada, a chama de Prajna, que de Atman irradia.

Esse vaso és tu.

Afasta-te dos objetos dos sentidos, seguiste pelo caminho da visão, pelo caminho da audição, e estás agora na luz do conhecimento. Chegaste agora ao estado de Titiksha (120).

Ó Naljor, estás salvo.

.....

Aprende, vencedor dos pecados, que uma vez que um Sowani (121) tenha atravessado o sétimo caminho, toda a natureza estremece de alegria e se sente submissa. A estrela prateada eis que cintila esta nova às flores da noite, o riacho murmura esse conto às pedras; as ondas escuras do oceano o cantam aos rochedos cheios de espuma, as brisas perfumadas cantam-no aos vales, e os pinheiros altivos segredam misteriosamente: "Surgiu um Mestre, um Mestre do Dia" (122).

Ele se ergue agora como uma coluna branca ao ocidente, sobre cuja frente o sol nascente do pensamento eterno derrama as suas primeiras ondas gloriosas. O seu espírito, como um oceano ilimitado em calmaria, alastra-se no espaço sem praias. Ele tem a vida e a morte na sua mão poderosa.

Sim, ele é poderoso. O poder vivo tornado livre nele, esse poder que é Ele próprio, pode erguer o tabernáculo da ilusão muito acima dos Deuses, a cima dos grandes Brahm e Indra. É agora, por certo, que ele conseguirá o seu grande prêmio!

Não usará ele os dons, que isso confere, para seu descanso e felicidade, para seu proveito e glória tão bem ganhos - ele o subjogador da grande ilusão?

Não, ó candidato à ciência secreta da natureza! Se quiseres seguir os passos do santo Tathagata, esses dons e poderes não são para ti próprio. Irás assim por um dique às águas nascidas em Someru (123)? Irás desviar o rio para teu serviço, ou fazê-lo subir até à sua nascente, pelos cerros dos ciclos?

Se quiseres que esse rio de conhecimento bem ganho, de sabedoria de divina origem, fique uma corrente pura, não deves deixar que ele se torne um lago estagnado.

Aprende: se quiseres tornar-te cooperador de Amitabha, a Idade Ilimitada, então deves derramar a luz adquirida, como os dois Bodhisattvas (124), sobre a extensão de todos os três mundos (125).

Aprende que a corrente de conhecimento sobre-humano e a sabedoria Deva, que adquiriste, deve, de ti, o canal de Alaya, ser derramada para outro leito.

Aprende, ó Naljor, tu do caminho secreto, que as suas águas puras devem ser empregadas para tornar mais doces as ondas amargas do oceano - esse grande mar de sofrimento formado pelas lágrimas dos homens.

Ai de ti! Uma vez que te tornaste como a estrela fixa no alto céu, esse claro orbe celeste deve, das profundezas do espaço, brilhar para todos, menos para si mesmo; dar luz a todos, e a nenhum tirá-la.

Ai de ti! Uma vez tornado como a neve pura nos vales das montanhas, fria e insensível ao tato, quente e protetora para a semente que dorme fundo sob o seu seio - agora é essa neve que deve receber a geada mordente, os vendavais do norte, protegendo assim do seu dente fino e cruel a terra que contém a colheita prometida, a colheita que dará pão aos que têm fome.

Por ti próprio condenado a viver através de Kalpas futuros sem que os homens te vejam ou te agradeçam; apertado como uma pedra contra inúmeras outras que formam o "Muro da Guarda" (126), tal é o teu futuro se passares a sétima porta. Construído pelas mãos de muitos Mestres da Compaixão, erguido pelas suas torturas, cimentado pelo seu sangue, ele protege a humanidade, desde que o homem é homem, livrando-a de novas e maiores angústias e tristezas.

O homem, porém, não o vê, não o quer ver, nem quer dar ouvidos à palavra da Sabedoria, porque não a conhece.

Mas tu ouviste-a, tu sabes tudo, ó de Alma ansiosa e imaculada... e tens de escolher. Escuta ainda.

No Caminho de Sowan, ó Srotapatti, segues seguro. Sim, nesse Marga, onde apenas a escuridão vem ao encontro do peregrino cansado, onde, rasgadas por espinhos, as mãos gotejam sangue, os pés são rasgados por pedras agudas e duras, e Mara emprega as suas armas mais fortes - para além dele, imediatamente há um grande prêmio.

Calmo e impassível, o peregrino vai até ao rio que conduz ao Nirvana. Ele sabe que quanto mais os seus pés sangrarem, mais lavado e limpo ele próprio ficará. Ele sabe bem que depois de sete breves e transitoriais nascenças, o Nirvana lhe pertencera...

Tal é o caminho de Dhyana, o porto do iogue, a meta sagrada que o Srotapattis buscam.

Não é assim quando atravessou e conquistou o caminho Arhat (127).

Ali Klesha (128) é destruído para sempre, e as raízes de Tanha (129) arrancadas; mas pára, discípulo... escuta uma palavra ainda. Podes tu destruir a divina compaixão? A compaixão não é um atributo. É a Lei das leis - a harmonia eterna, o próprio Ser de Alaya, uma essência universal sem praias, a luz da justiça eterna, o acordo de tudo, a lei do eterno amor.

Quanto mais com ela te unificares, fundindo o teu ser no seu ser, tanto mais a tua Alma se unirá àquilo que é, tanto mais te tornarás a Compaixão Absoluta (130).

Tal é o caminho Arya, caminho dos Budas da perfeição.

Mas o que significam os livros sagrados que te fazem dizer:

"Om! Creio que nem todos os Arhats obtêm o doce gozo do caminho nirvânico.

“Om! Creio que no Nirvanadharmã não entram todos os Budas” (131).

Sim, no caminho de Arya já não és um Srotapatti, és um Bodhisattva (132). Atravessaste o rio. É certo que tens direito à veste do Dharmakaya; mas um Samhobgakaya é maior do que um Nirvani, e maior ainda é um Nirmanakaya - o Buda da Compaixão (133).

Inclina agora a tua frente e escuta bem, ó Bodhisattva - a compaixão fala e diz:

“Pode haver felicidade quando tudo quanto vive tem de sofrer? Quererás salvar-te ouvindo todo o mundo chorar?”

Agora ouviste o que se disse:

Chegarás ao sétimo degrau e atravessarás a porta do conhecimento final, mas apenas para tomares a dor por esposa - se queres ser Tathagata, seguir os passos do teu predecessor, conservar-te altruísta até ao fim sem fim.

Estás iluminado - escolhe o teu caminho.

.....

Olha a luz suave que inunda o céu oriental. Céu e terra unem-se em gestos de adoração. E dos poderes quadruplicados sobe um cântico de amor, tanto do fogo que brilha como da água que corre, da terra perfumada e do vento que passa.

Escuta!... do grande e insondável vórtice daquela luz dourada em que o Vencedor se banha, toda a voz sem palavras da natureza se ergue para em mil tons proclamar:

**Sa-vos, ó homens de Myalba. (134).**

**Um peregrino regressou da “outra margem”**

**Nasceu um novo Arhan. (135).**

**Paz a todos os seres. (136).**

---

## Notas

1. A palavra páli Iddhi equívale ao Siddhis sânscrito, as faculdades “psíquicas” os poderes anormais do homem. Há duas espécies de Siddhis - um grupo que compreende as energias inferiores, grosseiras, “psíquicas” e mentais, ao passo que o outro exige o mais alto cultivo das capacidades espirituais. Diz Krishna no Shrimad Bhagavat:

“Aquele que está ocupado na execução da loga, que venceu os seus sentidos e concentrou o seu espírito em mim (Krishna) - a tais iogues como esse estão todos os Siddhis prontos a servir.” [Voltar](#).

2. A voz sem som, ou a “voz do silêncio”. Literalmente, isto devia talvez traduzir-se “voz no som espiritual”, visto que Nada é o equivalente sânscrito do termo Senzar. [Voltar](#).

3. Dharana é a concentração intensa e perfeita do espírito sobre qualquer objeto interior, acompanhada da abstração completa de tudo quanto pertença ao universo exterior, ou mundo dos sentidos. [Voltar](#).

4. O “grande Mestre” é o termo que os chelas empregam para designar a Personalidade Superior. Equivale ao Avalokiteshvara, e é o mesmo que o Adi-Buda dos ocultistas do budismo, que o Atmandos Brâmanes, e que o Christos dos antigos Gnósticos. [Voltar](#).
5. “Alma” é aqui empregado para designar o Eu ou Manas humano, a que na nossa oculta divisão setenária se chama a Alma humana, para distingui-la das Almas espirituais e animais. [Voltar](#).
6. Maha-Maya, a grande ilusão, o universo objetivo. [Voltar](#).
7. Sakkayaditthi, a ilusão da personalidade. [Voltar](#).
8. Attavada, a heresia da crença na Alma, ou antes, na separação da Alma ou Personalidade do Ser universal, uno e infinito. [Voltar](#).
9. O Tattvajnani é o conhecedor ou discriminador dos princípios na natureza e no homem; e Atmajnani é o conhecedor de Atman ou da Personalidade Única universal. [Voltar](#).
10. Kala Hamsa, a ave ou cisne. Diz o Nadavindupanishat (Rig Veda) traduzido pela Sociedade Teosófica de Kumbakonam - “Considera-se a sílaba A como a asa direita da ave Amsa, U a asa esquerda, M a cauda, e o Ardhamatra (meiometro) diz-se ser a sua cabeça”. [Voltar](#).
11. A eternidade tem para os orientais um sentido diverso do que tem para nós. Representa em geral os 96 anos ou idade de Brama, a duração de um Mahakalpa, ou seja, um período de 311.040.000.000.000 anos. [Voltar](#).
12. Diz o citado Nadavindu, “Um iogue que cavalga o Hamsa (assim contempla sobre o AUM) não é afetado por influências cármicas ou efeitos de pecados”. [Voltar](#).
13. Abandona a vida da personalidade física se queres viver em Espírito. [Voltar](#).
14. Os três estados de consciência, que são: Jagrat, o de vigília; Svapna, o de sonho; e Sushupti, o estado de sono profundo. Estas três condições iogues conduzem ao quarto, que é - [Voltar](#).
15. O Turiya, o que está além do estado do sono sem sonhos, um estado de alta consciência espiritual. [Voltar](#).
16. Alguns místicos orientais indicam sete planos do ser, os sete Lokas ou mundos espirituais dentro do corpo de Kala Hamsa, o cisne fora do tempo e do espaço, conversível em o cisne dentro do tempo, quando se torna Brama em vez de Braman. [Voltar](#).
17. O mundo fenomênico só dos sentidos e da consciência terrena. [Voltar](#).
18. A sala da aprendizagem da época da provação. [Voltar](#).
19. A região astral, o mundo psíquico das percepções super-sensuais e das visões ilusórias - o mundo dos médiuns. É a grande “serpente astral” de Éliphas Lévi. Nenhuma flor colhida nesse mundo foi alguma vez trazida para a terra sem que trouxesse a sua serpente enroscada na haste. É o mundo da grande ilusão. [Voltar](#).
20. A região da plena consciência espiritual, para além da qual já não há perigo para quem lá chegou. [Voltar](#).
21. Ao Iniciado, que conduz o discípulo, pelos conhecimentos que lhe ministra, à sua segunda nascença, ou nascença espiritual, chama-se o pai, Guru ou Mestre. [Voltar](#).
22. Ajnana é a ignorância ou não-sabedoria, o contrário do conhecimento, Jnana. [Voltar](#).
23. Mara é, nas religiões exotéricas, um demônio, um Asura, mas na filosofia exotérica é a personificação da tentação pelos vícios humanos; traduzido literalmente, quer dizer “aquilo que mata” a alma. É representado como um rei (dos Maras) com uma coroa onde brilha uma jóia de

tal fulgor que cega aqueles que para ela olham, e esse fulgor representa, é claro, a fascinação que o vício exerce sobre certas naturezas. [Voltar](#).

24. Ilusão. [Voltar](#).

25. O “poder de fogo” é Kundalini. [Voltar](#).

26. A câmara interior do coração, chamada em sânscrito Brahma-Pura. [Voltar](#).

27. O “Poder” e a “Mãe do Mundo” são nomes dados a Kundalini - um dos poderes místicos iogues. É o Budi considerado como princípio ativo e não passivo (o que ele em geral é quando o consideramos como simples veículo ou cofre do espírito supremo, Atman). É força eletro-espiritual, o poder criador que, quando chamado à agir, pode tão facilmente matar como criar. [Voltar](#).

28. Kechara, “o que passeia”, ou “anda”, nos céus. Conforme se explica no sexto Adhyaya dessa rainha das obras místicas, os Jnaneshvari - o corpo do iogue se torna como que feito de vento; como “uma nuvem de onde nasceram membros” depois do que - “ele (o iogue) contempla as cousas para além dos mares e das estrelas; ouve e compreende a linguagem dos Devas (deuses) e percebe o que se está passando no espírito da formiga”. [Voltar](#).

29. A individualidade superior. [Voltar](#).

30. Vina é um instrumento de corda índio parecido com o alaúde. [Voltar](#).

31. Os seis princípios que constituem o homem; isto acontece quando a personalidade inferior é destruída e a individualidade íntima se funde e perde no sétimo espírito (Atman). [Voltar](#).

32. O discípulo torna-se uno com Braman ou Atman. [Voltar](#).

33. A forma astral produzida pelo princípio cármico, o Kama Rupa, ou corpo de desejo. [Voltar](#).

34. Manasa Rupa. Assim como o Kama Rupa se refere ao ser astral ou pessoal. Manasa Rupa se relaciona com a individualidade, ou Eu reencarnante, cuja consciência no nosso plano, ou Manas inferior, tem de ser paralisada. [Voltar](#).

35. Kundalini, o poder serpentino ou fogo místico; chama-selhe o poder serpentino ou anelar por causa do seu progresso ou caminho espiraliforme no corpo do asceta que está desenvolvendo em si esse poder. É um poder oculto ou foático elétrico e ígneo, a grande força primitiva que está por dentro de toda a matéria orgânica e inorgânica. [Voltar](#).

36. Este Caminho é mencionado em todas as obras místicas. Como diz Krishna no Jnaneshvari: “Quando se contempla este caminho... quer sigamos para o Oriente em flor, quer para as câmaras do Ocidente, Sem movimento, é portador do arco, é a viagem nesta estrada. Neste caminho, qualquer que seja o lugar para onde queiramos ir, esse lugar nos tornamos”. “Tu és o caminho”. - diz-se ao Adepto Guru, e diz este ao discípulo, depois da Iniciação. “Eu sou a estrada e o Caminho” - diz um outro Mestre. [Voltar](#).

37. O grau de Adepto - a flor de Boddhisattva. [Voltar](#).

38. Tanha - a vontade de viver, o medo da morte e amor à vida, aquela força ou energia que causa o renascer. [Voltar](#).

39. Os sons místicos, ou a melodia mística, ouvidos pelo asceta no princípio do seu ciclo de meditação, chamado Anahatashabda pelos iogues. O Anahaha é o quarto dos Chakras. [Voltar](#).

40. Isto quer dizer que no sexto estágio de desenvolvimento, que, no sistema oculto, é Dharana, cada sentido, como faculdade individual tem de ser “morto” (ou paralisado) neste plano passando a ser, e fundindo-se com o sétimo sentido, o mais espiritual. [Voltar](#).

41. Dharana é a concentração intensa e perfeita do espírito sobre qualquer objeto interior, acompanhada da abstração completa de tudo quanto pertença ao universo exterior, ou mundo dos sentidos. [Voltar](#).

42. Cada estágio de desenvolvimento na Raja loga é simbolizado por uma figura geométrica. Esta é o triângulo sagrado e precede o Dharana. O D é o sinal dos altos chelas, ao passo que outra espécie de triângulo é o dos altos Iniciados. O "1" é o símbolo de que Buda falou e que empregou como símbolo da forma incorporada de Tathagata quando liberta dos três métodos de Prajna. Os estágios preliminar e inferiores uma vez passados, o discípulo já não vê o D mas sim o -, a abreviatura do -, o setenário completo. A sua verdadeira forma não é aqui dada porque é quase certo que seria aproveitada por qualquer charlatão e profanada no seu uso para fins fraudulentos. [Voltar](#).
43. A estrela que brilha nas alturas é a Estrela da Iniciação. O sinal dos Shaivas, ou devotos da seita de Shiva, patrono de todos os iogues, é um ponto circular negro, agora, talvez, símbolo do sol, mas o da Estrela da Iniciação no ocultismo de outros tempos. [Voltar](#).
44. A base (Upadhi) da chama sempre inatingível, enquanto o asceta está nesta vida. [Voltar](#).
45. Dhyana é o último estágio antes do final, nesta terra, a não ser que nos tornemos pleno Mahatma. Como já se disse, neste estado o Raja loga é ainda espiritualmente consciente da sua personalidade e da operação dos seus princípios superiores. Mais um passo, e estará no plano para além do Sétimo, o quarto, segundo certas escolas. Estas, depois da prática de Pratyahara - uma educação preliminar, para dominar o espírito e os pensamentos - contam Dharana, Dhyana e Samadhi, e envolvem os três sob o nome genérico de Sannyama. [Voltar](#).
46. Samadhi é o estado em que o asceta perde a consciência de toda a individualidade, incluindo a sua. Torna-se o Todo. [Voltar](#).
47. Os quatro modos da verdade são, no budismo do norte: Ku, o sofrimento ou miséria; Tu, a reunião das tentações; Mu, a destruição delas; e Tau, o Caminho. Os "cinco impedimentos" são o conhecimento da angústia, a verdade a respeito da fraqueza humana, restrições opressivas, e a absoluta necessidade de separação de todas as peias da paixão, e mesmo dos desejos. O "Caminho da salvação" é o último. [Voltar](#).
48. No portal da reunião está o rei dos Maras, o Maha-Mara, tentando cegar o candidato com o brilho da sua jóia. [Voltar](#).
49. Este é o quarto dos cinco caminhos do renascer, que conduzem e arrastam todos os seres humanos para um perpétuo estado de tristeza e de alegria. Esses caminhos não passam de subdivisões do caminho único, o caminho seguido pelo Carma. [Voltar](#).
50. Às duas escolas da doutrina do Buda, a esotérica e a exotérica, chama-se respectivamente a doutrina do "coração" e a doutrina dos "olhos". A Budhidharma, a religião da sabedoria da China - donde os nomes passaram para o Tibete - chamou-lhes os homens do Tsung (escola esotérica) e os Kiau (escola exotérica). A primeira é assim chamada porque é o ensinamento que emanou do coração do Gautama Buda, ao passo que a doutrina dos olhos foi produto da sua cabeça ou cérebro. A doutrina do coração também se chama o selo da verdade, ou o verdadeiro selo, símbolo esse que se encontra encimando quase todas as obras esotéricas. [Voltar](#).
51. A árvore da sabedoria é o título dado pelos aderentes da Religião da Sabedoria (Bodhidharma) àqueles que atingiram a altura do conhecimento místico - aos Adeptos. A Nagarjuna, o fundador da Escola Madhyrnika, chamavam a "Árvore-Dragão", sendo o dragão o símbolo da sabedoria e do conhecimento. A árvore é respeitada porque foi sob a árvore Bodhi (da sabedoria) que Buda recebeu a sua nascença e esclarecimento, pregou o seu primeiro sermão, e morreu. [Voltar](#).
52. O Coração Secreto é a doutrina esotérica. [Voltar](#).
53. A Alma de Diamante, Vajrasattva, um título do Buda supremo, Senhor de todos os mistérios, chamado Vajradhara e Adi-Buda. [Voltar](#).
54. Sat, a única realidade e verdade eterna e absoluta, sendo tudo mais ilusão. [Voltar](#).
55. Da doutrina de Shin-Sien, que ensina que a mente humana é como um espelho que atrai e



reflete todos os átomos de pó, e, como esse espelho, tem de ser cuidada e limpa todos os dias. Shin-Sien foi o sexto patriarca da China Setentrional, que ensinou a doutrina esotérica do Bodhidharma. [Voltar](#).

56. Os Budistas do Norte chamam ao Eu reencarnante o Homem Eterno, que se torna, em união com o seu ser superior, um Buda. [Voltar](#).

57. Buda significa “Iluminado”. [Voltar](#).

58. A fórmula costumeira que precede as escrituras budistas, e significa que o que segue foi notado de direta tradição oral do Buda e dos Arhats. [Voltar](#).

59. A imortalidade. [Voltar](#).

60. Rathapala, o grande Arhat, assim se dirige a seu pai na lenda chamada Rathapala Sutrasanne. Mas como todas essas lendas são alegóricas (por exemplo: o pai de Rathapala tem uma casa com sete portas), compreende-se a reprimenda àqueles que as aceitam literalmente. [Voltar](#).

61. Brâmanes ascéticos, visitantes de sacrários, sobretudo lugares de banhos sagrados. [Voltar](#).

62. Os Eus reencarnantes. [Voltar](#).

63. Doutrina, lei, dever. [Voltar](#).

64. A sabedoria verdadeira e divina. [Voltar](#).

65. A Personalidade Superior, o sétimo princípio. [Voltar](#).

66. Nossos corpos físicos são chamados sombras, nas escolas místicas. [Voltar](#).

67. Buda. [Voltar](#).

68. Um eremita que se retira para as selvas, vivendo numa floresta ao tornar-se iogue. [Voltar](#).

69. Julai é o nome chinês para Thatagata, título dado ao Buda. [Voltar](#).

70. Todas as tradições do Norte e do Sul concordam em mostrar que Buda saiu da sua solidão logo que resolveu o problema da vida - isto é, recebeu o esclarecimento interior - e ensinou publicamente aos homens. [Voltar](#).

71. Segundo o ensinamento esotérico, cada Eu espiritual é um raio de um espírito planetário. [Voltar](#).

72. Às personalidades, ou corpos físicos, chamam-se sombras, por serem evanescentes. [Voltar](#).

73. Esta mesma reverência popular chama “Budistas da Compaixão” àqueles Bodhisattvas que, tendo chegado ao grau de Arhat (isto é, tendo completado o quarto ou sétimo Caminho), recusam-se a passar para o estado nirvânico ou “vestir a veste do Dharmakaya e passar para a outra margem”, visto que então já não poderiam auxiliar os homens mesmo o pouco que o Carma permite. Preferem continuar invisivelmente (no espírito, por assim dizer) no mundo, e contribuir para a salvação humana, influenciando os homens a seguir a boa Lei, isto é, levando-os para o Caminho da Virtude. É costume entre os exotéricos do budismo do Norte venerar estes grandes seres como santos e mesmo rezar a eles, como fazem os gregos e os católicos aos seus santos e padroeiros; mas os ensinamentos esotéricos não permitem essas orações. Há grande diferença entre as duas doutrinas. O exotérico laico mal sabe o verdadeiro sentido da palavra Nirmanakaya - daí a confusão e as explicações insuficientes dos orientistas. Por exemplo: Schlagintweit crê que Nirmanakaya significa forma física assumida pelos Budas quando encarnam na terra - “o menos sublime dos seus invólucros terrenos” (ver O Budismo no Tibete) - e passa a dar opinião inteiramente falsa sobre o assunto. A verdadeira doutrina é, porém, esta:

Os três corpos ou formas búdicas são denominados:

I. Nirmanakaya.

II. Sambhogakaya.

III. Dharmakaya.

O primeiro é aquela forma etérea que ele assumiria quando, abandonando o corpo físico, aparecesse no corpo astral -tendo a mais todos os conhecimentos de um Adepto. O Bodhisattva desenvolveu-o em si mesmo à medida que avança no caminho. Tendo chegado à meta e recusado a fruição da recompensa, permanece na terra como um Adepto; quando morre, em vez de entrar para o Nirvana, fica no corpo glorioso que para si teceu, invisível à humanidade não-iniciada, para velar por ela e protegê-la.

Sambhogakaya (literalmente “Corpo de Compensação”) é o mesmo Nirmanakaya, mas com o brilho adicional de três perfeições, uma das quais é a obliteração de todas as preocupações terrenas.

O corpo Dharmakaya é o de um Buda completo, isto é, não é corpo nenhum, mas o sopro ideal; a consciência imersa na consciência universal, ou a alma despida de todos os atributos.

Uma vez tornado um Dharmakaya, um Adepto ou Buda abandona toda a possível relação com, ou pensamento ligado a esta terra. Assim, para poder auxiliar a humanidade, um Adepto que adquiriu o direito ao Nirvana, “renuncia ao corpo Dharmakaya”, falando misticamente; guarda, do Sambhogakaya, apenas os grandes e completos conhecimentos, e fica no seu Nirmanakaya. A escola esotérica ensina que Gautama Buda, com vários dos seus Arhats, é um Nirmanakaya deste gênero, acima do qual, pela grande renúncia e sacrifício pela humanidade, não existe ninguém. [Voltar](#).

74. A veste Shangna, do Shangnavesu de Rajagriha, o terceiro grande Arhat, ou patriarca, segundo a terminologia que os orientalistas adaptam para a hierarquia dos trinta e três Arhats que espalharam o budismo. “A veste Shangna” significa metaforicamente a aquisição de sabedoria com que se entra para o Nirvana da destruição (da personalidade). Literalmente, quer dizer a veste da Iniciação dos neófitos. Edkins afirma que este tecido de ervas foi trazido para a China do Tibete na dinastia do Tong. “Quando nasce um Arhan, esta planta encontra-se crescendo num lugar limpo” - diz a lenda chinesa, assim como a tibetana. [Voltar](#).

75. “Praticar o caminho Paramita” quer dizer tornar-se iogue com o fim de se tornar asceta. [Voltar](#).

76. “Amanhã” quer dizer a renascença ou reencarnação seguinte. [Voltar](#).

77. Dos preceitos da escola Prasanga. [Voltar](#).

78. A grande jornada é o ciclo completo de existências em uma volta. [Voltar](#).

79. Siddhis são as faculdades psíquicas, os poderes anormais do homem. [Voltar](#).

80. Migmar ou Marte, na astrologia tibetana, é simbolizado por um olho. [Voltar](#).

81. Lhagpa ou Mercúrio é simbolizado por uma mão. [Voltar](#).

82. Nyima é o sol na astrologia tibetana. [Voltar](#).

83. Buda. [Voltar](#).

84. Srotapatti ou “aquele que entra na corrente do rio” do Nirvana, a não ser que atinja a meta devido a razões excepcionais, raras vezes poderá atingir o Nirvana em uma só vida. Em geral diz-se que um chela começa o esforço ascensional em uma vida e o acaba ou chega à meta apenas na sua sétima nascença depois dessa. [Voltar](#).

85. Isto é, o ser inferior pessoal. [Voltar](#).

86. Os Tirthikas, sectários bramânicos de além dos Himalaias, são chamados infiéis pelos budistas na terra sagrada, o Tibete, e vice-versa. [Voltar](#).

87. O Tibete. [Voltar](#).

88. A visão ilimitada, ou seja, a visão psíquica, sobre-humana. Diz-se que um Arhan vê e sabe tudo, perto ou longe que esteja. [Voltar](#).

89. A veste Shangna, do Shangnavesu de Rajagriha, o terceiro grande Arhat, ou patriarca, segundo a terminologia que os orientistas adaptam para a hierarquia dos trinta e três Arhats que espalharam o budismo. “A veste Shangna” significa metaforicamente a aquisição de sabedoria com que se entra para o Nirvana da destruição (da personalidade). Literalmente, quer dizer a veste da Iniciação dos neófitos. Edkins afirma que este tecido de ervas foi trazido para a China do Tibete na dinastia do Tong. “Quando nasce um Arhan, esta planta encontra-se crescendo num lugar limpo” - diz a lenda chinesa, assim como a tibetana. [Voltar](#).

90. O vivo é o Eu superior e imortal e o morto o Eu inferior e pessoal. [Voltar](#).

91. Esta mesma reverência popular chama “Budás da Compaixão” àqueles Bodhisattvas que, tendo chegado ao grau de Arbat (isto é, tendo completado o quarto ou sétimo Caminho), recusam-se a passar para o estado nirvânico ou “vestir a veste do Dharmakaya e passar para a outra margem”, visto que então já não poderiam auxiliar os homens mesmo o pouco que o Carma permite. Preferem continuar invisivelmente (no espírito, por assim dizer) no mundo, e contribuir para a salvação humana, influenciando os homens a seguir a boa Lei, isto é, levando-os para o Caminho da Virtude. É costume entre os exotéricos do budismo do Norte venerar estes grandes seres como santos e mesmo rezar a eles, como fazem os gregos e os católicos aos seus santos e padroeiros; mas os ensinamentos esotéricos não permitem essas orações. Há grande diferença entre as duas doutrinas. O exotérico laico mal sabe o verdadeiro sentido da palavra Nirmanakaya - daí a confusão e as explicações insuficientes dos orientistas. Por exemplo: Schlagintweit crê que Nirmanakaya significa forma física assumida pelos Budas quando encarnam na terra - “o menos sublime dos seus invólucros terrenos” (ver O Budismo no Tibete) - e passa a dar opinião inteiramente falsa sobre o assunto. A verdadeira doutrina é, porém, esta:

Os três corpos ou formas búdicas são denominados:

I. Nirmanakaya.

II. Sambhogakaya.

III. Dharmakaya.

O primeiro é aquela forma etérea que ele assumiria quando, abandonando o corpo físico, aparecesse no corpo astral -tendo a mais todos os conhecimentos de um Adepto. O Bodhisattva desenvolveu-o em si mesmo à medida que avança no caminho. Tendo chegado à meta e recusado a fruição da recompensa, permanece na terra como um Adepto; quando morre, em vez de entrar para o Nirvana, fica no corpo glorioso que para si teceu, invisível à humanidade não-iniciada, para velar por ela e protegê-la.

Sambhogakaya (literalmente “Corpo de Compensação”) é o mesmo Nirmanakaya, mas com o brilho adicional de três perfeições, uma das quais é a obliteração de todas as preocupações terrenas.

O corpo Dharmakaya é o de um Buda completo, isto é, não é corpo nenhum, mas o sopro ideal; a consciência imersa na consciência universal, ou a alma despida de todos os atributos.

Uma vez tornado um Dharmakaya, um Adepto ou Buda abandona toda a possível relação com, ou pensamento ligado a esta terra. Assim, para poder auxiliar a humanidade, um Adepto que adquiriu o direito ao Nirvana, “renuncia ao corpo Dharmakaya”, falando misticamente; guarda, do Sambhogakaya, apenas os grandes e completos conhecimentos, e fica no seu Nirmanakaya. A escola esotérica ensina que Gautama Buda, com vários dos seus Arhats, é um

Nirmanakaya deste gênero, acima do qual, pela grande renúncia e sacrifício pela humanidade, não existe ninguém. [Voltar](#).

92. A vida secreta é a vida como Nirmanakaya. [Voltar](#).

93. O Caminho Aberto é o que é ensinado ao lado, é o exotérico e geralmente aceito, ao passo que o Caminho Secreto é um cuja natureza é explicada na Iniciação. [Voltar](#).

94. Os homens ignorantes das verdades e sabedoria esotéricas, são chamados de os mortos que vivem. [Voltar](#).

95. O corpo Dharmakaya é o de um Buda completo, isto é, não é corpo nenhum, mas o sopro ideal; a consciência imersa na consciência universal, ou a alma despida de todos os atributos.

Uma vez tornado um Dharmakaya, um Adepto ou Buda abandona toda a possível relação com, ou pensamento ligado a esta terra. Assim, para poder auxiliar a humanidade, um Adepto que adquiriu o direito ao Nirvana, "renuncia ao corpo Dharmakaya", falando misticamente; guarda, do Sambhogakaya, apenas os grandes e completos conhecimentos, e fica no seu Nirmanakaya. A escola esotérica ensina que Gautama Buda, com vários dos seus Arhats, é um Nirmanakaya deste gênero, acima do qual, pela grande renúncia e sacrifício pela humanidade, não existe ninguém. [Voltar](#).

96. Upadhyaya é um preceptor espiritual, um Guru. Os budistas do Norte escolhem-no em geral entre os Naljor, homens santos, eruditos na Gotrabhujnana e no Jnana-darshana-shuddhi, professores da sabedoria secreta. [Voltar](#).

97. Yana significa veículo: assim, Mahayana é o Grande Veículo e Hinayana o Veículo Menor, nomes estes de duas escolas de ciência religiosa e filosófica no budismo do Norte. [Voltar](#).

98. Shravaka - um ouvinte, ou estudante que segue as instruções religiosas. Do radical Shru. Quando da teoria passa à prática ou realização do ascetismo, torna-se um Shramana, exercedor de Shrama, ação. Como mostra Hardy, as duas formas correspondem às palavras gregas akoustikoi e asketai. [Voltar](#).

99. O Samtan tibetano é o mesmo que o sânscrito Dyana, ou estado de meditação, do qual há quatro graus. [Voltar](#).

100. Paramitas, as seis virtudes transcendentais: caridade, moralidade, paciência, energia, contemplação e sabedoria. Para os sacerdotes há dez, as seis apontadas, e, além delas, o emprego dos meios justos, a ciência, votos religiosos e força de propósito (O Budismo Chinês, da Eitel). [Voltar](#).

101. Srotapatti - literalmente, "aquele que entrou para o rio", que conduz ao oceano nirvânico. Este nome indica o primeiro Caminho. O nome do segundo é o Caminho do Sakridagamin, "aquele que receberá a nascença (só) uma vez mais". Ao terceiro chama-se aquele do Anagamin, "aquele que não tornará a ser reencarnado", a não ser que assim deseje para auxiliar a humanidade. O quarto Caminho é conhecido como o do Rahat ou Arhat. É este o mais alto. Um Arhat vê o Nirvana durante a sua vida. Para ele não é um estado para depois da morte: é o seu Samadhi, durante o qual experimenta toda a felicidade do Nirvana. (Para se ver quão pouca confiança se pode ter nos orientistas no que diz respeito à exatidão de palavras e do seu sentido, basta ver o que disseram três pretensas autoridades nesta matéria. Assim, os quatro nomes que citamos são dados por R. Spence Hardy como sendo: 1. Sowan; 2. Sakradagami; 3. Anagami; e 4. Arya. Pelo Rev. J. Edkins são dados como: 1. Srotapanna; 2. Sagardagam; 3. Anaganim; e 4. Arhan. Schlagintweit escreve-os de maneira diversa, e cada um desses orientistas dá a essas palavras sentidos diferentes.) [Voltar](#).

102. Conhecimento, sabedoria, ciência. [Voltar](#).

103. "Chegar à margem" é, para os budistas do Norte, sinônimo de atingir o Nirvana pelo exercício das seis e dez Paramitas (virtudes). [Voltar](#).

104. Um homem sem pecado, um santo. (Upadhyaya é um preceptor espiritual, um Guru. Os budistas do Norte escolhem-no em geral entre os Naljor, homens santos, eruditos na Gotrabhujnana e no Jnana-darshana-shuddhi, professores da sabedoria secreta). [Voltar](#).

105. A Alma-Mestra é Alaya, a Alma Universal ou Atman de que cada homem tem um raio em si, e com que se supõe que é capaz de se identificar e se fundir. [Voltar](#).

106. Antahkarana é o Manas inferior, o caminho de comunicação ou comunhão entre a personalidade e o Manas superior ou Alma Humana. Na morte se destrói como caminho ou meio de comunicação, e os seus restos sobrevivem sob uma forma, como o Kamarupa - a casca. [Voltar](#).

107. Os budistas do Norte, e, de resto, todos os chineses, sentem no rugido fundo de alguns rios grandes e sagrados a nota mestra da natureza. Daí o símile. É um fato bem conhecido, tanto na ciência física quanto no ocultismo, que o som agregado da natureza como no rugido dos grandes rios, ou no ruído produzido pela oscilação dos cimos das árvores numa grande floresta, ou no som de uma cidade ouvido à distância - é um tom único e definido de alcance perfeitamente apreciável. Mostram-no físicos e músicos. Assim, o prof. Rice (A Música Chinesa) diz que os chineses reconheceram o fato há milhares de anos, dizendo que as águas do Hoang-ho, ao correr, davam o Kung, chamado "o grande tom" na música da China; e mostra que este tom corresponde ao lá, "considerado pelos físicos modernos o tom essencial da natureza". O Prof. B. Silliman cita-o, também, no seu Princípio da Física, dizendo que "este tom é dado como sendo o lá médio do piano, que pode, portanto, ser considerado a nota mestra da natureza". [Voltar](#).

108. Os Bhöns e Dugpas e as várias seitas dos "barretesvermelhos", são considerados como os mais hábeis feiticeiros. Vivem no Tibete Ocidental, no Tibete Menor e no Butham. São todos Tantrikas. É absolutamente ridículo encontrar orientalistas que visitaram as fronteiras do Tibete, como Schlagintweit e outros, a confundir os ritos e nojentas práticas desta gente com as crenças religiosas dos Lamas orientais, os "barretes-amarelos" e os seus Naljors ou homens santos. [Voltar](#).

109. Amitabha. o Imortal Iluminado, nome de Gautama Buda (Na simbologia do budismo setentrional diz-se que Amitabha ou o espaço ilimitado (Parabrahman) tem no seu paraíso dois Bodhisattvas - Kuan-shi-yin e Tashishi - que não cessam de irradiar luz sobre os três mundos onde viveram, incluindo o nosso, para, com esta luz (do conhecimento), auxiliar a instrução dos iogues, os quais, por sua vez, salvarão os homens. A sua alta posição no reino de Amitabha é - diz a alegoria - devida a atos de misericórdia por ambos praticados, como tais iogues, quando na terra). [Voltar](#).

110. Dorje é o sânscrito Vajra, arma ou instrumento nas mãos de alguns Deuses (os Dragshed tibetanos, os Devas que protegem os homens) e é considerado como tendo o mesmo poder oculto de repelir más influências - purificando o ar - que o ozônio tem na química. É também um Mudra, gesto e posição usados ao sentar para a meditação. É, em resumo, símbolo de poder sobre más influências invisíveis, quer como posição, quer como talismã. Os Bhöns e Dugpas, porém, tendo apropriado o símbolo, aproveitam-se dele sinistramente para os fins da magia negra. Para os barretes-amarelos, ou Gelugpas, é símbolo de poder, como a cruz para os cristãos, e é tampouco superstição como esta. Para os Bhöns é, como o duplo triângulo invertido, o sinal da bruxaria. [Voltar](#).

111. Vairagya é o sentimento de absoluta indiferença para com o universo objetivo, ao prazer e à dor. "Nojo" (como o nojo da sociedade) não dá bem a idéia, mas é o mais próximo que há. ("Despaixão" seria, talvez o termo mais apropriado.) [Voltar](#).

112. Ahamkara - o sentimento da sua própria personalidade, a noção do "eu sou". [Voltar](#).

113. "Um que segue as passadas dos seus predecessores" é o verdadeiro sentido do nome Tathagata. [Voltar](#).

114. Samvritti é aquela das duas verdades que demonstra o caráter ilusório ou o vácuo de todas as coisas. Neste caso significa a verdade relativa. A escola Mahayana ensina a diferença entre estas duas verdades - Paramarthsatya e Samvritisatya (Satya-verdade). É este o pomo de discórdia entre os Madhyamikas e os Yogacharyas, os primeiros dos quais negam, e os segundos afirmam, que todo o objetivo existe devido a uma causa anterior ou por concatenação. Os Madhyamikas são os grandes niilistas e negadores, para quem tudo é Parikalpita, uma ilusão e um erro no mundo do pensamento subjetivo tanto como no universo objetivo. Os Yogacharyas são os grandes espiritualistas. Samvritti, portanto, por ser apenas a verdade relativa, é a origem de toda a ilusão. [Voltar](#).

115. Os Lhamayin são elementais e maus espíritos adversos aos homens, e seus inimigos. [Voltar](#).
116. O Eu superior, ou personalidade pensante. [Voltar](#).
117. Jnana-Marga é, literalmente, o caminho de Jnana, ou o Caminho do Conhecimento Puro, de Paramartha ou (em sânscrito) Svasamvedana, a reflexão evidente por si mesma, ou autoanalítica. [Voltar](#).
118. É esta uma alusão a uma crença bem conhecida no Oriente (como, de resto, também no Ocidente) de que cada Buda ou santo a mais é um novo soldado no exército daqueles que trabalham pela libertação ou salvação da humanidade. Nas regiões do budismo do Norte, onde é ensinada a doutrina dos Nirmanakayas - aqueles Bohisattvas que renunciam à justamente merecida veste do Nirvana ou do Dharmakaya (qualquer dos quais os isolam para sempre do mundo dos homens) para invisivelmente auxiliar a humanidade e conduzi-la finalmente ao Paranirvana - cada novo Bodhisattva, ou Grande Adepto Iniciado, é denominado o libertador da humanidade. A afirmação, feita por Schlagintweit no livro O Budismo no Tibete, de que Prulpai ku ou Nirmanakaya é "o corpo em que os Budas ou Bodhisattvas aparecem na terra para ensinar os homens" é absurdamente errônea e nada explica. [Voltar](#).
119. Uma referência às paixões e pecados humanos que são chacinados durante as provações do noviciado, e servem de terreno bem adubado onde podem nascer os germes ou sementes das virtudes transcendentais. As virtudes, talentos ou dons preexistentes têm-se por adquiridos numa nascerença anterior, O gênio é sem exceção um talento ou aptidão trazido de uma vida anterior. [Voltar](#).
120. Titiksha é o quinto estado da Raja loga - um estado de suprema indiferença; a submissão, se for preciso, ao que se chama "o prazer e a dor para todos", mas não tirando nem prazer nem dor de tal submissão - em suma, o tornar-se física, mental, e moralmente indiferente e insensível quer ao prazer, quer à dor. [Voltar](#).
121. Sowani é aquele que pratica o Sowan, o primeiro caminho em Dhyana, um Srotapatti. [Voltar](#).
122. Dia aqui significa todo um Manvantara, um período de incalculável duração. [Voltar](#).
123. Meru, a montanha sagrada dos Deuses. [Voltar](#).
124. Na simbologia do budismo setentrional diz-se que Amitabha ou o espaço ilimitado (Parabrahman) tem no seu paraíso dois Bodhisattvas - Kuan-shi-yin e Tashishi - que não cessam de irradiar luz sobre os três mundos onde viveram, incluindo o nosso, para, com esta luz (do conhecimento), auxiliar a instrução dos iogues, os quais, por sua vez, salvarão os homens. A sua alta posição no reino de Amitabha é - diz a alegoria - devida a atos de misericórdia por ambos praticados, como tais iogues, quando na terra. [Voltar](#).
125. Estes três mundos são os três planos do ser - o terreno, o astral e o espiritual. [Voltar](#).
126. O "Muro da Guarda", ou "Muro da Proteção". É-nos ensinado que os esforços acumulados de longas gerações de iogues, Santos e Adeptos, especialmente dos Nirmanakayas, criaram, por assim dizer, um muro de proteção em torno da humanidade, que a guarda invisivelmente contra males ainda maiores. [Voltar](#).
127. Do sânscrito Arhat ou Arham. [Voltar](#).
128. Klesha é o amor ao prazer ou à alegria terrena, quer seja boa ou má. [Voltar](#).
129. Tanha, a vontade de viver, aquilo que causa o renascer. [Voltar](#).
130. Esta compaixão não deve ser tida por análoga ao "Deus, o divino amor" dos teístas. A compaixão significa aqui lei abstrata, impessoal, cuja natureza, sendo a harmonia absoluta, se torna confusa pela discórdia, pelo sofrimento, e pelo pecado. [Voltar](#).
131. Na fraseologia do budismo do Norte todos os grandes Arhats, Adeptos e Santos são denominados Budas. As citações atuais são feitas do Thegpa Chenpoido, o Mahayana Sutra, "invocações aos Budas da Confissão", Parte I. IV. [Voltar](#).

132. Um Bodhisattva é, hierarquicamente, menos do que um Buda perfeito. Na linguagem exotérica os dois são muito confundidos. Mas a percepção popular, correta e inata, colocou um Bodhisattva, devido ao seu grande sacrifício, mais alto no seu respeito do que um Buda. [Voltar](#).

133. Esta mesma reverência popular chama “Budás da Compaixão” àqueles Bodhisattvas que, tendo chegado ao grau de Arbat (isto é, tendo completado o quarto ou sétimo Caminho), recusam-se a passar para o estado nirvânico ou “vestir a veste do Dharmakaya e passar para a outra margem”, visto que então já não poderiam auxiliar os homens mesmo o pouco que o Carma permite. Preferem continuar invisivelmente (no espírito, por assim dizer) no mundo, e contribuir para a salvação humana, influenciando os homens a seguir a boa Lei, isto é, levando-os para o Caminho da Virtude. É costume entre os exotéricos do budismo do Norte venerar estes grandes seres como santos e mesmo rezar a eles, como fazem os gregos e os católicos aos seus santos e padroeiros; mas os ensinamentos esotéricos não permitem essas orações. Há grande diferença entre as duas doutrinas. O exotérico laico mal sabe o verdadeiro sentido da palavra Nirmanakaya - daí a confusão e as explicações insuficientes dos orientistas. Por exemplo: Schlagintweit crê que Nirmanakaya significa forma física assumida pelos Budas quando encarnam na terra - “o menos sublime dos seus invólucros terrenos” (ver O Budismo no Tibete) - e passa a dar opinião inteiramente falsa sobre o assunto. A verdadeira doutrina é, porém, esta:

Os três corpos ou formas búdicas são denominados:

I. Nirmanakaya.

II. Sambhogakaya.

III. Dharmakaya.

O primeiro é aquela forma etérea que ele assumiria quando, abandonando o corpo físico, aparecesse no corpo astral -tendo a mais todos os conhecimentos de um Adepto. O Bodhisattva desenvolveu-o em si mesmo à medida que avança no caminho. Tendo chegado à meta e recusado a fruição da recompensa, permanece na terra como um Adepto; quando morre, em vez de entrar para o Nirvana, fica no corpo glorioso que para si teceu, invisível à humanidade não-iniciada, para velar por ela e protegê-la.

Sambhogakaya (literalmente “Corpo de Compensação”) é o mesmo Nirmanakaya, mas com o brilho adicional de três perfeições, uma das quais é a obliteração de todas as preocupações terrenas.

O corpo Dharmakaya é o de um Buda completo, isto é, não é corpo nenhum, mas o sopro ideal; a consciência imersa na consciência universal, ou a alma despida de todos os atributos.

Uma vez tornado um Dharmakaya, um Adepto ou Buda abandona toda a possível relação com, ou pensamento ligado a esta terra. Assim, para poder auxiliar a humanidade, um Adepto que adquiriu o direito ao Nirvana, “renuncia ao corpo Dharmakaya”, falando misticamente; guarda, do Sambhogakaya, apenas os grandes e completos conhecimentos, e fica no seu Nirmanakaya. A escola esotérica ensina que Gautama Buda, com vários dos seus Arhats, é um Nirmanakaya deste gênero, acima do qual, pela grande renúncia e sacrifício pela humanidade, não existe ninguém. [Voltar](#).

134. Myalpa é a nossa terra - propriamente chamada de Inferno - que a escola esotérica chama o maior de todos os infernos. A doutrina esotérica não conhece inferno, ou lugar de castigo, a não ser um planeta habitado ou terra. Avichi é um estado e não um lugar. [Voltar](#).

135. Isto significa que nasceu um novo salvador da humanidade, que conduzirá os homens ao Nirvana final, isto é, depois do fim do ciclo de vidas. [Voltar](#).

136. Esta é uma das variantes da fórmula que invariavelmente fecha todo o tratado, invocação ou instrução. “Paz a todos os seres”, “Bênçãos sobre tudo quanto vive”, etc. [Voltar](#).

# A Voz do Silêncio

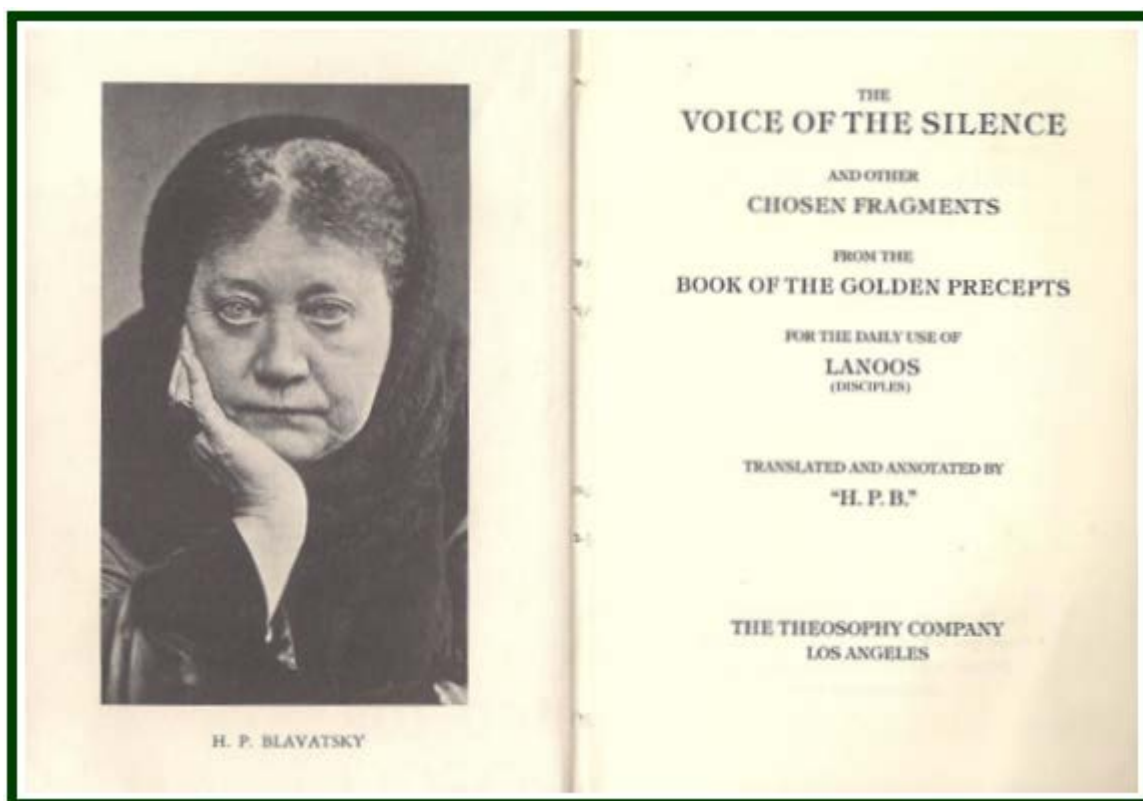
E Outros

FRAGMENTOS ESCOLHIDOS

PARA O USO DIÁRIO DOS LANUS (DISCÍPULOS)

Com Tradução e Notas de

“H. P. B.”



Páginas de Abertura da Edição Original em Inglês





grande segredo. Porém do outro lado dos Himalaias o método das Escolas Esotéricas não difere, a menos que o Guru seja simplesmente um Lama, e tenha poucos conhecimentos mais do que aqueles a quem ensina.

A obra da qual eu traduzo o material aqui publicado faz parte da mesma série de que foram tiradas as “Estâncias” do *Livro de Dzyan*, e nas quais se baseia a *Doutrina Secreta*. Assim como a grande obra mística chamada *Paramartha* – que, segundo conta a lenda de Nagarjuna, foi dada ao grande Arhat pelos Nagas ou “Serpentes” (na verdade um termo usado para designar os antigos Iniciados) –, o *Livro dos Preceitos de Ouro* reivindica a mesma origem. No entanto, as suas máximas e suas ideias, embora sejam nobres e originais, são frequentemente encontradas sob diferentes formas em obras sânscritas como o Dnyaneshvari, aquele esplêndido tratado místico no qual Krishna descreve para Arjuna, em cores brilhantes, o estado de um Iogue plenamente iluminado; e também em certos Upanixades. Isto é bastante natural, já que a maior parte, se não a totalidade dos grandes Arhats – os primeiros seguidores de Gautama Buddha – eram hindus e arianos, não mongóis, especialmente os que emigraram para o Tibete. Só as obras deixadas por Aryasangha já são muito numerosas.

Os *Preceitos* originais estão gravados em finas folhas ou lâminas oblongas; as cópias são feitas, com muita frequência, em discos. Estes discos, ou chapas, são geralmente preservados nos altares dos templos que existem junto aos centros onde as Escolas chamadas de contemplativas, ou Mahayana (Yogacharya), estão estabelecidas. Os Preceitos são escritos de várias maneiras, às vezes em tibetano, e na maior parte dos casos em escrita ideográfica. A língua sacerdotal (Senzar), além de possuir o seu próprio alfabeto, também pode ser usada em vários tipos de escrita, em símbolos cifrados que parecem mais ideogramas do que sílabas. Outro método (*lug*, em tibetano) consiste em usar algarismos e cores, cada um dos quais corresponde a uma letra do alfabeto tibetano (trinta letras simples, e setenta e quatro letras compostas), formando-se assim um alfabeto criptográfico completo. Quando são usados os ideogramas, há um modo definido de ler o texto, porque, neste caso, os símbolos e sinais usados em astrologia – isto é, os doze animais do zodíaco e as sete cores primárias, cada uma delas com três tonalidades, a mais clara, a básica e a mais escura – correspondem às trinta e três letras do alfabeto simples, para as palavras e as frases. Por isso, neste método, os doze “animais”, repetidos cinco vezes e associados aos cinco elementos e às sete cores, formam um alfabeto inteiro, composto de sessenta letras sagradas e doze signos. Um sinal, colocado no início do texto, determina se o leitor deve formar as palavras do modo indiano, segundo o qual cada palavra é simplesmente uma adaptação do sânscrito, ou de acordo com o princípio chinês da leitura por ideogramas. A maneira mais fácil, no entanto, é a que permite ao leitor não usar nenhuma língua em especial, ou usar *qualquer* língua, já que os sinais e símbolos eram, assim como os números ou algarismos arábicos, propriedade comum e internacional dos místicos iniciados e os seus seguidores. A mesma peculiaridade é característica de um dos modos chineses de escrever, que pode ser lido com igual facilidade por qualquer um que esteja familiarizado com o símbolo: por exemplo, um japonês pode lê-lo em sua própria língua, assim como um chinês o lê com igual facilidade em seu idioma.

O *Livro dos Preceitos de Ouro* – alguns dos quais são pré-budistas enquanto outros pertencem a uma data posterior – contém cerca de noventa diferentes tratados pequenos. Destes, eu memorizei trinta e nove, alguns anos atrás. Para traduzir o resto, eu teria que recorrer a notas espalhadas por um número excessivamente grande de papéis e memorandos reunidos durante os últimos vinte anos e que nunca foram colocados em ordem, para que a tarefa se tornasse pelo

menos um pouco mais fácil. Além disso, nem todos eles poderiam ser traduzidos para um mundo tão egoísta e tão apegado aos objetos dos sentidos que não está preparado, de modo algum, para receber do modo correto uma ética tão elevada. Porque, a menos que o homem persevere seriamente na busca do autoconhecimento, ele jamais ouvirá com boa vontade conselhos desta natureza.

E, no entanto, esta ética ocupa volumes e volumes da literatura oriental, especialmente nos *Upanishads*. “Mate o desejo de viver”, diz Krishna a Arjuna. Este desejo se concentra apenas no corpo, o veículo do eu materializado, e não no EU que é “eterno, indestrutível, que não mata nem pode ser morto” (*Katopanishad*). “Mate a sensação”, ensina o *Sutta Nipata*; “olhe do mesmo modo para o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota.” E ainda: “Busque refúgio apenas no Eterno” (*ibid*). “Destrua o sentido de separatividade”, repete Krishna de muitas maneiras diferentes. “A mente (*Manas*) que segue os sentidos oscilantes torna a alma (*Buddhi*) tão indefesa quanto o barco que o vento leva à deriva pelas águas.” (*Bhagavad Gita*, cap. II)

Portanto, foi considerado mais correto fazer apenas uma seleção sábia daqueles tratados que serão mais úteis para os poucos realmente místicos da Sociedade Teosófica, e que irão, certamente, atender às necessidades deles. Só eles serão capazes de apreciar estas palavras de Krishna-Cristos, o “Eu Superior”:

“Os sábios não se preocupam nem pelos vivos nem pelos mortos. Eu nunca deixei de existir, nem você, nem estes líderes dos homens. Nenhum de nós jamais deixará de existir.” (*Bhagavad Gita*, cap. II)

Nesta tradução, fiz o melhor que pude para preservar a beleza poética da linguagem simbólica que caracteriza o original. Cabe ao leitor avaliar até que ponto o esforço foi bem sucedido.

“H.P.B.”, 1889.

000

Esta obra é dedicada aos Poucos

000

# FRAGMENTO I

## A Voz do Silêncio

1. Estas instruções são para aqueles que ignoram os perigos dos IDDHI inferiores.<sup>1</sup>
2. Aquele que pretende ouvir a voz de Nada <sup>2</sup>, o “Som Sem Som”, e compreendê-la, deve aprender antes a natureza de *Dharana*.<sup>3</sup>
3. Tendo se tornado indiferente aos objetos de percepção, o aluno deve buscar o Rajá dos sentidos, o Produtor do Pensamento, aquele que desperta a ilusão.
4. A Mente é o grande Assassino do Real.
5. O Discípulo deve matar o Assassino.

Porque –

6. Quando para ele mesmo a sua forma parecer irreal, como parecem irreais ao despertar as formas que ele vê em sonhos;
7. Quando ele tiver cessado de escutar os muitos, ele poderá discernir o UM – o som interno que mata os sons externos.

---

<sup>1</sup> A palavra páli *Iddhi* é sinônimo do termo sânscrito *Siddhi*, e se refere às faculdades psíquicas, os poderes anormais no homem. Há dois tipos de *Siddhis*. Um grupo abrange as energias inferiores, grosseiras, psíquicas e mentais; o outro grupo exige o mais elevado treinamento dos poderes Espirituais. Krishna afirma no *Shrimad Bhagavad [Bhagavad Gita]*: “Aquele que se dedica à realização da Ioga, que controlou seus sentidos e concentrou sua mente em mim (Krishna) a tal Iogue todos os *Siddhis* estão prontos para servir.”

<sup>2</sup> A “Voz Sem Som”, ou a “Voz do Silêncio”. Do ponto de vista literal, talvez a melhor tradução seja “A Voz no Som Espiritual”, já que *Nada* é a palavra equivalente, em sânscrito, de um termo em senzar.

<sup>3</sup> *Dharana* é a intensa e perfeita concentração da mente sobre um objeto interior, acompanhada de completa abstração de tudo o que pertence ao Universo externo, ou ao mundo dos sentidos.

8. Só então, e não antes disso, ele poderá abandonar a região de Asat, do falso, para vir até o reino de Sat, o verdadeiro.

9. Antes que a Alma possa ver, a Harmonia interior deve ser alcançada e os olhos físicos precisam ficar cegos para toda ilusão.

10. Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) deve tornar-se surda tanto para rugidos como para sussurros, e tanto para o bramido dos elefantes quanto para o leve zumbido do vagalume dourado.

11. Antes que a Alma possa compreender e possa lembrar, ela deve estar unida ao Orador Silencioso, assim como a forma pela qual a argila é modelada se une, primeiro, à mente do oleiro.

12. Porque então a Alma irá escutar, e ela lembrará.

13. E então falará, ao ouvido interno -

### A VOZ DO SILÊNCIO

E ela dirá:

14. Se tua Alma sorri enquanto se banha na luz do Sol da tua Vida; se tua Alma canta dentro da sua crisálida de carne e matéria; se tua Alma chora dentro do seu castelo de ilusão; se tua Alma luta para romper o cordão de prata que a liga ao MESTRE <sup>4</sup>, então fica sabendo, ó Discípulo, que a tua Alma é da terra.

15. Quando diante do tumulto do mundo a tua Alma <sup>5</sup> florescente se põe a escutar; quando tua Alma responde à voz ruidosa da Grande Ilusão <sup>6</sup>; quando, assustada por ver as lágrimas quentes do sofrimento, ensurdecida pelos gritos de aflição, tua Alma se retira como a tímida tartaruga para dentro da carapaça do SEU PRÓPRIO INTERIOR, percebe, ó Discípulo, que tua alma não é um templo digno do Silencioso “Deus” dela própria.

16. Quando, tornando-se mais forte, a tua Alma sai do seu retiro seguro; e, rompendo com o santuário protetor, estende o seu fio de prata e se apressa para avançar; quando, olhando para sua própria imagem nas ondas do Espaço, ela murmura: “esta sou eu” – confessa, ó Discípulo, que tua Alma está presa pelas redes da ilusão.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> “Grande Mestre” é a expressão usada pelos Lanus ou Chelas para indicar o Eu Superior. É o equivalente a *Avalokitesvara*, e significa o mesmo que Adi-Buddha entre os Ocultistas budistas, ou ATMA, o “Eu” (Eu Superior) entre os brâmanes, e Christos entre os antigos Gnósticos.

<sup>5</sup> A palavra “Alma” é usada aqui para designar o Eu Humano ou Manas, aquilo que se chama, em nossa divisão setenária oculta, de “Alma Humana”, em contraste com a Alma Espiritual e a Alma Animal.

<sup>6</sup> *Maha-Maya*, a grande ilusão, o Universo objetivo.

<sup>7</sup> *Sakkayaditthi*, “ilusão” da personalidade.

17. Esta terra, Discípulo, é o Salão do Sofrimento, e nele, ao longo de um Caminho de duras provações, há armadilhas para fascinar o Eu através da ilusão chamada “Grande Heresia”.<sup>8</sup>

18. Esta terra, ó Discípulo ignorante, é apenas a entrada sombria que leva à luz fraca existente antes do vale da verdadeira luz – aquela luz que nenhum vento pode apagar, a luz que queima sem uma mecha, e sem combustível.

19. Diz a Grande Lei: “Para que tu te tornes CONHECEDOR de TODO SER<sup>9</sup>, tu tens primeiro que conhecer o SER”. Para alcançar o conhecimento daquele SER, tu debes desistir do Eu em função do Não-Eu, e desistir do ser em função do não-ser. Então poderás repousar entre as asas do GRANDE PÁSSARO. Sim, agradável é o repouso entre as asas daquilo que não nasce, nem morre, mas é o AUM<sup>10</sup>, ao longo das eras da eternidade<sup>11</sup>.

20. Cavalga o Pássaro da Vida, se quiseres ter conhecimento.<sup>12</sup>

21. Renuncia à tua vida, se queres viver.<sup>13</sup>

22. Três Salões, ó Peregrino exausto, conduzem ao final da fadiga. Três Salões, ó vencedor de Mara, te levarão através de três estados<sup>14</sup> até o quarto<sup>15</sup>, e dali até os sete Mundos<sup>16</sup>, os mundos do Descanso Eterno.

<sup>8</sup> *Attavada*, a heresia da crença em uma Alma, ou mais precisamente a crença na separação de uma Alma ou Eu em relação ao SER Uno, Universal e Infinito.

<sup>9</sup> O *Tattvajnani* é o “conhecedor” ou discriminador dos princípios na natureza e no homem; e o *Atmajnani* é o conhecedor de ATMA, ou o SER UNO Universal.

<sup>10</sup> *Kala Hansa*, o “Pássaro” ou Cisne. Diz o *Nadavindu Upanishad* (Rig Veda), traduzido pela Sociedade Teosófica de Kumbakonam – “A sílaba ‘A’ é considerada como a asa direita (do pássaro Hansa). O ‘U’ é sua asa esquerda, o ‘M’, a sua cauda, e o Ardha-matra (meio metro) é definido como sua cabeça.”

<sup>11</sup> “Eternidade”, entre os orientais, tem um significado bastante diferente do significado ocidental. Ela geralmente designa os cem anos da “idade” de Brahma, que é a duração de um Maha-Kalpa, ou um período de 311.040.000.000.000 anos.

<sup>12</sup> Diz o mesmo *Nadavindu*: “Um Iogue que cavalga o Hansa (e assim contempla o AUM) não é afetado por influências cármicas ou por milhões de pecados.”

<sup>13</sup> Renuncie à vida da personalidade *física*, se você pretende viver em espírito.

<sup>14</sup> Os três estados de consciência, que são *Jagrat*, o estado de vigília, *Svapna*, o sono com sonhos, e *Sushupti*, o sono profundo. Estas três condições do Iogue levam à quarta, ou –

<sup>15</sup> O estado de *Turiya*, que fica além do estado de sono sem sonhos, um estado acima de todos os outros, de alta consciência espiritual.

<sup>16</sup> Alguns Místicos Orientais localizam sete planos de existência, os sete *lokas* espirituais, ou mundos, dentro do corpo de *Kala Hansa*, o Cisne fora do Tempo e do Espaço, que é conversível no Cisne dentro do Tempo, quando ele se torna Brahma, ao invés de Brahman.

23. Se queres aprender os nomes deles, então escuta com toda atenção e lembra.
24. O nome do primeiro Salão é IGNORÂNCIA – Avidya.
25. Este é o Salão em que tu viste a luz, em que tu vives e morrerás.<sup>17</sup>
26. O nome do segundo Salão é Salão do APRENDIZADO. Nele a tua alma encontrará as flores da vida, mas sob cada flor haverá uma serpente enroscada.<sup>18</sup>
27. O nome do terceiro Salão é SABEDORIA, além do qual se estendem as águas sem praia de AKSHARA, a indestrutível Fonte da Onisciência.<sup>19</sup>
28. Se queres atravessar o primeiro Salão em segurança, não deixes que a tua mente confunda o fogo da luxúria, que arde ali, com a luz do sol da vida.
29. Se queres atravessar o segundo Salão em segurança, não pares para experimentar a fragrância fascinante das suas flores. Se queres libertar-te das correntes cármicas, não procures o Guru nestas regiões mayávicas.
30. Os SÁBIOS não se demoram nas regiões prazenteiras dos sentidos.
31. Os SÁBIOS não dão atenção às vozes encantadoras da ilusão.
32. Busca por aquele que te fará nascer <sup>20</sup> no Salão da Sabedoria, o Salão que está mais além. Nele todas as sombras são desconhecidas, e a luz da verdade brilha com uma glória que jamais perde sua força.
33. Aquilo que nunca foi criado está presente em ti, Discípulo, assim como está presente naquele Salão. Se queres alcançá-lo e unir os dois, debes deixar de lado as tuas escuras vestimentas de ilusão. Endurece a voz da carne, não deixes que imagem alguma dos sentidos se ponha entre a sua luz e a tua, de modo que assim os dois possam tornar-se um. E, tendo compreendido a tua própria *Ajnyana* <sup>21</sup>, foge do Salão do Aprendizado. Este Salão é perigoso em sua beleza pérfida. Ele só é necessário para a tua provação. Cuida, Lanu, para não ser fascinado e capturado por esta luz enganosa.

---

<sup>17</sup> O mundo fenomênico dos sentidos e da consciência apenas terrestre.

<sup>18</sup> A região astral, o mundo psíquico das percepções supersensoriais e das visões enganosas – o mundo dos médiuns. Esta é a grande “Serpente Astral” de Eliphas Levi. Nenhuma flor colhida nestas regiões jamais foi levada para a terra sem uma serpente enroscada em torno do seu talo. Este é o mundo da *Grande Ilusão*.

<sup>19</sup> A região da completa Consciência Espiritual, além da qual não há mais perigo para aquele que chegou a ela.

<sup>20</sup> O Iniciado – que transmite Conhecimento ao discípulo, levando-o até o seu nascimento espiritual, ou segundo nascimento – é chamado de Pai, de Guru ou de Mestre.

<sup>21</sup> *Ajnyana* é ignorância ou não-sabedoria, o oposto de Conhecimento, *Jnyana*.

34. Esta luz brilha desde a joia do Grande Enganador (Mara).<sup>22</sup> Ela domina os sentidos, cega a mente, e deixa o imprudente abandonado e destruído.
35. A mariposa atraída para a luz deslumbrante do teu lampião noturno está condenada a perecer no óleo viscoso. A alma imprudente que deixa de lutar contra o demônio da imitação e da ilusão, retornará à terra como escrava de Mara.
36. Observa as Hostes de Almas. Olha como elas pairam sobre o mar tempestuoso da vida humana, e como, exaustas, sangrando, com as asas quebradas, caem uma depois da outra nas ondas crescentes. Levadas por ventos terríveis, perseguidas pelo temporal, elas vão à deriva até os remoinhos, e desaparecem dentro do primeiro grande vórtice.
37. Se queres alcançar o Vale da Bem-Aventura através do Salão da Sabedoria, Discípulo, fecha com força os teus sentidos contra a terrível heresia da Separatividade que te afasta do resto.
38. Não deixes que o teu “Nascido-no-Céu”, submerso no mar de Maya, rompa com a Fonte Universal (ALMA), mas faz com que o poder flamejante se retire até a câmara mais interna, a câmara do Coração<sup>23</sup>, e moradia da Mãe do Mundo.<sup>24</sup>
39. Então, desde o coração aquele Poder surgirá no sexto, a região do meio, o lugar entre os teus olhos, e se transformará no alento da ALMA UNA, a voz que tudo permeia, a voz do teu Mestre.
40. Só então tu podes tornar-te um “Caminhante do Céu”<sup>25</sup>, que pisa os ventos sobre as ondas e cujo passo não toca as águas.
41. Antes de colocares o teu pé sobre o degrau superior da escada, na escala dos sons místicos, debes escutar de sete maneiras a voz do teu DEUS<sup>26</sup> *interior*.

---

<sup>22</sup> *Mara*, nas religiões exotéricas, é um demônio, um Asura, mas em filosofia esotérica é a tentação, personificada através dos vícios dos homens. Traduzida literalmente, a palavra significa “aquilo que mata” a Alma. *Mara* é representado como um Rei (o Rei dos *Maras*) com uma coroa em que se destaca uma jóia de tamanho brilho que torna cegos aqueles que olham para ela. Este brilho se refere, naturalmente, ao fascínio que o vício exerce sobre certas naturezas.

<sup>23</sup> A câmara *interna* do Coração, chamada em sânscrito de *Brahma-pura*. O “poder flamejante” é Kundalini.

<sup>24</sup> O “Poder” e a “Mãe do Mundo” são nomes dados a *Kundalini* – um dos “poderes místicos do Iogue”. *Kundalini* é *Buddhi* considerado como um princípio ativo ao invés de passivo (o que ele é, em geral, quando visto apenas como veículo ou invólucro do Espírito Supremo, ATMA). É uma força eletro-espiritual, um poder criador que, quando despertado e colocado em ação, pode tanto matar quanto criar, com igual facilidade.

<sup>25</sup> Um *Keshara*, um “caminhante do céu” ou “andarilho do céu”. Como é explicado no sexto Adhyaya daquela obra suprema entre os tratados místicos, o *Dnyaneshvari*, o corpo do iogue se torna como *formado pelo vento*; como “uma nuvem da qual surgiram membros”. Depois disso, “ele (o iogue) vê as coisas além dos mares e das estrelas; ele escuta a linguagem dos Devas e a compreende, e percebe o que está passando pela mente de uma formiga.”

<sup>26</sup> O EU Superior.



42. O primeiro som é como a voz doce do rouxinol cantando uma canção de despedida para sua companheira.
43. O segundo vem como o som de um címbalo prateado dos Dhyanis <sup>27</sup>, acordando as estrelas cintilantes.
44. O próximo é como o lamento melodioso de um espírito do oceano, preso em sua concha.
45. E este é seguido pelo canto da Vina.<sup>28</sup>
46. O quinto alcança o teu ouvido como o som agudo da flauta de bambu.
47. Ele muda em seguida para o toque de uma corneta.
48. O último vibra como o rolar distante e pesado de um trovão pela nuvem.
49. O sétimo engole todos os outros sons. Eles morrem, e então já não são ouvidos.
50. Quando os seis <sup>29</sup> são destruídos e colocados aos pés do Mestre, então o discípulo se une ao UM,<sup>30</sup> torna-se aquele UM e nele vive.
51. Antes de ingressar neste caminho, tu deves destruir o teu corpo lunar <sup>31</sup>, limpar o teu corpo mental <sup>32</sup>, e tornar puro o teu coração.
52. As águas puras da vida eterna, cristalinamente claras, não podem misturar-se às águas lamacentas da tempestade tropical.
53. A gota de orvalho do céu que brilha no meio da flor de lótus com o primeiro raio de sol da manhã, quando cai na terra se torna um pedaço de barro; olhe, a pérola agora é uma partícula de lama.

---

<sup>27</sup> Nota do Tradutor: *Dhyanis* são espíritos planetários superiores. O termo vem do sânscrito. Cabe registrar que as imagens simbólicas dadas nesta e em outras frases deste trecho coincidem com o conceito pitagórico de “música das esferas”, e o exemplificam. (CCA)

<sup>28</sup> A vina é um instrumento musical indiano, de cordas, semelhante ao alaúde.

<sup>29</sup> Os seis princípios; esta é uma referência ao momento em que a personalidade inferior é destruída e a individualidade interna se une ao Sétimo, ou o Espírito, perdendo-se nele.

<sup>30</sup> O discípulo se torna Um com Brahma ou ATMA.

<sup>31</sup> A forma astral produzida pelo princípio kâmico, o Kama-rupa, ou corpo de desejo.

<sup>32</sup> Manasa-rupa. O primeiro se refere ao Eu astral ou pessoal; o segundo à individualidade, ou ao Eu reencarnante, cuja consciência em nosso plano, o *Manas inferior*, deve ser paralisada.

54. Luta contra teus pensamentos impuros antes que eles te dominem. Usa-os como eles te usarão, porque se os pouparem e deixares que criem raízes e cresçam, deves saber que estes pensamentos te dominarão e te matarão. Tem cuidado, Discípulo, não deixes sequer que a sombra de tais pensamentos se aproxime. Porque a sombra crescerá, aumentará em tamanho e poder, e então esta coisa de escuridão absorverá o teu ser antes que tu tenhas percebido bem a presença do monstro preto e repugnante.

55. Antes que o “Poder místico”<sup>33</sup> possa fazer de ti um Deus, Lanu, tu deves ter desenvolvido a capacidade de destruir à vontade a tua forma lunar.

56. O Eu Material e o EU Espiritual nunca podem encontrar-se. Um dos gêmeos deve desaparecer; não há lugar para ambos.

57. Antes que a mente da tua Alma possa compreender, o casulo da personalidade deve ser esmagado; a lagarta dos sentidos deve ser destruída além da possibilidade de ressurreição.

58. Não podes trilhar o Caminho antes de te transformares no próprio Caminho.<sup>34</sup>

59. Que tua Alma ouça cada grito de dor, assim como a flor de lótus se abre para beber o sol da manhã.

60. Não deixes que o sol ardente seque uma só lágrima de dor antes que tu a tenhas tirado do olho daquele que sofre.

61. Mas faz com que cada lágrima humana caia queimando no teu coração e lá permaneça; não a afastes jamais, antes que a dor que a causou tenha sido removida.

62. Estas lágrimas, ó ser de coração extremamente piedoso, estas são as correntes que irrigam os campos da compaixão imortal. É neste solo que nasce a flor da meia-noite de Buddha,<sup>35</sup> mais difícil de encontrar e mais rara que a flor da árvore de Vogay. É a semente da libertação dos renascimentos. Ela isola o Arhat tanto do conflito como da luxúria, e o leva através dos campos do Ser até a paz e a bem-aventurança conhecida apenas na terra do Silêncio e do Não-Ser.

63. Mata o desejo; mas, se o matas, cuida para que ele não ressurgja dos mortos outra vez.

---

<sup>33</sup> *Kundalini*, o “Poder da Serpente”, ou fogo místico. *Kundalini* é chamada de força “Serpentina” ou *anelar* por causa da forma espiralada como funciona ou progride no corpo do asceta que está desenvolvendo este poder em si mesmo. É uma força elétrica oculta, da natureza do fogo ou *Fohática*, a grande força prístina, que jaz sob toda matéria orgânica e inorgânica.

<sup>34</sup> Este “Caminho” é mencionado em todas as obras místicas. Como diz Krishna no *Dnyaneshwari*: “Depois que este Caminho é visto (.....), quer o indivíduo se encaminhe para a floração do Oriente ou para as câmaras do Ocidente, é sem mover-se, ó arqueiro, que esta estrada deve ser percorrida. Neste caminho, seja qual for o lugar para o qual se vai, o *ser* do caminhante se transforma no lugar buscado.” “Tu és o Caminho”, estas palavras são ditas ao Adepto Guru, e são ditas por este ao discípulo, depois da iniciação. “Eu sou o modo e o Caminho”, diz outro MESTRE.

<sup>35</sup> O Adeptado – “a floração do Bodhisattva”.

64. Mata o amor à vida, mas, se matas *Tanha*<sup>36</sup>, que isso não seja por uma sede de vida eterna, mas sim para substituir o que é passageiro pelo que é eterno.

65. Não desejes coisa alguma. Não te irrites com o Carma, nem com as leis imutáveis da Natureza. Mas luta apenas com o que é pessoal, com o transitório, o evanescente e o perecível.

66. Ajuda a Natureza e trabalha com ela; e a Natureza te verá como um dos seus criadores, e te obedecerá.

67. E ela abrirá diante de ti os portais das suas câmaras secretas, e revelará diante do teu olhar os tesouros ocultos nas profundezas do seu puro seio virgem. Jamais manchada pela mão da Matéria, ela mostra os seus tesouros apenas para o olho do espírito – o olho que jamais se fecha, a visão diante da qual não há um só véu, em todos os reinos da natureza.

68. Então ela te mostrará os meios e o caminho, o primeiro portão e o segundo, o terceiro, até o próprio sétimo portão. E, então, a meta; depois da qual estão, sob o sol do Espírito, glórias indizíveis que só o olho da Alma pode ver.

69. Há uma única estrada para o Caminho; só no seu final a Voz do Silêncio pode ser ouvida. A escada pela qual o candidato sobe é formada por degraus de sofrimento e dor, e estes só podem ser silenciados pela voz da virtude. Ai de ti, portanto, discípulo, se houver um só vício que ainda não abandonaste; porque então a escada cederá e te derrubará. O pé desta escada se apoia na lama profunda dos teus pecados e falhas, e, antes que tu possas tentar atravessar este amplo abismo de matéria, tens que lavar os teus pés nas Águas da Renúncia. Cuida para não pôr um pé ainda sujo no primeiro degrau da escada. Ai daquele que ousa sujar um degrau com pés enlameados. O barro mau e pegajoso seca, se torna resistente, e então gruda os seus pés naquele ponto. E, assim como um pássaro preso pela isca do caçador astuto, ele fica impossibilitado de obter mais progresso. Os seus vícios tomam forma e o arrastam para baixo. Seus pecados erguem suas vozes como a risada e o soluço do chacal depois que o sol se pôs. Os seus pensamentos se tornam um exército e o levam para longe como um escravo e um prisioneiro.

70. Mata teus desejos, Lanu, torna teus vícios impotentes, antes que seja dado o primeiro passo da viagem solene.

71. Estrangula os teus pecados e torna-os mudos para sempre, antes de erguer um pé para subir pela escada.

72. Silencia os teus pensamentos e fixa toda tua atenção em teu Mestre, que ainda não vês, mas sentes.

73. Funde os teus sentidos em um só sentido, se queres estar seguro contra o inimigo. É por este sentido apenas – que está escondido dentro do vazio do teu cérebro – que o caminho íngreme até o teu Mestre pode ser revelado diante dos teus olhos turvos.

---

<sup>36</sup> *Tanha* – “A vontade de viver”, o medo à morte e o amor pela vida, a força ou energia que provoca o renascimento.

74. O caminho diante de ti é longo e cansativo, ó discípulo. Um só pensamento sobre o passado, que tu deixaste para trás, te arrastará para baixo e então terás que começar novamente a subir.

75. Mata em ti mesmo toda memória de experiências passadas. Não olhes para trás ou estarás perdido.

76. Não acredites que se possa jamais eliminar a luxúria gratificando-a ou saciando-a, porque esta ideia é uma abominação inspirada por Mara. É ao alimentar o vício que o vício se expande e se torna forte, como o verme que engorda às custas do coração de uma flor.

77. A rosa deve transformar-se novamente em botão, nascido do seu caule progenitor antes que o parasita comesse seu coração e bebesse o seu fluido vital.

78. A árvore dourada produz botões de joias antes que o seu tronco fique ressequido devido à tempestade.

79. O Aluno deve recuperar o *estado infantil que ele perdeu*, antes que o primeiro som possa chegar ao seu ouvido.

80. A luz vinda do MESTRE ÚNICO, a única luz dourada e imperecível do Espírito, lança seus raios brilhantes sobre o Discípulo desde o início. Os seus raios atravessam as nuvens densas e escuras de Matéria.

81. Aqui e ali, agora e mais adiante, estes raios iluminam a Matéria assim como os clarões da luz do sol iluminam a terra através da densa folhagem da floresta em crescimento. Mas, ó Discípulo, a menos que o corpo físico esteja imóvel, a mente calma, a Alma tão firme e tão pura como um diamante que brilha, a energia radiante não chegará à *câmara*, a sua luz solar não aquecerá o coração, nem os sons místicos das alturas do akasha <sup>37</sup> alcançarão os ouvidos - por mais que eles estejam atentos - no estágio inicial.

82. A menos que tu escutes, não poderás ver.

83. A menos que tu vejas, não poderás escutar. Ouvir e ver é o segundo estágio.

84. Quando o Discípulo vê e ouve, e quando ele percebe o odor e o gosto com os olhos e ouvidos fechados e a boca e as narinas paralisadas, quando os quatro sentidos se combinam e estão prontos a passar para o quinto sentido, o sentido do tato interior – então ele passou para o quarto estágio.

85. E no quinto, ó matador dos teus pensamentos, todos eles têm de ser mortos de novo, além da possibilidade de serem reanimados.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Os sons místicos, ou a melodia, escutados pelo asceta no início do seu ciclo de meditação, chamado de *Anahad-shabd* pelos iogues.

<sup>38</sup> Isto significa que no sexto estágio de desenvolvimento – que, no sistema oculto, é *Dharana* – todos os sentidos, considerados como funções individuais, devem ser “mortos” (ou paralisados) neste plano, passando para e fundindo-se com o Sétimo sentido, o mais espiritual.

86. Afasta a tua mente de todos os objetos externos, de todas as visões externas. Detém as imagens internas, para que elas não lancem uma nuvem escura sobre a luz da tua Alma.

87. Tu estás agora em DHARANA <sup>39</sup>, o sexto estágio.

88. Quando tu tiveres passado para o sétimo, ó ser feliz, tu já não perceberás o Três sagrado <sup>40</sup>, porque te terás transformado tu mesmo naquele Três. Tu mesmo e a mente, como gêmeos em uma linha; a estrela que é a tua meta brilha no alto.<sup>41</sup>

Os Três que vivem na glória e na bem-aventurança inefável agora perderam seus nomes no Mundo de Maya. Eles se tornaram uma estrela, o fogo que brilha mas não queima, aquele fogo que é o Upadhi <sup>42</sup> da Chama.

89. E isso, ó iogue bem sucedido, é o que os homens chamam de Dhyana <sup>43</sup>, o legítimo precursor de Samadhi.<sup>44</sup>

90. E agora o teu Eu está perdido no EU, tu mesmo estás em TI MESMO, unido a AQUELE EU do qual foste irradiado em primeiro lugar.

91. Onde está a tua individualidade, Lanu, onde está o Lanu, ele próprio? Ele é a faísca que se perdeu na chama, é a gota dentro do oceano, o raio sempre-presente que se transforma no Todo e na radiância eterna.

<sup>39</sup> Veja a nota sobre “Dharana”, no segundo parágrafo deste Fragmento I.

<sup>40</sup> Cada estágio de desenvolvimento em *Raja Ioga* é simbolizado por uma figura geométrica. Este é o *Triângulo* sagrado e antecede *Dharana*. O  $\Delta$  é o signo dos chelas avançados, enquanto um outro tipo de triângulo é o símbolo dos altos Iniciados. É o símbolo “I” sobre o qual falou Buddha, usando-o como símbolo da forma encarnada de Tathágata, quando libertado dos três métodos de *Prajna*. Uma vez que os estágios preliminares e inferiores tenham sido passados, o discípulo não vê mais o  $\Delta$ , mas sim o  $-$ , que é uma abreviação do  $-$ , o Setenário completo. *A sua verdadeira forma não é dada aqui, porque é quase certo que ela seria usada por alguns charlatões e - profanada em seu uso em função de objetivos fraudulentos.*

<sup>41</sup> A estrela que brilha no alto é “a estrela da iniciação”. A marca da casta dos Shaivas, os devotos da seita de Shiva, o grande patrono de todos os iogues, é uma pequena pintura preta redonda, símbolo do *Sol*, agora, talvez, mas símbolo da estrela de iniciação, em Ocultismo, nos tempos antigos.

<sup>42</sup> A base, *upadhi*, da sempre inalcançável CHAMA, enquanto o asceta estiver ainda nesta vida.

<sup>43</sup> *Dhyana* é o último estágio antes do estágio final *nesta terra*, a menos que o indivíduo se torne um completo MAHATMA. Como já foi dito, neste estágio o Raja Iogue ainda é espiritualmente consciente do Eu, e do funcionamento dos seus princípios mais elevados. Mais um passo, e ele estará no plano que fica além do Sétimo, o quarto, segundo algumas escolas. Estes, depois da prática de *Pratyahara* - um treinamento preliminar, para obter o controle da sua própria mente e dos seus pensamentos - contam *Dhasena*, *Dhyana* e *Samadhi*, e incluem as três sob o nome genérico de SANNYAMA.

<sup>44</sup> *Samadhi* é o estágio em que o asceta perde a consciência de toda individualidade, inclusive a sua própria. Ele se torna - o TODO.

92. E agora, Lanu, tu és o autor e a testemunha, o radiador e a radiação, a Luz no Som, e o Som na Luz.

93. Tu conheces os cinco impedimentos, ó ser abençoado. Tu és o vencedor, o Mestre do sexto, transmissor dos quatro tipos de Verdade.<sup>45</sup> A luz que cai sobre eles brilha a partir de ti, ó tu que foste um discípulo, mas agora és um Mestre.

Em relação a estes tipos de Verdade: –

94. Tu não passaste pelo conhecimento de toda aflição – a primeira verdade?

95. Não venceste o Rei dos Maras no *Tsi*, o portal de reunião – a segunda verdade? <sup>46</sup>

96. Não destruístes o pecado no terceiro portão, atingindo a terceira verdade?

97. Não entraste no Tau, o “Caminho” que leva ao conhecimento, a quarta verdade? <sup>47</sup>

98. Que descanses agora sob a árvore de Bodhi, a perfeição de todo conhecimento; porque tu deves saber que és o Mestre do SAMADHI – o estado em que há uma visão impecável.

99. Observa! Tu te tornaste a Luz, tu te tornaste o som, tu és o teu Mestre e o teu Deus. Tu és TU MESMO o objeto da tua busca: a Voz inquebrantável que ressoa através das eternidades, isenta de mudança, isenta de pecado, os Sete Sons em um,

### A VOZ DO SILÊNCIO.

100. *Om Tat Sat.*

---

<sup>45</sup> Os “quatro tipos de verdade” são, para o budismo do norte: *Ku*, sofrimento ou aflição, *Tu*, o conjunto das tentações, *Mu*, a destruição dos anteriores, e *Tau*, o “caminho”. Os “cinco impedimentos” são o conhecimento da aflição, a verdade da fragilidade humana, as restrições opressivas, e a necessidade absoluta de separação de todos os laços de paixão, e mesmo de desejos. O “Caminho da Salvação” é o último dos impedimentos.

<sup>46</sup> No portal de “reunião”, o rei dos Maras, o *Maha Mara*, permanece tentando cegar o candidato através do brilho da sua “Joia”.

<sup>47</sup> Este é o quarto “Caminho”, dos cinco caminhos de renascimento que levam todos os seres humanos e os lançam em estados perpétuos de dor e contentamento. Estes “Caminhos” são apenas subdivisões do Único caminho, o Caminho seguido pelo Carma.

## FRAGMENTO II

### Os Dois Caminhos

101. **E** agora, ó Mestre de Compaixão, mostra o caminho para os outros homens. Olha todos aqueles que, procurando admissão, esperam na ignorância e na escuridão para ver abrir-se o portão da Boa Lei!

A voz dos Candidatos:

102. Não irá você, Mestre da sua própria Compaixão, revelar a Doutrina do Coração? <sup>48</sup>

Diz o Mestre:

103. Os Caminhos são dois; as grandes Perfeições são três, seis são as Virtudes que transformam o corpo na Árvore do Conhecimento.<sup>49</sup>

104. Quem se aproximará deles?

105. Quem entrará primeiro neles?

106. Quem primeiro ouvirá a doutrina dos dois Caminhos em um, a verdade revelada sobre o Coração Secreto? <sup>50</sup> A Lei que - afastando-se da erudição - ensina a Sabedoria, revela uma história de sofrimento.

107. Ah, como é lamentável que todos os homens possuam Alaya e estejam em unidade com a Grande Alma, mas que, mesmo tendo Alaya, tirem dela um proveito tão pequeno!

---

<sup>48</sup> As duas escolas da doutrina de Buddha, a Esotérica e a Exotérica, são chamadas respectivamente de Doutrina do Coração e Doutrina do Olho. Na China - de onde os nomes chegaram ao Tibete - a *Bodhidharma*, religião da sabedoria, as qualificava de *Tsung-men* (escola esotérica) e *Kiau-men* (escola exotérica). A primeira delas é chamada assim porque é o ensinamento que emanou do *coração* de Gautama Buddha, enquanto que a Doutrina do Olho foi o produto da sua cabeça ou cérebro. A Doutrina do Coração também é chamada de “selo da verdade”, ou “verdadeiro selo”, um símbolo encontrado na abertura de quase todas as obras esotéricas.

<sup>49</sup> A “árvore do conhecimento” é um título dado pelos seguidores da *Bodhidharma* a aqueles que alcançaram o ponto mais alto do conhecimento místico - os Adeptos. Nagarjuna, o fundador da escola Madhyamika, era chamado de “Árvore do Dragão”, e o Dragão simboliza a Sabedoria e o Conhecimento. A árvore é homenageada porque foi sob a árvore de Bodhi (sabedoria) que Buddha recebeu o seu nascimento e a sua iluminação, pregou o seu primeiro sermão, e morreu.

<sup>50</sup> O “Coração Secreto” é a Doutrina Esotérica.

108. Olha como, da mesma maneira que a lua se reflete nas ondas tranquilas, Alaya é refletida pelo pequeno e pelo grande. Ela se espelha nos menores átomos, e, no entanto, não consegue alcançar o coração de todos. Ah, como é lamentável que tão poucos homens possam tirar proveito da dádiva, do presente de valor ilimitado que é a compreensão da verdade, a percepção correta das coisas existentes, e o conhecimento do não-existente!

Diz o discípulo:

109. Ó, Mestre, o que devo fazer para alcançar a Sabedoria?

110. Ó, Sábio, o que fazer para obter a perfeição?

111. Busca pelos Caminhos. Mas, ó Lanu, antes de começares a viagem, deves ter um coração puro. Antes de dares o teu primeiro passo, aprende a discernir o que é real do que é falso, o transitório do eterno. Aprende acima de tudo a ver a diferença entre o aprendizado mental e a sabedoria da Alma; entre a doutrina do “Olho” e a doutrina do “Coração”.

112. Sim, a ignorância é como um recipiente fechado e sem ar; a alma é como um pássaro preso. Ele não pode cantar, e nem sequer mover uma pena; o cantador fica imóvel e entorpecido, e morre de exaustão.

113. Mas mesmo a ignorância é melhor que um aprendizado mental sem a sabedoria da Alma para iluminá-lo e guiá-lo.

114. As sementes da Sabedoria não podem germinar e crescer num espaço sem ar. Para viver e colher experiência, a mente necessita de amplitude, de profundidade, e de pontos que a levem na direção da Alma de Diamante.<sup>51</sup> Não procures tais pontos no reino de Maya; mas eleva-te acima das ilusões, e busca o eterno e imutável SAT<sup>52</sup>, sem confiar nas falsas sugestões da fantasia.

115. Porque a mente é como um espelho; ela acumula pó enquanto reflete.<sup>53</sup> Ela necessita a brisa suave da sabedoria da Alma para afastar o pó das nossas ilusões. Tenta, ó iniciante, unir tua Mente e tua Alma.

116. Evita a ignorância, e evita do mesmo modo a ilusão. Volta o teu rosto para longe dos enganamentos do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles são falsos. Mas, dentro do teu corpo - o

---

<sup>51</sup> A “Alma de Diamante”, *Vajrasattva*, um título do supremo Buddha, o “Senhor de todos os Mistérios”, chamado de *Vajradhara* e *Adi-Buddha*.

<sup>52</sup> SAT, a Realidade e Verdade única, Eterna e Absoluta, fora da qual tudo é ilusão.

<sup>53</sup> Conforme a doutrina de Shin-Sien, que ensina que a mente humana é como um espelho que atrai e reflete cada átomo de pó, e deve ser, tal como o espelho, observada e libertada de pó todos os dias. Shin-Sien foi o sexto Patriarca do Norte da China, e ensinou a doutrina Esotérica de *Bodhidharma*.



santuário das tuas sensações - procura, no Impessoal, pelo “Homem Eterno”<sup>54</sup>; e, depois de localizá-lo, olha para o teu interior: tu és Buddha.<sup>55</sup>

117. Evita o elogio, ó Devoto. O elogio leva à autoilusão. O teu corpo não é o seu Eu. O teu EU é em si mesmo destituído de corpo, e nem os elogios, nem as críticas, o afetam.

118. A vaidade, ó Discípulo, é como uma torre elevada à qual subiu um tolo arrogante. Lá ele se senta com solidão e orgulho, sem ser percebido por ninguém exceto por si mesmo.

119. O falso conhecimento é rejeitado pelo Sábio, e espalhado ao Vento pela Boa Lei. A roda da Boa Lei gira para todos, os humildes e os orgulhosos. A “doutrina do Olho” é para a multidão; a “doutrina do Coração”, para os eleitos. Os primeiros repetem, orgulhosamente: “Vejam, eu sei”. Os últimos, que fizeram sua colheita humildemente, confessam em voz baixa: “Isso é o que eu ouvi”.<sup>56</sup>

120. “Grande Peneira” é o nome da “Doutrina do Coração”, ó Discípulo.

121. A roda da Boa Lei se movimenta rapidamente. Ela mói de dia e de noite. As cascas sem valor são levadas para longe do grão dourado; o dejetos é separado da farinha. A mão do Carma guia a roda; as voltas que ela dá marcam as batidas do coração cármico.

122. O verdadeiro conhecimento é a farinha, o falso conhecimento é a casca. Se queres comer o pão da sabedoria, a tua farinha deve ser amassada com as águas claras de Amrita.<sup>57</sup> Mas se tu amassas a casca com o orvalho de Maya, só poderás criar alimento para as pombas negras da morte, os pássaros do nascimento, da decadência e do sofrimento.

123. Se te disserem que para tornar-te um Arhan tu deves deixar de amar a todos os seres – diz a eles que eles mentem.

124. Se te disserem que para conquistar a libertação tu tens que odiar a tua mãe e descuidar do teu filho; rejeitar teu pai e chamá-lo de “dono de casa”<sup>58</sup>, e renunciar ao sentimento de compaixão por todos os homens e animais - diz a eles que estão falando falsidades.

---

<sup>54</sup> O Eu que reencarna é chamado pelos budistas do norte de “verdadeiro homem”, que se torna, em união com o Eu Superior, um Buddha.

<sup>55</sup> Veja a primeira nota de rodapé deste Fragmento II. O budismo exotérico das massas.

<sup>56</sup> Esta é a fórmula costumeira que antecede as escrituras budistas, e que significa que aquilo que se segue foi registrado pela tradição oral direta a partir de Buddha e dos Arhats.

<sup>57</sup> A Imortalidade.

<sup>58</sup> Rathapala, o grande Arhat, se dirige desta maneira a seu pai, na lenda chamada *Rathapala Sutrassanne*. Mas como todas lendas semelhantes são alegóricas (isto é, o pai de Rathapala tem uma mansão com *sete portas*) é necessária a advertência contra aqueles que aceitam as lendas *literalmente*.

125. É assim que ensinam os Tirthikas, os descrentes.<sup>59</sup>

126. Se te ensinarem que o pecado é produzido pela ação e a bem-aventurança surge da absoluta inação, diz a eles que estão equivocados. A impermanência da ação humana, e a libertação que a mente alcança em relação à escravidão - através da cessação do pecado e dos erros - não são para os “Eus-Devas”<sup>60</sup>. Assim afirma a “Doutrina do Coração”.

127. O Dharma do “Olho” é a corporificação do externo e do não-existente.

128. O Dharma do “Coração” é a corporificação de Bodhi<sup>61</sup>, o Permanente e o Eterno.

129. O Lâmpião brilha quando a mecha e o combustível estão limpos. Para torná-los limpos, é necessário um limpador. A chama não sente o processo da limpeza. “Os galhos de uma árvore são sacudidos pelo vento; o tronco permanece imóvel.”

130. Tanto a ação como a inação podem encontrar espaço em ti; o teu corpo agitado, tua mente tranquila, tua Alma tão límpida como um lago na montanha.

131. Queres tornar-te um Iogue do “Círculo do Tempo”? Então, ó Lanu:

132. Não creias que estar sentado em densas florestas, em orgulhoso retiro e afastado dos homens; não creias que viver comendo raízes e plantas, e matando a sede com a neve da grande Cordilheira - não creias, ó Devoto, que isso te levará à meta da libertação final.

133. Não penses que quebrar os ossos e rasgar a pele e os músculos te unirá ao “Eu silencioso”.<sup>62</sup> Não penses que quando os pecados da tua forma grosseira forem vencidos, ó Vítima das tuas Sombras<sup>63</sup>, o teu dever para com a natureza e a humanidade estará cumprido.

134. Os seres abençoados desdenharam fazer isso. O Leão da Lei, O Senhor da Compaixão<sup>64</sup>, percebendo a verdadeira causa do sofrimento humano, abandonou de imediato o descanso agradável, mas egoísta, das calmas selvas. Deixando de ser um Aranyaka<sup>65</sup>, Ele se tornou o

---

<sup>59</sup> Os ascetas brâmanes.

<sup>60</sup> O Eu que reencarna.

<sup>61</sup> A Sabedoria verdadeira e divina.

<sup>62</sup> O “Eu Superior”, o sétimo princípio.

<sup>63</sup> Nossos corpos físicos são chamados de “Sombras” nas escolas místicas.

<sup>64</sup> Buddha.

<sup>65</sup> Uma floresta, um deserto. *Aranyaka*, um eremita que se retira para as selvas e vive em uma floresta, quando se torna um Iogue.

Instrutor da humanidade. Depois que Julai <sup>66</sup> ingressou no Nirvana, ele pregou nas montanhas e na planície, e fez discursos nas cidades, a Devas, homens e Deuses.<sup>67</sup>

135. Semeia ações amáveis e colherás os seus frutos. A omissão de um ato de compaixão equivale a cometer um pecado mortal.

Assim diz o Sábio.

136. Irás abster-te de agir? Não é assim que tua alma ganhará sua liberdade. Para alcançar o Nirvana é necessário obter o Autoconhecimento, e o Autoconhecimento é resultado de ações amáveis.

137. Deves ter paciência, Candidato, como alguém que não teme o fracasso nem busca o êxito. Fixa o olhar da tua Alma sobre a estrela cujo raio tu és <sup>68</sup>, a estrela flamejante que brilha dentro das profundidades sem luz do ser-eterno, os campos ilimitados do Desconhecido.

138. Deves ter perseverança como aquele que é capaz de tudo suportar eternamente. As tuas sombras vivem e desaparecem <sup>69</sup>; aquilo que em ti viverá para sempre, aquilo que em ti *sabe*, porque é feito de conhecimento <sup>70</sup>, não pertence à vida passageira. Este é o Homem que foi, que é, e será, para o qual nunca chegará a hora final.

139. Se queres colher uma paz e um descanso agradáveis, Discípulo, semeia com as sementes do mérito os campos das colheitas futuras. Aceita as angústias do nascimento.

140. Sai da luz solar e fica na sombra, abrindo espaço para outros. As lágrimas que molham o solo árido da dor e do sofrimento produzem as flores e os frutos da retribuição cármica. Desde a fornalha da vida humana, e da sua fumaça, surgem chamas que têm asas, chamas purificadas que se elevam e avançam sob a visão Cármica, e que tecem, finalmente, o tecido glorioso das três vestimentas do Caminho.<sup>71</sup>

141. Estas vestimentas são: Nirmanakaya, Sambhogakaya e Dharmakaya, o manto sublime.<sup>72</sup>

---

<sup>66</sup> *Julai* é o equivalente chinês do termo “Tathágata”, um título atribuído a cada Buddha.

<sup>67</sup> Todas as tradições do Norte e do Sul concordam ao afirmar que Buddha abandonou sua solidão assim que resolveu o problema da vida - isto é, assim que recebeu a iluminação interior - e passou a ensinar publicamente a humanidade.

<sup>68</sup> Cada Eu espiritual é um raio de um “Espírito Planetário”, de acordo com o ensinamento esotérico.

<sup>69</sup> As personalidades ou corpos físicos são chamados de “sombras” e são evanescentes.

<sup>70</sup> A *Mente (Manas)*, o princípio pensante ou Eu no homem, é mencionado como “Conhecimento”, porque os *Eus* são chamados *Manasa-putras*, os filhos da Mente (universal).

<sup>71</sup> Veja a nota de pé de página número 137.

<sup>72</sup> Veja a mesma nota de pé de página número 137.

142. O manto Shangna <sup>73</sup>, é verdade, pode adquirir a luz eterna. O manto Shangna só garante o Nirvana da destruição; ele interrompe o renascimento, mas, ó Lanu, ele também mata a compaixão. Assim os Buddhas perfeitos, que dominam a glória de Dharmakaya, já não podem ajudar a salvação humana. Ah! será que os EUS serão sacrificados pelo *Eu*; e a humanidade, pelo bem-estar de alguns?

143. Deves saber, ó iniciante, que este é o CAMINHO *Aberto*, o caminho da bem-aventurança egoísta, rejeitado pelos Bodhisattvas do “Coração Secreto”, os Buddhas da Compaixão.

144. Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis virtudes <sup>74</sup> é o segundo.

145. Vestir o manto humilde de Nirmanakaya é renunciar à bem-aventurança eterna do Eu, para ajudar na salvação do homem. Alcançar a bem-aventurança do Nirvana e renunciar a ela é o passo supremo, o mais alto, no Caminho da Renúncia.

146. Deves saber, ó Discípulo, que este é o CAMINHO *Secreto*, escolhido pelos Buddhas da Perfeição, que sacrificaram o EU para beneficiar os Eus mais fracos.

147. No entanto, se a “Doutrina do Coração” é excessivamente elevada para ti, se necessitas ajudar a ti próprio e tens medo de oferecer ajuda a outros – então, tu, que tens um coração tímido, deves ser alertado a tempo: fica contente com a “Doutrina do Olho” a respeito da Lei. Deves ter esperança, ainda assim. Porque se o “Caminho Secreto” é inatingível neste “dia”, ele estará ao teu alcance “amanhã” <sup>75</sup>. Deves saber que nenhum esforço, nem o menor deles - seja na direção correta ou na direção errada - pode ser apagado do mundo das causas. Nem a fumaça dispersa fica sem vestígios. “Uma palavra ríspida dita em vidas passadas não é destruída, mas volta sempre de novo.” <sup>76</sup> A planta da pimenta não fará com que nasçam rosas, nem a delicada estrela de prata do jasmim se transformará em espinho ou cardo.

148. Tu podes criar neste “dia” as tuas possibilidades para o teu “amanhã”. Na “Grande Jornada”<sup>77</sup>, as causas plantadas a cada hora produzem, cada uma, a sua colheita de efeitos; porque uma rígida Justiça rege o Mundo. Com o impulso poderoso de uma ação que jamais erra,

---

<sup>73</sup> O manto *Shangna*, de Shangnavesu de Rajagriha, o terceiro grande Arhat ou “Patriarca”, como os orientistas chamam a hierarquia dos trinta e três Arhats que disseminaram o budismo. “Manto Shangna” significa, metaforicamente, a aquisição da Sabedoria com a qual o Nirvana da destruição (da *personalidade*) é alcançado. Literalmente, é o “manto da iniciação” dos neófitos. Edkins afirma que esta “roupa feita de grama” foi trazido à China desde o Tibete na dinastia Tong. “Quando um Arhan nasce, esta planta é vista crescendo em um lugar limpo”, diz a lenda chinesa e também tibetana.

<sup>74</sup> “Praticar o Caminho das Paramitas” significa tornar-se um iogue com a intenção de ser um asceta.

<sup>75</sup> “Amanhã” significa o próximo renascimento ou reencarnação.

<sup>76</sup> Dos preceitos da Escola Prasanga.

<sup>77</sup> “Grande Jornada” é o ciclo completo de existências, em uma “Ronda”.

ela traz vidas de felicidade ou de sofrimento para os mortais, resultados cármicos de todos os nossos pensamentos e ações anteriores.

149. Recebe, pois, aquilo que o mérito guardou para ti, ó tu que tens coração paciente. Preserva a boa disposição e permanece contente com o destino. Este é o teu Carma, o Carma do ciclo dos teus nascimentos, o destino daqueles que, em sua dor e seu sofrimento, nascem junto contigo, se alegram e choram uma vida após a outra, acorrentados às tuas ações prévias.

.....

150. Age por eles “hoje”, e eles irão agir por ti “amanhã”.

151. É do germinar da renúncia do Eu que surge o doce fruto da Libertação final.

152. Está condenado a perecer aquele que, por medo de Mara, evita ajudar o ser humano para não atuar em função do Eu. O peregrino que deseja resfriar seus membros exaustos em águas correntes mas não ousa fazer isso, por temor da correnteza, corre o risco de sucumbir pelo calor. A inação cuja base é o medo egoísta só pode produzir maus frutos.

153. O devoto egoísta vive sem um propósito. O homem que não enfrenta o trabalho designado para ele na vida - vive em vão.

154. Segue a roda da vida; segue a roda do dever para com a raça humana e a tua família, para com os amigos e os inimigos, e fecha a tua mente para o prazer e o sofrimento. Faz com que se esgote a lei da retribuição cármica. Obtém siddhis para o teu futuro nascimento.

155. Se não podes ser o Sol, então deves ser um humilde planeta. Sim, se não podes brilhar como o Sol do meio-dia sobre a montanha nevada da pureza eterna, então, ó neófito, deves escolher uma trajetória mais humilde.

156. Aponta o “Caminho” - ainda que palidamente e perdido na multidão - assim como faz a estrela vespertina para aqueles que avançam no escuro.

157. Observa Migmar <sup>78</sup> enquanto, sob os seus véus vermelhos, o seu “Olho” percorre a Terra adormecida. Vê a aura ígnea da “Mão” de Lhagpa <sup>79</sup> estendida para proteger amorosamente as cabeças dos seus ascetas. Ambos são agora servidores de Nyima <sup>80</sup>, deixados em sua ausência como observadores silenciosos na noite. No entanto, em Kalpas passados, ambos foram Nyimas brilhantes, e em “Dias” futuros poderão tornar-se novamente dois Sóis. São assim as ascensões e as quedas provocadas pela Lei Cármica na natureza.

---

<sup>78</sup> Marte.

<sup>79</sup> Mercúrio.

<sup>80</sup> O Sol. *Nyima*, o Sol na astrologia tibetana. *Migmar* ou Marte é simbolizado por um “Olho”, e *Lhagpa* ou Mercúrio por *uma* “Mão”.

158. Deves ser como eles, ó Lanu. Dá luz e conforto para o peregrino que se esforça, e procura por aquele que sabe ainda menos que tu; aquele que em completa desolação aguarda faminto pelo pão da Sabedoria e pelo pão que alimenta a sombra, sem um Instrutor, sem esperança ou consolação - e faz com que ele escute a Lei.

159. Diz a ele, ó Candidato, que quem faz do orgulho e do amor próprio escravos da devoção, quem, agarrando-se à existência, ainda assim coloca sua paciência e sua submissão a serviço da Lei, como uma doce flor colocada aos pés de Shakya-Thub-pa <sup>81</sup>, se torna um Srotapatti <sup>82</sup> neste nascimento. Os Siddhis da perfeição podem estar muito, muito longe; mas o primeiro passo foi dado, ele entrou na corrente e pode obter a visão da águia da montanha, e a audição da tímida lebre.

160. Diz a ele, ó Aspirante, que a verdadeira devoção pode dar-lhe de novo o conhecimento, aquele conhecimento que foi dele em dias anteriores. A visão de um deva e a audição de um deva não são obtidas em um curto nascimento.

161. Deves ser humilde, se queres alcançar a Sabedoria.

162. Deves ser mais humilde ainda, depois que tiveres a Sabedoria sob teu domínio.

163. Deves ser como o Oceano, que recebe todas as correntes e rios. A poderosa calma do Oceano permanece inalterável; ele não os sente.

164. Restringe teu eu inferior pelo teu eu Divino.

165. Restringe o Divino pelo que é Eterno.

166. Ah, grande é aquele que matou o desejo.

167. Ainda maior é aquele em quem o Eu Divino matou o próprio conhecimento do que é desejo.

168. Vigia o Inferior para que ele não rebaixe o Mais Alto.

169. O caminho para a libertação final está dentro do teu EU.

170. O caminho começa e termina fora do Eu.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> Buddha.

<sup>82</sup> *Srotapatti*, ou “aquele que entra na corrente” do Nirvana. A menos que ele alcance a meta devido a alguma razão extraordinária, ele raramente poderá alcançar o Nirvana em um só nascimento. Usualmente se diz que um Chela começa o esforço de subida em uma vida e o conclui ou alcança a meta apenas no sétimo nascimento sucessivo.

<sup>83</sup> Referência ao “eu” inferior e pessoal.

171. Não elogiada pelos homens e humilde é a mãe de todos os rios, segundo a visão orgulhosa do Tirthika <sup>84</sup>. Ainda que esteja cheia das águas doces de Amrita, a forma humana é vazia de acordo com a visão dos tolos. Contudo, o lugar de nascimento dos grandes rios é a terra sagrada<sup>85</sup>, e aquele que tem Sabedoria é honrado por todos os homens.

172. Os Arhans e os Sábios de Visão ilimitada <sup>86</sup> são raros como a flor da árvore Udumbara. Os Arhans nascem à meia-noite, junto com a planta sagrada de nove e sete hastes <sup>87</sup>, a flor sagrada que se abre e se desenvolve no escuro, a partir do puro orvalho e sobre a base congelada das altitudes cobertas de neve, em alturas que o pé de um pecador não pode pisar.

173. Não é possível, ó Lanu, tornar-se um Arhan no mesmo nascimento em que a Alma começa a ter um desejo profundo pela libertação final. Ó ser ansioso, nenhum guerreiro que se oferece para viver a batalha intensa entre o vivo e o morto <sup>88</sup>, nenhum recruta pode jamais ter rejeitado o seu direito de entrar no Caminho que leva ao campo de Batalha.

174. Porque ou ele vencerá, ou cairá.

175. Sim, se ele vencer, o Nirvana será seu. Antes que ele abandone a sombra do seu veículo mortal, aquela fonte fecunda de angústia e dor ilimitada - nele os homens homenagearão um grande e sagrado Buddha.

176. E se ele cair, ainda assim não cairá em vão; os inimigos que ele matou na última batalha não voltarão à vida no seu próximo nascimento.

177. Mas se quiseres alcançar o Nirvana, ou deixar de lado o prêmio <sup>89</sup>, não deixa que a tua meta seja o fruto da ação e da inação, ó ser de coração destemido.

---

<sup>84</sup> Um asceta brâmane que visita santuários sagrados, especialmente locais de banhos purificadores.

<sup>85</sup> Os *Tirthikas* são os seguidores das seitas bramânicas “mais além” dos Himalaias, que são chamados de “infiéis” pelos budistas da Terra Sagrada, Tibete, e *vice-versa*.

<sup>86</sup> Visão ilimitada ou visão psíquica, visão sobre-humana. A um Arhan se atribui a capacidade de “ver” e saber tudo, tanto a distância quanto presencialmente.

<sup>87</sup> A planta Shangna. Veja sobre este ponto a nota de um trecho anterior:

“O manto *Shangna*, de Shangnavesu de Rajagriha, o terceiro grande Arhat ou ‘Patriarca’, como os orientistas chamam a hierarquia dos trinta e três Arhats que disseminaram o budismo. ‘Manto Shangna’ significa, metaforicamente, a aquisição da Sabedoria com a qual o Nirvana da destruição (da *personalidade*) é alcançado. Literalmente, é o ‘manto da iniciação’ dos neófitos. Edkins afirma que esta ‘roupa feita de grama’ foi trazido à China desde o Tibete na dinastia Tong. ‘Quando um Arhan nasce, esta planta é vista crescendo em um lugar limpo’, diz a lenda chinesa e também tibetana.”

<sup>88</sup> O “vivo” é o Eu Superior imortal, e o “morto” - o Eu inferior pessoal.

<sup>89</sup> Veja a nota de pé de página número 137.

178. Deves saber, ó candidato à dor ao longo dos ciclos, que o Bodhisattva que troca a Libertação pela Renúncia para assumir os sofrimentos da “Vida Secreta”<sup>90</sup> é chamado de “três vezes Honrado”.

179. O CAMINHO é um, Discípulo, porém, no final, ele se abre em dois. Os seus estágios estão marcados por quatro e sete Portais. Em um final - a bem-aventurança imediata, e no outro a bem-aventurança postergada. Ambas são a recompensa do mérito: a escolha é tua.

180. O Um se torna dois, o *Aberto* e o *Secreto*.<sup>91</sup> O primeiro leva à meta, o segundo, à Autoimolação.

181. Quando ao Permanente se sacrifica o Mutável, o prêmio é teu: a gota retorna para o lugar de onde veio. O CAMINHO *Aberto* leva à mudança imutável – Nirvana, o estado glorioso da condição absoluta, a bem-aventurança que está além do pensamento humano.

182. Assim, o primeiro Caminho é LIBERTAÇÃO.

183. Mas o segundo Caminho é - RENÚNCIA, e é chamado, portanto, de “Caminho de Sofrimento”.

184. Este Caminho *Secreto* leva o Arhan a um sofrimento mental indizível; um sofrimento pelos Mortos vivos<sup>92</sup>; e uma compaixão sem esperança pelos homens cuja dor é cármica; o fruto do Carma que os Sábios não ousam interromper.

185. Porque está escrito: “Ensina a eliminar todas as causas; quanto à ondulação dos efeitos, deves deixar que ela siga seu curso, como a grande onda de uma maré.”

186. O “Caminho Aberto” te levará a rejeitar o corpo bodisáttvico tão logo tenhas alcançado a meta, e te fará entrar no estado três vezes glorioso de Dharmakaya<sup>93</sup>, que é o esquecimento do Mundo e dos homens para sempre.

187. O “Caminho Secreto” também leva à bem-aventurança Paranirvânica - mas ao final de inúmeros Kalpas; Nirvanas conquistados e perdidos devido a uma piedade e uma compaixão ilimitadas pelo mundo dos imortais iludidos.

188. Mas está dito: “Os últimos serão os maiores”. Samyak Sambuddha, o Mestre da Perfeição, desistiu do seu EU pela salvação do Mundo, ao deter-se no portal do Nirvana - o estado puro.

---

<sup>90</sup> A “Vida Secreta” é a vida como um Nirmanakaya.

<sup>91</sup> O “Caminho Aberto” e o “Caminho Secreto” - ou o caminho ensinado para o leigo, exotérico e que é aceito amplamente, e o Caminho Secreto - cuja natureza é explicada durante a Iniciação.

<sup>92</sup> Os homens que ignoram as verdades esotéricas e a Sabedoria Esotérica são chamados de “Mortos vivos”.

<sup>93</sup> Veja a nota de pé de página número 137.



.....

189. Agora tu tens o conhecimento que se refere aos dois Caminhos. O tempo da tua escolha virá - ó ser de Alma impetuosa - quando tiveres alcançado a meta e passado pelos sete Portais. Tua mente está clara. Já não estás preso a pensamentos ilusórios, porque aprendeste tudo. A Verdade está sem véus e olha severamente para o teu rosto. Ela diz:

190. “Doces são os frutos do Descanso e da Libertação alcançada pelo bem do *Ser*; mas ainda mais doces são os frutos do longo e amargo dever. Sim, a Renúncia pelo bem dos outros, dos teus semelhantes, os seres humanos que sofrem.”

191. Aquele que se torna Pratyeka-Buddha <sup>94</sup> obedece apenas ao seu *Eu*. O Bodhisattva que venceu a batalha, que tem o prêmio em suas mãos e, no entanto, diz, em sua divina compaixão:

192. “Pelo bem dos outros, eu renuncio a esta grande recompensa” - esse Bodhisattva realiza a maior Renúncia.

193. Ele é um SALVADOR DO MUNDO.

.....

194. Observa! A meta da bem-aventurança e o longo Caminho de Sofrimento estão localizados no mais distante final. Em qualquer ponto dos próximos ciclos, tu poderás escolher um deles, ó aspirante da Dor!

195. *OM VAJRAPANI HUM*

## FRAGMENTO III

### Os Sete Portais

---

<sup>94</sup> Os *Pratyeka Buddhas* são aqueles que se esforçam por obter, e frequentemente obtêm, o manto de Dharmakaya, depois de uma série de vidas. Completamente indiferentes aos sofrimentos da humanidade e à ideia de ajudá-la, mas dando atenção apenas à sua própria *bem-aventurança*, eles entram no Nirvana e - desaparecem da vista e dos corações dos homens. No budismo do Norte, “Pratyeka-Buddha” é sinônimo de egoísmo espiritual.

196. “UPADHYAYA <sup>95</sup>, a escolha está feita, tenho sede de Sabedoria. Agora rasgaste o véu que havia diante do Caminho secreto e ensinaste o Yana maior.<sup>96</sup> Aqui está o teu servidor, pronto para ouvir tua orientação.”

197. Está bem, Shrāvaka.<sup>97</sup> Prepara-te, pois terás de viajar sozinho. O Instrutor só pode apontar o caminho. O Caminho é um para todos, os meios para chegar à meta devem variar de acordo com os peregrinos.

198. Qual escolherás, ó ser de coração destemido? O Samtan <sup>98</sup> da “Doutrina do Olho”, a Dhyana quádrupla? Ou trilharás o teu caminho pelas Paramitas <sup>99</sup>, seis em número, nobres portões de virtude que levam a Bodhi, e a Prajna, o sétimo passo da Sabedoria?

199. O caminho áspero da quádrupla Dhyana serpenteia morro acima. Três vezes grande é aquele que chega até o elevado topo.

200. As alturas das Paramitas são atravessadas por um caminho ainda mais íngreme. Deves abrir teu caminho através de sete portais, sete fortalezas guardadas por Poderes cruéis e astutos - as paixões materializadas.

201. Deves ter um bom ânimo, Discípulo; mantém na tua consciência a regra de ouro. Quando tiveres passado pelo portão de Srotapatti <sup>100</sup>, “aquele que entrou na corrente”; uma vez que o teu

---

<sup>95</sup> *Upadhyaya* é um instrutor espiritual, um Guru. Os budistas do norte os escolhem geralmente entre os *Narjol*, os homens santos, conhecedores de *gotrabhu-jnana* e *jnana-darshana-shuddhi*, mestres da Sabedoria Secreta.

<sup>96</sup> *Yana* – veículo; assim, *Mahayana* é o “Grande Veículo” e *Hinayana* o “Pequeno Veículo”, os nomes das duas escolas de conhecimento religioso e filosófico segundo o budismo do norte.

<sup>97</sup> *Shrāvaka* - um ouvinte, um estudante que assiste às instruções religiosas. Da raiz “shru”. Quando ele vai da teoria para a prática do ascetismo, ele se torna um “praticante”, um *Shramana*, de *Shrama*, ação. Como Hardy demonstra, os dois termos correspondem às palavras *akoustikoi* e *asketai* dos gregos.

<sup>98</sup> *Samtan* (tibetano), o mesmo que o termo sânscrito *Dhyana*, ou o estado de meditação, do qual há quatro graus.

<sup>99</sup> *Paramitas* - as seis virtudes transcendentais; para os sacerdotes, há dez.

<sup>100</sup> *Srotapatti* - (lit.) “aquele que entrou na corrente” que leva ao oceano nirvânico. Este termo indica o *primeiro* Caminho. O nome do *segundo* é o Caminho do *Sakridagamin*, “aquele que nascerá (só) mais uma vez”. O *terceiro* é chamado *Anagamin*, “aquele que não reencarnará mais”, a menos que queira renascer para ajudar a humanidade. O *quarto* Caminho é conhecido como o Caminho do *Rahat* ou *Arhat*. Este é o mais alto. Um *Arhat* vê o Nirvana durante sua vida. Para ele não há estado pós-morte, mas sim um *Samadhi*, durante o qual ele vive a bem-aventurança nirvânica.

NOTA: Para ver até que ponto é impossível confiar nos orientalistas no que diz respeito aos nomes e significados exatos, basta examinar o caso de três “autoridades”. Os quatro termos recém-explicados são dados por R. Spence Hardy da seguinte maneira: 1) Sowan; 2) Sakradagami; 3) Anagami; 4) Árya. O rev. J. Edkins os apresenta como: 1) Srotapanna; 2) Sagardagam; 3) Anaganim; e 4) Arhan. Schlagintweit também os soletra de modo diferente, e cada autor, além disso, dá novas variações ao significado dos termos.

pé tenha pressionado a base da corrente nirvânica, nesta ou em qualquer outra vida futura, tu terás apenas mais sete nascimentos diante de ti, ó ser de Vontade adamantina.

202. Observa. O que vês diante dos teus olhos, ó aspirante da Sabedoria Divina?

203. “O manto da escuridão cobre o abismo da matéria; em suas dobras eu me debato. Sob o meu olhar ele se aprofunda, Senhor. Ele se dispersa com o aceno da tua mão. Uma sombra se movimenta, sinuosa como os anéis de uma serpente que avança. . . . Ela cresce, se expande e desaparece na escuridão.”

204. Ela é a sombra de ti mesmo fora do CAMINHO, lançada sobre a escuridão dos teus pecados.

205. “Sim, Senhor, eu vejo o CAMINHO; vejo sua base na lama e o seu ponto mais alto que se perde na luz gloriosa do Nirvana. E agora vejo os Portais, sempre mais estreitos no caminho difícil e cheio de espinhos que vai até Jnana<sup>101</sup>.”

206. Tu vês corretamente, Lanu. Estes portais levam o aspirante a cruzar as águas “até a outra margem”.<sup>102</sup>

Cada Portal tem uma chave de ouro que abre o seu portão, e estas chaves são:

207. 1) DANA, a chave da compaixão e do amor imortal.

208. 2) SHILA, a chave da Harmonia em palavra e ação, a chave que contrabalança a causa e o efeito, e não deixa mais espaço para a ação Cármica.

209. 3) KSHANTI, doce paciência que nada pode perturbar.

210. 4) VIRAGA, a indiferença em relação a prazer e dor, a vitória sobre a ilusão, a percepção apenas da verdade.

211. 5) VIRYA, a energia indômita que abre caminho desde a lama das mentiras terrestres até a suprema VERDADE.

212. 6) DHYANA, cujo portão dourado, uma vez aberto, leva o Narjol <sup>103</sup> até o reino do Sat eterno e à sua contemplação incessante.

213. 7) PRAJNA, a chave que transforma um homem em um Deus, fazendo dele um Bodhisattva, um filho dos Dhyanis.

---

<sup>101</sup> Conhecimento, Sabedoria.

<sup>102</sup> A “chegada à outra margem”, para os budistas do Norte, significa chegar ao Nirvana através do exercício das seis e das dez *Paramitas* (virtudes).

<sup>103</sup> Um Santo, um Adepto.

214. Estas são as chaves de ouro dos Portais.

215. Antes que possas chegar ao último Portal, ó tecedor da tua liberdade, tu tens que dominar ao longo do caminho difícil estas Paramitas da perfeição - as virtudes transcendentais que são seis e são dez.

216. Porque, ó Discípulo! Antes de estares preparado para encontrar o teu Instrutor frente a frente e para ver a luz do teu MESTRE, o que foi que te disseram?

217. Antes que tu possas aproximar-te do portal, tens que aprender a separar o teu corpo da tua mente, a dissipar a sombra, e viver no eterno. Para isso, tu deves viver e respirar em tudo, assim como tudo o que tu percebes respira em ti; deves sentir que vives em todas as coisas, e que todas as coisas vivem no SER.

218. Não permitas que os teus sentidos transformem a tua mente em um pátio de recreio.

219. Não separe o teu ser do SER, e do resto, mas mergulha o Oceano na gota, e a gota no Oceano.

220. Assim estarás em completa harmonia com tudo o que vive. Ama os seres humanos como se eles fossem teus colegas de aula, discípulos do mesmo Instrutor, filhos da mesma doce mãe.

221. Os professores são muitos; A ALMA-MESTRA é uma <sup>104</sup>, *Alaya*, a Alma Universal. Vive nesta MESTRA, assim como o raio Dela vive em ti. Vive nos teus colegas, assim como eles vivem Nela.

222. Antes de estares no limiar do Caminho; antes de cruzares o principal Portão, tens que fundir os dois no Um, e sacrificar o que é pessoal ao EU impessoal, destruindo o “caminho” entre os dois - Antaskarana.<sup>105</sup>

223. Tens que estar preparado para responder ao Dharma, a lei austera, cuja voz te perguntará, no teu passo primeiro e inicial:

224. “Tu cumpriste todas as regras, ó ser de esperanças elevadas?”

225. “Sintonizaste o teu coração e tua mente com a mente e o coração de toda a humanidade? Porque assim como a voz do Rio sagrado ruge fazendo ecoar todos os sons da natureza <sup>106</sup>, assim

---

<sup>104</sup> A ALMA-MESTRA é *Alaya*, a Alma Universal ou Atma Universal, e cada homem tem em si um raio dela, e é considerado capaz de identificar-se com ela e fundir-se com ela.

<sup>105</sup> *Antaskarana* é a mente inferior, o Caminho de comunicação ou comunhão entre a personalidade e *Manas* [mente] superior, ou Alma humana. Com a morte, *Antaskarana* é destruída como Caminho ou meio de comunicação, e os seus restos sobrevivem em uma forma como a do *Kama-Rupa* - a “casca”.

<sup>106</sup> Os budistas do norte, assim como todos os chineses, na verdade, veem no rugir profundo de alguns dos rios grandes e sagrados a nota-chave da natureza. Daí esta imagem simbólica. É um fato bem conhecido na Física, como

também o coração daquele ‘que pretende entrar na corrente’ deve vibrar em consonância com cada suspiro e pensamento de tudo o que vive e respira”.

226. Os discípulos podem ser comparados às cordas da Vina, que ecoa a alma. A humanidade é como a sua caixa sonora; a mão que a toca é como o alento musical da GRANDE ALMA DO MUNDO. A corda que deixa de responder ao toque do Mestre em harmonia com todas as outras, se quebra - e é jogada fora. O mesmo ocorre com as mentes coletivas dos Lanus-Shrávakas. Eles têm que estar afinados com a mente do Upadhyaya - em unidade com a Alma Maior - ou afastar-se.

227. Isso é o que fazem os “Irmãos da Sombra” - os assassinos das suas próprias almas, o temido clã dos Dad-Dugpa.<sup>107</sup>

228. Tu colocaste o teu ser em sintonia com o grande sofrimento da Humanidade, ó candidato à luz?

229. Colocaste? . . . . . Podes entrar. No entanto, antes de colocar o teu pé sobre o triste Caminho da Dor, é bom que aprendas primeiro sobre as armadilhas que há à tua frente.

. . . . .

230. Armado com a chave da Compaixão, do amor e da terna misericórdia, estás seguro diante do portão de Dana, o portão que fica à entrada do CAMINHO.

231. Observa, ó peregrino feliz! O portal diante de ti é alto e largo, parece de fácil acesso. O Caminho que leva através dele é reto, suave e verde. É como uma clareira com sol em meio à escuridão de uma floresta densa, um ponto na terra que reflete o paraíso de Amitabha. Lá, os rouxinóis da esperança e pássaros de plumagem brilhante cantam desde galhos verdes, sobre o sucesso dos peregrinos destemidos. Eles cantam as cinco virtudes dos Bodhisattvas, a quántupla fonte do poder de Bodhi, e os sete passos do conhecimento.

232. Passa adiante! Porque tu trouxeste a chave; estás em segurança.

---

em Ocultismo, que o som agregado da natureza - tal como é ouvido no rugir de grandes rios, no barulho produzido pela ondulação dos topos das árvores nas grandes florestas, ou no barulho de uma cidade, ouvido a distância, é um tom único, definido, e de um diapasão bastante apreciável. Isso é mostrado por físicos e músicos. Assim, o professor Rice (em “Chinese Music”) mostra que os chineses conheciam este fato há milhares de anos atrás, ao dizer que “as águas do Huang Ho, passando apressadas, entoavam o *kung*”, que é “o grande tom” na música chinesa; e ele mostra este tom como correspondente com o F, “considerado pelos físicos modernos como o real padrão tônico da natureza”. O professor B. Silliman também menciona isso em sua obra “Principles of Physics”, dizendo que “este tom é considerado o F intermediário do piano; e pode, portanto, ser considerado como a nova-chave da natureza”.

<sup>107</sup> Os *Bhons* ou Dugpas, a seita dos “gorros vermelhos”, são considerados os mais versados em feitiçaria. Eles habitam o Oeste do Tibete, o Pequeno Tibete e o Butão. Eles são todos tantrikas. É bastante ridículo ver orientalistas que visitaram as fronteiras do Tibete, como Schlagintweit e outros, confundindo os ritos e as práticas repugnantes deles com as crenças religiosas dos Lamas do Leste, os de “gorros amarelos”, e os seus *Narjol* ou homens santos. Como um exemplo, veja a nota 109.

233. E o caminho para o segundo portão é verdejante também. Mas ele é íngreme e serpenteia morro acima; sim, até o seu topo rochoso. Neblinas cinzentas cobrirão as pedras do seu ponto mais alto, e tudo mais além será escuro. À medida que o peregrino avança, a canção de esperança soa mais fraca ao seu coração. O tremor da dúvida desce agora sobre ele; o seu passo se torna menos firme.

234. Cuidado com isso, ó candidato! Deves ter cuidado com o medo que se espalha como as asas negras e silenciosas do morcego da meia-noite, entre a luz da lua da tua Alma e a tua grande meta, que aparece palidamente a longa distância.

235. O medo, ó Discípulo, destrói a vontade e paralisa toda ação. Se houver uma falta da virtude Shila - o peregrino tropeça e pedras cármicas ferem seus pés ao longo do caminho rochoso.

236. Caminha com firmeza, ó Candidato. Banha tua Alma na essência de Kshanti <sup>108</sup>; porque agora tu te aproximas do portal que tem este nome, o portão da constância e da paciência.

237. Não feches os olhos, nem percas de vista o Dorje <sup>109</sup>; as setas de Mara ferem sempre o homem que não alcançou Viraga. <sup>110</sup>

238. Evita tremer. Sob o hálito do medo a chave de Kshanti fica enferrujada: a chave com ferrugem se recusa a girar.

239. Quanto mais avançares, mais os teus pés encontrarão armadilhas. O Caminho que leva para a frente é iluminado por um fogo - a luz da coragem, que brilha no coração. Quanto mais se ousa, mais se obtém. Quanto mais se teme, mais pálida fica essa luz - e só ela pode guiar. Porque, assim como o último raio da luz do sol que brilha no alto de uma montanha é seguido pela noite negra depois de dissolver-se, o mesmo ocorre com a luz do coração. Quando ela desaparece, uma sombra escura e ameaçadora cai desde o teu próprio coração sobre o Caminho e prende os teus pés, com terror, ao ponto em que estás.

240. Cuidado, Discípulo, com aquela sombra mortal. Nenhuma luz que brilha do espírito pode dispersar a escuridão que vem da Alma inferior, a menos que todo pensamento egoísta tenha fugido dali, e a menos que o peregrino diga: “Eu renunciei a esta forma passageira; eu destruí a causa: as sombras lançadas, sendo efeitos, já não podem existir.” Porque agora tem lugar a última

---

<sup>108</sup> Kshanti, “paciência”. Veja, mais acima, a enumeração das chaves de ouro.

<sup>109</sup> *Dorje* é o *Vajra* sânscrito, uma arma ou instrumento nas mãos de alguns deuses (os *Dragshed* tibetanos, os *Devas* que protegem os homens). Considera-se que ele tem o mesmo poder Oculto de repelir más influências - purificando o ar - que o ozônio, em química. É também um *Mudra*, um gesto e uma postura usados ao sentar em meditação. Ele constitui, em resumo, um símbolo de poder sobre más influências invisíveis, seja como uma postura ou como um talismã. Os *Bhons* ou *Dugpas*, no entanto, se apropriaram do símbolo e o usam para fins de magia negra. Entre os “Gorros Amarelos”, ou *Gelugpas*, ele é um símbolo de poder, assim como a cruz para os cristãos, e não é de modo algum mais supersticioso. Entre os *Dugpas*, ele é supersticioso, assim como o triângulo duplo reverso, um signo da feitiçaria.

<sup>110</sup> *Viraga* é o sentimento de absoluta indiferença ao universo objetivo, assim como a prazer e dor. A palavra “desprazer” não expressa o seu significado, no entanto tem semelhanças.

grande luta, a guerra final entre o Eu superior e o Eu inferior. Observa: o próprio campo de batalha está agora dominado pela grande guerra, e já não existe.

241. Mas uma vez que tu tenhas passado pelo portão de Kshanti, o terceiro passo é dado. O teu corpo é teu escravo. Agora, prepara-te para o quarto passo, o Portal das tentações que iludem o homem *interno*.

242. Antes que possas aproximar-te da meta, antes que a tua mão se erga para abrir a tranca do quarto portão, deves ter dominado todas as mudanças mentais em teu Eu, e eliminado o exército dos pensamentos-sensações que, sutis e insidiosos, se arrastam, sem terem sido convidados, pelo chão do claro santuário da Alma.

243. Se não quiseres ser destruído por eles, deves tornar inofensivos os resultados da tua própria criação, filhos dos teus pensamentos, invisíveis, impalpáveis, que fervilham ao redor da humanidade, e são a prole e os herdeiros do homem e das suas más ações. Tens que estudar o vazio da aparente plenitude, e a plenitude do aparente vazio. Ó Aspirante destemido, olha profundamente no poço do teu próprio coração, e responde. Conheces os poderes do Eu, ó tu que percebes as sombras externas?

244. Se não conheces, então estás perdido.

245. Porque, no quarto caminho, a mais leve brisa de paixão ou desejo fará com que a firme luz passe a tremer sobre as paredes puras e brancas da Alma. A menor onda de arrependimento ou aspiração pelas dádivas ilusórias de Maya, ao longo de Antaskarana - o caminho que fica entre teu Espírito e o teu eu, a estrada de sensações, as grosseiras despertadoras de Ahankara <sup>111</sup> - um pensamento tão passageiro como a luz de um relâmpago fará com que as tuas conquistas sejam perdidas; as conquistas que tu obtiveste.

246. Pois tu deves saber que o ETERNO não conhece mudanças.

247. “Abandona para sempre os oito sofrimentos terríveis; caso contrário, seguramente não poderás ir até a sabedoria, e nem tampouco à liberdade”, diz o grande Senhor, o Tathágata da perfeição, “aquele que seguiu os passos dos seus predecessores”. <sup>112</sup>

248. Severa e exigente é a virtude de Viraga. Se queres dominar o seu Caminho, deves manter a tua mente e as tuas percepções muito mais livres da ação que mata do que em qualquer momento anterior.

249. Tu tens que tornar-te pleno de Alaya, deves ser um com o Pensamento-Alma da Natureza. Sendo um com ele, serás invencível; estando separado, tu te tornas um espaço de recreio de

---

<sup>111</sup> *Ahankara* - “eu” ou o sentimento da personalidade, a sensação de que “eu-sou-eu”.

<sup>112</sup> “Aquele que segue os passos dos seus predecessores”, ou “daqueles que vieram antes”. Este é o verdadeiro significado do nome *Tathágata*.

Samvritti <sup>113</sup>, a origem de todas as ilusões do mundo.

250. Tudo é impermanente no homem, exceto a pura e clara essência de Alaya. O homem é seu raio cristalino; um feixe de luz internamente imaculado, e uma forma de barro na superfície inferior. Este raio de luz é o teu guia na vida e o teu verdadeiro Eu, o Observador e o Pensador Silencioso, a vítima do teu Eu inferior. Tua Alma não pode ser ferida, exceto pelos erros do teu corpo. Controla e domina a ambos, e estarás seguro ao cruzar o já próximo “Portão do Equilíbrio”.

251. Mantém o ânimo elevado, ó peregrino audaz, que avanças “para a outra margem”. Não dá atenção aos sussurros das hostes de Mara; afasta os tentadores, aqueles espíritos de má natureza, os invejosos Lhamayin <sup>114</sup> do espaço infinito.

252. Permanece firme! Estás perto agora do Portal intermediário, o portão das aflições, com suas dez mil armadilhas.

253. Controla os teus pensamentos, tu, que lutas pela perfeição, se quiseres passar pelo seu limiar.

254. Controla tua alma, ó buscador das verdades imortais, se quiseres alcançar a meta.

255. Concentra o Olhar da tua Alma na Pura Luz Una, a Luz que está livre de afeições, e usa a tua Chave de ouro. . . . .

256. A cansativa tarefa foi feita, o teu trabalho está quase completo. O largo abismo que podia devorar-te está quase vencido. . . . .

257. Atravessaste agora o fosso que rodeia o portão das paixões humanas. Tu já venceste Mara e a sua hoste furiosa.

258. Afastaste a poluição do teu coração, e fizeste com que sangrasse dele o desejo impuro. Mas tua tarefa, ó combatente glorioso, ainda não está completa. Constrói um muro alto, Lanu, para

---

<sup>113</sup> *Samvritti* é uma das duas verdades que demonstram o caráter ilusório ou a vacuidade de todas as coisas. É uma verdade relativa, neste caso. A escola *Mahayana* ensina a diferença entre estas duas verdades - *Paramarthatatya* e *Samvritisatya* (“*Satya*” significa “Verdade”). Este é o ponto de discórdia entre os *Madhyamikas* e os *Yogacharyas*. Os *Madhyamikas* negam e os *Yogacharyas* afirmam que cada objeto existe devido a uma causa anterior, ou por uma concatenação. Os *Madhyamikas* são os grandes Nihilistas e Negadores. Para eles tudo é *parikalpita*, uma ilusão e um erro no mundo do pensamento e no universo subjetivo, assim como no universo objetivo. Os *Yogacharyas* são os grandes espiritualistas. *Samvritti*, portanto, como uma verdade apenas relativa, é a origem de toda ilusão.

<sup>114</sup> *Lhamayin* são elementais e espíritos maldosos, nocivos para o homem, e inimigos dele.



proteger a Ilha Sagrada <sup>115</sup>, a barragem que protegerá tua mente do orgulho e da satisfação diante da ideia da grande proeza realizada.

259. Um sentido de orgulho iria manchar o trabalho. Sim, constrói um muro forte, para que a força feroz das ondas em luta, que sobem e batem à praia a partir do grande Oceano do Mundo de Maya, não engula o peregrino e a ilha - sim, mesmo quando a vitória já foi alcançada.

260. A tua “Ilha” é o cervo, os teus pensamentos são os cães de caça que o cansam e o perseguem durante a sua jornada para a corrente da Vida. Ai do cervo que é dominado pelos inimigos que latem, antes de atingir o Vale do Refúgio - o Dhyana-Marga, chamado de “caminho do puro conhecimento”.

261. Antes que possas entrar no Dhyana-Marga <sup>116</sup> e considerá-lo teu, ó Vencedor de Dor e de Prazer, a tua alma tem que tornar-se como a fruta manga madura, e ser macia e doce como a sua clara polpa dourada, em relação ao sofrimento dos outros; mas dura como o caroço da fruta, para os teus próprios sofrimentos e tuas agonias.

262. Torna dura a tua Alma contra os enganamentos do *Eu*; faz com que ela mereça no nome de “Alma de Diamante”. <sup>117</sup>

263. Porque, assim como o diamante enterrado profundamente no coração pulsante da terra nunca pode refletir as luzes terrestres, assim também a tua mente e a tua Alma, mergulhadas em Dhyana-Marga, nada refletem do reino ilusório de Maya.

264. Quando tiveres alcançado este estado, os Portais que deves vencer no Caminho se abrirão completamente para que tu passes, e nem os maiores poderes da Natureza terão o poder de impedir o teu avanço. Então tu dominarás o Caminho setenário; mas não antes disso, ó candidato a provações indizíveis.

265. Até lá, uma tarefa ainda mais difícil aguarda por ti: tens que te sentir como TODO-PENSAMENTO, e, ao mesmo tempo, tens que afastar todos os pensamentos da tua Alma.

266. Tens que alcançar aquela imobilidade mental na qual nenhuma brisa, por mais forte que seja, pode introduzir um pensamento terreno. Purificado deste modo, o santuário deve ficar vazio de toda ação, de todo som ou luz terrenos. Assim como a borboleta, vencida pela geada, cai sem vida no limiar, assim também todos os pensamentos terrenos caem mortos diante do templo.

Vê o que está escrito:

---

<sup>115</sup> O Eu Superior, o Eu Pensante.

<sup>116</sup> *Dhyana-Marga* é o “Caminho de *Dhyana*”, literalmente; ou o *Caminho do conhecimento puro*, de *Paramartha* ou (Sânscrito) *Svasamvedana*, “a reflexão autoevidente ou autoanalítica”.

<sup>117</sup> “Alma de Diamante”, *Vajrasattva*, um título do supremo Buddha, o “Senhor de todos os Mistérios”, chamado de *Vajradhara* e *Adi-Buddha*. A “Alma de Diamante” ou *Vajradhara* preside os *Dhyani Buddhas*.

267. “Antes que a chama dourada possa queimar com uma luz estável, o lampião deve estar bem protegido em um lugar livre de todo vento.” <sup>118</sup> Se estiver exposta a uma brisa mutável, a luz irá oscilar e a chama trêmula lançará sombras enganosas, escuras e sempre alteráveis, sobre o branco santuário da Alma.

268. E então, ó buscador da verdade, tua Mente-Alma se tornará como um elefante enlouquecido pela raiva, na selva. Confundindo as árvores da floresta com inimigos vivos, ele morre tentando matar as sombras sempre cambiantes que dançam sobre o muro das rochas iluminadas pelo sol.

269. Cuidado, não deixa que, ao cuidar do Eu, a tua Alma perca sua base no solo do conhecimento dos Devas.

270. Cuidado, evita que, esquecendo do EU, a tua alma perca o controle da mente trêmula, e deixe de obter, assim, por negligência, o devido fruto das suas vitórias.

271. Cuidado com as mudanças! Porque as mudanças são o teu grande inimigo. Estas mudanças te combaterão, e te lançarão para trás e para fora do Caminho que trilhaste, fazendo com que caias profundamente nos pântanos viscosos da dúvida.

272. Prepara-te, e fica alerta a tempo. Se tentaste e falhaste, ó lutador destemido, ainda assim não percas a coragem; continua lutando, e volta a atacar outra e outra vez.

273. Com o sangue precioso da vida saindo das suas largas feridas abertas, o guerreiro destemido ainda atacará o inimigo, expulsando-o de sua fortaleza, antes de morrer ele mesmo. Ajam, então, todos vocês que fracassam e sofrem, ajam como ele; e desde a fortaleza da sua Alma persigam e expulsem todos os seus inimigos - a ambição, a raiva, o ódio, até a sombra de um desejo - mesmo quando tiverem fracassado . . . . .

274. Tu, que combates o inimigo em busca da libertação <sup>119</sup>, debes lembrar que cada derrota é um êxito, e cada tentativa sincera conquista sua recompensa a seu devido tempo. Os germes sagrados brotam e crescem sem serem vistos na alma do discípulo. Os seus talos ficam mais fortes a cada nova tentativa. Eles se inclinam como juncos mas nunca se quebram, nem podem jamais perder-

---

<sup>118</sup> “Bhagavad Gita”, VI, 19.

<sup>119</sup> Esta é uma alusão a uma crença bem conhecida no Oriente (e também no Ocidente, na verdade), segundo a qual cada novo Buddha ou Santo é um novo soldado no exército daqueles que trabalham pela libertação ou salvação da humanidade. Nos países do budismo do norte é ensinada a doutrina dos *Nirmanakayas*, isto é, aqueles *Bodhisattvas* que renunciam ao merecido Nirvana ou ao manto de *Dharmakaya* (qualquer um dos quais os separaria para sempre do mundo dos homens) com o objetivo de ajudar invisivelmente a humanidade, e levá-la finalmente ao Paranirvana. Nestes países, cada novo *Bodhisattva*, ou grande Adepto iniciado, é chamado de “libertador da humanidade”. A afirmação feita por Schlagintweit em seu livro “Buddhism in Tibet” no sentido de que *Prulpai Ku* ou *Nirmanakaya* é “o corpo no qual os Buddhas ou Bodhisattvas aparecem na terra para ensinar aos homens” - é absurdamente inexato e não explica coisa alguma.

se. Mas, quando chega a hora, florescem.<sup>120</sup> . . . . .

275. Porém, se vieste preparado, então não tenhas medo.

276. A partir de agora o teu caminho está aberto para cruzares o portal de Virya, o quinto dos Sete Portais. Estás agora no caminho que leva ao porto de Dhyana, o sexto, o portal de Bodhi.

277. O portão de Dhyana é como um vaso de alabastro, branco e transparente. Dentro dele arde um fogo dourado e constante, a chama de Prajna, que se irradia de Atma.

278. Tu és este vaso.

279. Tu te afastaste dos objetos dos sentidos, viajaste pelo “Caminho da visão”, pelo “Caminho da escuta”, e ficaste diante da luz do Conhecimento. Agora chegaste ao estado de Titiksha.<sup>121</sup>

280. Ó, Narjol, estás em segurança.

281. Sabe, ó Vencedor dos Pecados, que assim que um Sowane<sup>122</sup> atravessa o sétimo Caminho, toda a natureza vibra com uma profunda e respeitosa alegria, e se sente submissa. A estrela prateada transmite agora com seu brilho a notícia para as flores noturnas, o córrego transmite a história para as suas pedras; as ondas escuras do oceano a contam, rugindo, para as rochas cobertas de espuma; brisas carregadas de aromas cantam a notícia para os vales, e pinheiros imponentes murmuram, misteriosamente: “Surgiu um Mestre, um MESTRE DO DIA.”<sup>123</sup>

282. Ele se ergue agora como uma coluna branca a Oeste, sobre cuja face o Sol nascente do pensamento eterno lança as suas ondas mais gloriosas. Sua mente se estende pelo espaço sem praias como um oceano calmo e sem limites. Ele tem a vida e a morte em sua mão forte.

---

<sup>120</sup> Uma referência às paixões e pecados humanos que são eliminados durante as provações do noviciado, e que servem como um solo bem fertilizado no qual os “germes sagrados” ou sementes das virtudes transcendentais podem germinar. As virtudes, talentos ou dons pré-existentes ou *inatos* são vistos como tendo sido adquiridos em um nascimento anterior. Um gênio tem, sem exceção, um talento ou aptidão trazido de outro nascimento.

<sup>121</sup> *Titiksha* é o quinto estado de *Raja Yoga* - um estado de suprema indiferença; submissão, se necessário, ao que é chamado de “prazeres e dores por todos”; mas sem experimentar prazer nem dor a partir de tal submissão. Em resumo, é o fato de tornar-se fisicamente, mentalmente e moralmente indiferente e insensível tanto a prazer quanto a dor.

<sup>122</sup> *Sowane* é aquele que põe em prática *Sowan*, o primeiro caminho em *Dhyana* - um *Srotapatti*.

<sup>123</sup> “Dia” significa aqui um *Manvântara*, um período de uma duração incalculável.

283. Sim, ele é poderoso. O poder vital libertado nele, aquele poder que é ELE PRÓPRIO, pode erguer o tabernáculo da ilusão acima dos Deuses, acima do grande Brahm e de Indra. Agora ele irá certamente obter sua grande recompensa!

284. Ele não usará os dons que lhe são dados para obter seu próprio descanso e sua bem-aventurança, sua bem merecida felicidade e sua glória - ele, que venceu a Grande Ilusão?

285. Não, ó aspirante à sabedoria oculta da Natureza! Para quem quer seguir os passos do santo Tathágata, aqueles dons e poderes não pertencem ao Eu.

286. Queres colocar, assim, uma barragem para conter as águas nascidas no Sumeru <sup>124</sup> ? Irás desviar a correnteza para o teu próprio uso, ou a mandarás de volta para a sua fonte primordial, ao longo dos pontos mais altos dos ciclos?

287. Se queres que a corrente de conhecimentos da Sabedoria que nasce dos céus - duramente obtida por ti - permaneça sendo como uma água que se movimenta docemente, então não deves permitir que ela se transforme num lago estagnado.

288. Deves saber que, se queres ser um colaborador de Amitabha, a “Idade Ilimitada”, então, assim como fazem os dois Bodhisattvas <sup>125</sup>, deves transmitir ao longo de todos os três mundos <sup>126</sup> a luz adquirida.

289. Deves saber que a corrente de conhecimento super-humano e a Sabedoria dos Devas que conquistaste devem ser derramados a partir de ti - um canal de Alaya - para outro leito.

290. Deves saber, ó Narjol - tu que és do Caminho Secreto - que as águas puras desta corrente devem ser usadas para tornar mais suaves as amargas ondas do Oceano, aquele poderoso mar de sofrimento formado pelas lágrimas dos homens.

291. Ah! Quando tiveres te tornado como uma estrela fixa no mais elevado dos céus, esta clara esfera celeste deverá brilhar desde as profundezas do espaço para todos - exceto para si mesma; ela deve transmitir a luz a todos, mas não tirá-la de ninguém.

292. Ah! Quando tiveres te tornado como a pura neve nos vales das montanhas, fria e insensível ao toque, mas quente e protetora para a semente que dorme bem abaixo dela - é esta neve que deve receber o frio destruidor, os ventos do norte, defendendo assim do seu dente agudo e cruel a terra que contém a prometida colheita, a colheita que alimentará os famintos.

---

<sup>124</sup> O monte Meru, a montanha sagrada dos Deuses.

<sup>125</sup> Na simbologia do budismo do norte, considera-se que Amitabha ou “Espaço Infinito” (Parabrahman) tem em seu paraíso dois *Bodhisattvas* - Kwan-shi-yin e Taishishi - que sempre irradiam luz sobre os três mundos em que eles viveram, inclusive o nosso próprio mundo (veja a próxima nota, abaixo), para ajudar com esta luz (do conhecimento) a instrução dos Iogues, que, por sua vez, salvarão os homens. A posição elevada deles no reino de Amitabha se deve a ações realizadas pelos dois, como Iogues, quando estavam na Terra, diz a alegoria.

<sup>126</sup> Estes três mundos são os três planos da existência, o terrestre, o astral e o espiritual.

293. Condenado por ti mesmo a viver durante futuros Kalpas <sup>127</sup>, sem agradecimento e sem ser percebido pelos homens, encaixado como uma pedra entre as outras incontáveis pedras que formam o “Muro de Proteção”<sup>128</sup> - este será o teu futuro, se passares pelo sétimo Portão. Construído pelas mãos de muitos Mestres da Compaixão, erguido pelas suas agonias, cimentado com o seu sangue, este muro defende a humanidade desde que o homem é homem, protegendo-a de misérias e sofrimentos muito maiores.

294. E no entanto o homem não o vê, não o percebe, nem dá atenção à palavra da Sabedoria . . . . . porque ele não tem conhecimento.

295. Mas tu escutaste, tu sabes de tudo, tu, Alma dedicada e sem astúcia . . . . . e tu deves escolher. Portanto, escuta mais uma vez.

296. No Caminho do Sowan, ó Srotapatti <sup>129</sup>, tu estás seguro. Sim, naquele Marga <sup>130</sup> em que só a escuridão vem ao encontro do peregrino exausto, em que as mãos feridas por espinhos derramam sangue, os pés são cortados por pedras agudas e inflexíveis e Mara tem os seus braços mais fortes - *logo depois* há uma grande recompensa.

297. Calmo e imperturbável, o Peregrino avança pela correnteza que leva ao Nirvana. Ele sabe que quanto mais os seus pés sangrarem mais estará purificado. Ele sabe bem que dentro de sete breves e passageiros renascimentos o Nirvana será seu . . . . .

298. Este é o Caminho de Dhyana, o porto seguro do Iogue, a meta abençoada que os Srotapattis buscam.

299. Não será assim quando ele tiver cruzado e vencido o Caminho do Aryahata. <sup>131</sup>

300. Nele Klesha <sup>132</sup> é destruído para sempre, e as raízes de Tanha <sup>133</sup> são arrancadas. Mas espera, Discípulo . . . . . Uma palavra ainda. Tu podes destruir a divina COMPAIXÃO? A compaixão não é um atributo. Ela é a Lei das LEIS - eterna Harmonia, o EU de Alaya; a essência

<sup>127</sup> Ciclos que incluem várias eras.

<sup>128</sup> O “Muro de Proteção” ou “Muro Protetor”. O ensinamento afirma que os esforços acumulados de grande número de gerações de Iogues, Santos e Adeptos, e especialmente de *Nirmanakayas*, criaram de certo modo um muro de defesa ao redor da humanidade, que a protege invisivelmente de males ainda maiores do que aqueles que são percebidos.

<sup>129</sup> *Sowan* e *Srotapatti* são termos sinônimos.

<sup>130</sup> *Marga* - Caminho.

<sup>131</sup> Do sânscrito “Arhat ou “Arhan”.

<sup>132</sup> *Klesha* é o amor pelo prazer ou pela satisfação mundana, boa ou má.

<sup>133</sup> *Tanha*, a vontade de viver, que causa o renascimento.

universal sem praias, a luz do que é eternamente Correto, a adequação de todas as coisas, a lei do Amor eterno.

301. Quanto mais tu te tornares um com ela - com o teu ser dissolvendo-se no SER dela -, quanto mais tua Alma se unir com aquilo que É, mais tu te tornarás ABSOLUTA COMPAIXÃO.<sup>134</sup>

302. Este é o Caminho Árya, o caminho dos Buddhas da perfeição.

303. Contudo, pergunto o que significam os textos sagrados, que te fazem dizer:

304. “OM! Creio que não são todos os Arhats que colhem os doces resultados do Caminho Nirvânico.”

305. “OM! Creio que nem todos os Buddhas entram no Nirvana-Dharma.”<sup>135</sup>

306. Sim, no Caminho Árya tu já não és Srotapatti, és um Bodhisattva.<sup>136</sup> A corrente foi atravessada. É verdade que tens direito à vestimenta de Dharmakaya; mas o Sambhogakaya é maior que um habitante do Nirvana, e maior ainda é o Nirmanakaya - o Buddha de Compaixão.<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> Esta “compaixão” não deve ser vista como o “Deus, ou amor divino” dos teístas. Compaixão significa aqui uma lei abstrata, impessoal, cuja natureza, sendo absoluta Harmonia, é lançada em confusão por discórdia, sofrimento e pecado.

<sup>135</sup> *Thegpa Chenpoido*. “Mahayana Sutra”, “Invocação aos Buddhas de Compaixão”, Parte I, iv. Na fraseologia do budismo do norte, todos os grandes Arhats, Adeptos e Santos são chamados de Buddhas.

<sup>136</sup> Um *Bodhisattva* é, na hierarquia, menos que um “Buddha perfeito”. Na linguagem exotérica, é muito comum confundir os dois. No entanto, a percepção popular, espontânea e correta, coloca, devido ao autossacrifício, o Bodhisattva acima de um Buddha como um objeto de reverência.

<sup>137</sup> Esta mesma reverência popular chama de Buddhas de Compaixão aqueles Bodhisattvas que, tendo alcançado o nível de um Arhat (isto é, tendo completado o *quarto* ou *sétimo* Caminho), se recusam a passar para o estado nirvânico ou a “usar o manto de *Dharmakaya* e cruzar para a outra margem”, porque assim ficaria fora do seu alcance ajudar os homens, ainda que dentro do pouco que o Carma permite. Eles preferem permanecer invisivelmente presentes no mundo (em espírito, digamos) e contribuir para a salvação dos homens influenciando-os a seguir a Boa Lei, isto é, conduzindo-os pelo Caminho da Retidão. Faz parte do budismo exotérico do norte homenagear todos estes grandes personagens como Santos, e oferecer até mesmo orações a eles, assim como os gregos e os católicos fazem em relação a seus santos e protetores; por outro lado, os ensinamentos esotéricos não aprovam tais práticas. Há uma grande diferença entre os dois ensinamentos. O leigo exotérico dificilmente conhece o verdadeiro significado da palavra *Nirmanakaya* - e isso explica a confusão e as explicações inadequadas dos Orientalistas. Por exemplo, Schlagintweit acredita que o corpo-*Nirmanakaya* significa a forma física adotada pelos Buddhas quando eles encarnam na terra - “o menos sublime dos seus fardos terrestres” (ver “Buddhism in Tibet”) - e ele prossegue construindo uma visão inteiramente falsa do assunto. O verdadeiro ensinamento, no entanto, é o seguinte.

Os três corpos ou formas Búdicas são:

- i. *Nirmanakaya*.
- ii. *Sambhogakaya*.
- iii. *Dharmakaya*.

307. Inclina agora tua cabeça e escuta bem, ó Bodhisattva - a Compaixão fala, e ela diz: “Pode haver bem-aventurança quando tudo que vive é obrigado a sofrer? Tu serás salvo, enquanto escutas o mundo todo chorar?”

308. Agora ouviste o que foi dito.

309. Alcançarás o sétimo estágio e atravessarás o portão do conhecimento final, mas apenas para te ligares à dor. Se queres ser Tathágata, segue os passos do teu predecessor, permanece sem egoísmo até o final interminável.

310. Tu estás iluminado - escolhe o teu caminho.

.....

311. Olha a agradável luz que inunda o céu do Oriente. O céu e a terra se unem em sinais de louvor. Dos quatro Poderes manifestados, surge um canto de amor -; tanto da chama do Fogo como do fluir da Água; e da Terra de cheiro doce; e do rápido Vento.

312. Escuta! . . . . do vórtice insondavelmente profundo da luz dourada que banha o Vencedor, surge em um milhar de tons a voz sem palavras de TODA A NATUREZA para proclamar:

313. FELICIDADE PARA VOCÊS, Ó HOMENS DE MYALBA.<sup>138</sup>

314. UM PEREGRINO RETORNOU “DA OUTRA MARGEM”.

---

A primeira é aquela forma etérea que o indivíduo assumiria quando, deixando o seu corpo físico, aparecesse em seu corpo astral – mas tendo por acréscimo todo o conhecimento de um Adepto. O Bodhisattva desenvolve esta forma em si mesmo enquanto avança pelo Caminho. Tendo alcançado a meta e recusado tirar proveito dela, ele permanece na Terra como um Adepto; e quando morre, ao invés de ir ao Nirvana, ele permanece naquele corpo glorioso que teceu para si próprio, invisível para a humanidade não-iniciada, cuidando dela e protegendo-a.

*Sambhogakaya* é o mesmo, mas com o esplendor adicional das “três perfeições”, uma das quais é a completa obliteração de toda preocupação terrestre.

O corpo *Dharmakaya* é o corpo de um Buddha completo, isto é, não é corpo algum, mas um sopro ideal: Consciência unida à Consciência Universal, ou Alma destituída de qualquer atributo. Uma vez que passa a ser um *Dharmakaya*, um Adepto ou Buddha deixa para trás toda possível relação com, ou pensamento em função de, esta terra. Assim, para tornar-se capaz de ajudar a humanidade, um Adepto que conquistou o direito ao Nirvana “renuncia ao corpo *Dharmakaya*”, na linguagem mística: ele mantém, do *Sambhogakaya*, apenas o grande e completo conhecimento, e permanece no seu corpo *Nirmanakaya*. A Escola Esotérica ensina que Gautama Buddha, com vários dos seus Arhats, é um destes *Nirmanakayas*, e que, devido à sua grande renúncia e ao seu sacrifício pela humanidade, não há nenhum mais elevado que ele.

<sup>138</sup> *Myalba* é a nossa terra - corretamente chamada de “Inferno”, e o maior dos infernos, pela Escola Esotérica. A Doutrina Esotérica não conhece qualquer inferno, ou lugar de punição, exceto um planeta que carrega uma humanidade, uma Terra. *Avitchi* é um estado, não um local.

315. UM NOVO ARHAN NASCEU.<sup>139</sup>

316. PAZ A TODOS OS SERES.<sup>140</sup>

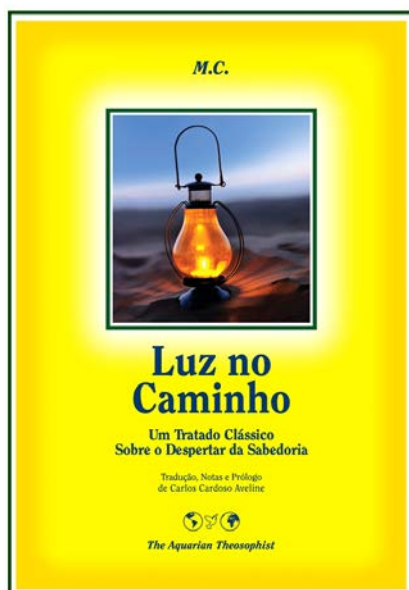
## [Final de “A Voz do Silêncio”]

000

Copyright, Carlos Cardoso Aveline.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000

---

<sup>139</sup> Esta frase significa que nasceu mais um Salvador da humanidade, que irá levar seres humanos ao Nirvana final, isto é, até além do ciclo de vidas.

<sup>140</sup> Esta é só uma das variações da fórmula que segue invariavelmente cada Tratado, Invocação ou Instrução. Pode ser “Paz a todos os seres”, “Bênçãos a tudo que vive”, etc., etc.